

cr | s s
cr * s s

Intervention program in nightlife,
leisure and socialization venues to raise awareness
and prevent GBV behaviours – including LGBTIphobia –
linked to sexual violence and substance use

PROGRAMA DE FORMAÇÃO
Para profissionais que
trabalham em ambientes de
diversão noturna e
socialização para
prevenir e combater a
violência de género (GBV)



This publication has been produced by ABD as a part of the Consortium implementing the project CRISSCROSS - Intervention program in nightlife, leisure and socialisation venues to raise awareness and prevent GBV behaviours - including LGBTIphobia - linked to sexual violence and substance use (ref:10109670). This report was produced in the scope of the activities implemented under Work Package 2 (WP2) – “CRISSCROSS Intervention Program” led by ABD.

Consortium partners

Asociación Bienestar y Desarrollo - ABD (Barcelona, Spain) – Project coordinator
 Kosmicare (Porto, Portugal)
 Universidad de Sevilla – US (Sevilla, Spain)
 Fondazione ACRA (Milan, Italy)
 COOPERATIVA LOTTA CONTRO L’EMARGINAZIONE ONLUS (Milan, Italy)
 4motion - education for social change (Luxembourg, Luxembourg)
 Health Service Executive - HSE (Dublin, Ireland)

More information is available on the website: <https://crisscrossproject.org/>
 CRISSCROSS ©, 2024

Authors of the publication

Jordi Navarro (Energy Control, ABD)
 Elisenda Nieto (Sexus, ABD)
 Ismael Fernández (Sexus, ABD)

CRISSCROSS Team

Lara Rot Pla, Mireia Munté Martín, Teresa Peset Segador, Marina Fancelli, Elisenda Nieto, Aria López, Konstantina Logkari, Ismael Fernández López, Jordi Navarro López, from ABD
 Michele Spreafico, Michele Curami, Alida La Paglia, Lucia Maggioni, Chiara Baggio, Marirosa Iannelli from ACRA
 Cecilia Gaboardi, Rita Gallizzi, Tiziana Bianchini, Davide Bombini, Greta Testa, Ilaria Scavo, Camilla Mozzoni, Martina Vites, Giorgia Sernicola from COOPERATIVA LOTTA CONTRO L’EMARGINAZIONE.
 Cristiana Vale Pires, Helena Valente, Bruna Viático, Joana Castro from Kosmicare
 Alex Loverre, Carlos Paulos, Adriana Pinho, Lynn Hautus, Fabienne Gorges, Samaneh Pakzad, Feliz Alijaj from 4motion
 María Otero Vázquez, Nicola Corrigan, Nicki Killeen, Ruth Armstrong from the HSE

Special thanks to the CRISSCROSS Expert Council for their comments, contributions and insights

Observatori Noct@mbulas, Spain
 Viviane Lima, CESAS - Centre national de référence pour la promotion de la santé affective et sexuelle (Luxembourg)
 Miguel Martinho, Ravers Care Corner | Kosmicare, Portugal
 Áine Travers, University College Dublin, Ireland
 Elisa Virgily, Università degli Studi di Milano Bicocca, Italy

Graphic design by Chiara Baggio Lucia Maggioni

Graphic layout by Lucia Maggioni

Correspondent author: international@abd-ong.org

This report was co-founded by the European Union’s CERV-2022-DAPHNE Primary Prevention.

This report's content represents the authors' views and is their sole responsibility. The European Commission does not accept any responsibility for the use that may be made of the information it contains.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO

1.1. METODOLOGIA

1.2. LINHAS ORIENTADORAS PARA A IMPLEMENTAÇÃO

BLOCO 1 - Sexualidades e afetividade entre jovens em espaços de lazer e educação não formal

- Sessão 1: Teoria Geral sobre a Diversidade Sexual
- Sessão 2: Intervenção, saúde e gênero + Apresentação do exercício prático 1
- Sessão 3: Exercício prático 1: Primeira abordagem a um ambiente de diversão noturna
- Sessão 4: Aplicação da metodologia da mudança comportamental (the *Behaviour Change Wheel Model*)

BLOCO 2 - Gestão e Prevenção do Consumo de Drogas

- Sessão 1: Introdução básica à Redução de Riscos
- Sessão 2: Formação básica sobre as substâncias mais consumidas pela população jovem + Apresentação do exercício prático 2
- Sessão 3: Exercício prático: Observação do consumo de drogas em ambientes de diversão noturna
- Sessão 4: Aplicação da metodologia da mudança comportamental

BLOCO 3 - Detecção e prevenção da violência em contextos de risco

- Sessão 1: Teoria Geral sobre a Violência
- Sessão 2: Violência Sexual: Detecção, prevenção e cuidado na intervenção + Apresentação do exercício prático 3
- Sessão 3: Exercício prático: Violência em ambientes noturnos e de lazer
- Sessão 4: Aplicação da metodologia da mudança comportamental

BLOCO 4 - Como aplicar o Modelo da Mudança Comportamental

- **Sessão 1: Desenho de uma intervenção**
- **Sessão 2: Prática 4. Implementar uma intervenção**
- **Sessão 3: Análise e Avaliação**

1. INTRODUÇÃO

Este guia descreve o conteúdo para conceber e implementar o programa de formação do projeto CRISSCROSS. O programa visa capacitar **profissionais que trabalham com jovens e adolescentes no sentido de sensibilizar e prevenir a violência de género, incluindo incidentes de violência LGBTifóbica, em ambientes de diversão noturna e socialização entre jovens.**

Devido à natureza internacional do projeto, a conceção e implementação desta formação transportam a complexidade e a necessidade de adaptação a contextos culturais altamente diversos. Tais especificidades devem ser abordadas através do conhecimento local, exigindo o ajuste de dinâmicas e materiais para envolver eficazmente o público-alvo. Como tal, **a formação CRISSCROSS constitui uma estrutura ou enquadramento temático geral onde cada parceiro deve incorporar e abordar as suas realidades, recorrendo a materiais próprios.**

1.1. METODOLOGIA

Esta formação tem a duração de **40 horas**, organizada em **quatro blocos** subdivididos em áreas temáticas, desenvolvidas num total de **17 sessões**.

Das 40 horas, **20 horas serão dedicadas ao enquadramento teórico** necessário para desenvolver a perspetiva proposta pelo projeto CRISSCROSS. Para tal, cada bloco incidirá sobre um tema diferente: sexualidades e género; consumo de substâncias, riscos e prazeres; violência sexual centrada na pessoa agressora.

As restantes **20 horas** serão dedicadas a exercícios práticos que consolidarão a teoria lecionada em contextos específicos, desenvolvendo ao mesmo Duração a metodologia de intervenção que pretendemos propor. Assim, as sessões iniciais de cada bloco serão dedicadas ao tema específico do bloco e as duas últimas serão sempre destinadas à abordagem metodológica.

1.1.1. Desenvolvimento dos temas de intervenção

Para a **abordagem teórica** dos temas específicos, propomos uma metodologia participativa baseada em **exercícios com materiais audiovisuais e outros** que apresentem os temas de forma atrativa, dando espaço e valor ao conhecimento prévio das pessoas formandas. Para tal, é importante adaptar os materiais aos contextos tanto das pessoas formadoras como das pessoas formandas, deixando claro que esta adaptação não se refere à modificação dos temas ou à perspetiva através da qual devem ser abordados, objetivando apenas facilitar as sessões, pelo que é importante rever os prólogos de cada bloco para efeitos de familiarização com a proposta.

1.1.2. Desenvolvimento da metodologia de intervenção - Modelo da Mudança Comportamental

A formação CRISSCROSS dá grande ênfase à aquisição de conhecimentos através de exercícios práticos em contextos reais de intervenção que desafiem as pessoas formandas. Assim sendo, uma parte importante das práticas será **contrastar no campo a validade das abordagens teóricas**. Outra questão fundamental será **dotar as pessoas participantes de ferramentas práticas e competências especializadas para a intervenção em ambientes de diversão noturna**.

Para tal, recriaremos num quadro pedagógico a sequência de técnicas e elementos necessários à implementação de uma intervenção, incluindo a **visita a locais de diversão noturna**. É

necessário que quem implementa esta formação escolha cuidadosamente os espaços onde os exercícios serão realizados. O principal critério de seleção deverá ser que as pessoas formadoras **tenham realizado previamente intervenções naquele local**, uma vez que é importante saber orientar em ambientes de diversão noturna e fornecer ferramentas testadas para interagir com segurança e enriquecer o processo de aprendizagem. É também essencial ter em conta que as práticas devem ocorrer em **espaços seguros** e evitar estritamente espaços onde ocorra regularmente violência direta.

A metodologia de intervenção assume o **Modelo da Mudança Comportamental** proposto por Susan Michie et al. (2011), que identifica três elementos necessários à mudança:

- A **capacidade** psicológica e física de uma pessoa para realizar um determinado comportamento ou atividade.
- A **oportunidade** ou fatores sociais e físicos que facilitam um comportamento específico.
- A **motivação** para a mudança, que incluiria tanto processos automáticos relacionados com as emoções como com os impulsos; e processos reflexivos relacionados com o planeamento e a avaliação do próprio potencial.

Embora este modelo forneça um quadro útil para diagnosticar comportamentos e conceber intervenções, reconhecemos as suas limitações ao abordar fenómenos socioculturais complexos como a violência de género. Especificamente, o Modelo da Mudança Comportamental está enraizado em paradigmas da ciência comportamental e da Redução de Riscos, o que pode correr o risco de simplificar excessivamente a natureza estrutural e sistémica da violência. O projeto CRISSCROSS não nega que os comportamentos individuais são expressões de desigualdades sociais mais amplas e que a violência de género está profundamente enraizada nas estruturas culturais, sociais e políticas.

Assim, embora no projeto CRISSCROSS o Modelo da Mudança Comportamental seja utilizado como uma ferramenta prática para analisar e intervir em comportamentos específicos, tal é feito num quadro mais amplo que reconhece as raízes estruturais da violência de género. A nossa formação visa integrar este entendimento, combinando *insights* comportamentais com perspetivas críticas sobre a desigualdade, a dinâmica de poder e as normas culturais. As pessoas formadoras são incentivadas a adaptar esta abordagem, garantindo que qualquer metodologia utilizada é sistemática, fundamentada teoricamente e contextualizada dentro das realidades da violência de género em ambientes de diversão noturna.

1.1.3. Desenvolvimento de teoria para diagnóstico

Doren Massey (2012), geógrafa feminista, define “espaço” e “lugar” da seguinte forma: “espaço” refere-se às infraestruturas necessárias para que determinadas práticas sociais ocorram; e o “lugar” seria moldado pelas práticas que ocorrem no espaço. Por exemplo, um “espaço” seria a sala polivalente de um centro cívico e, dependendo das atividades que nele se desenvolvam, tornar-se-á o “lugar” onde fazemos yoga, danças de salão ou formação sobre sexualidades.

O mesmo acontece no espaço público, uma praça pode ser um lugar onde as pessoas jogam futebol de manhã e um lugar de consumo de substâncias à noite (2012). Sarah Pink et al. (2019) extrapola a teoria de Massey para o âmbito digital, entendendo a esfera digital como um lugar de prática social, criando assim um continuum entre as realidades *offline* e online.

Em linha com a orientação de Aurelio Díaz (1999), o nosso passo inicial passará pela **seleção de “Zonas Alvo”**. Segundo o autor, esta etapa representa a abordagem mais fundamental para a compreensão do consumo de substâncias psicoativas. A nossa abordagem implica a realização de um levantamento etnográfico inicial numa área onde acreditamos que ocorrem as práticas e o consumo visados, com base nos contributos de informantes-chave ou em informações pré-diagnósticas. Para delinear estas “Zonas Alvo”, adotaremos a definição de Massey, que considera a **intersecção do Duração e do espaço para identificar práticas específicas**. Isto envolve delimitar **geograficamente** o nosso lugar (e.g., uma praça), delimitar **Duraçõalmente** (e.g., sábado à noite) e definir a **principal prática observada** que nos interessa (e.g., consumo de álcool). Uma vez definida a “Zona Alvo”, poderemos iniciar o processo de diagnóstico.

O projeto CRISSCROSS propõe uma **metodologia etnográfica**. Embora a etnografia exija normalmente muito Duração e uma presença contínua no campo de estudo, o que a torna inadequada para este tipo de diagnóstico, aqui propomos uma forma de etnografia rápida que nos permitirá radiografar as “Zonas Brancas” num prazo adequado.

Max Gluckman (2003 [1958]) propõe a análise de **“situações sociais”** entendidas como um Duração e um lugar que condensa um grande número de práticas significativas para um grupo ou sociedade. Gluckman considera que a análise destas situações sociais, desde que as consigamos contextualizar num quadro global, permitirá desenvolver uma análise geral (2003 [1958]). Isto é algo que devemos ter em conta na seleção das “Zonas Alvo”, que as práticas observadas sejam suficientemente representativas do grupo que pretendemos intervir. Por exemplo, o consumo excessivo de álcool dentro da prática do consumo excessivo de álcool. Para definir e/ou identificar as práticas representativas do grupo que pretendemos diagnosticar, neste caso, como não queremos um diagnóstico sistemático ou funcional e para facilitar o processo de aprendizagem, utilizaremos apenas a experiência das pessoas formadoras nas áreas de intervenção, poupando-nos o anterior trabalho prospetivo.

Por fim, a formação CRISSCROSS oferecerá duas formas de realização dos exercícios práticos:

- 1- Presencial, com visitas a ambientes de diversão noturna para realização de observação participante e trabalho de campo em geral.
- 2- O formato online, que consistirá na análise de documentos audiovisuais e redes sociais relacionados com o lazer e a vida noturna.

Na linha de Sarah Pink (2019), entenderemos a esfera digital como um lugar de prática ao mesmo nível da esfera *offline* e, por isso, suscetível de ser analisada de forma semelhante. Assim, os dois percursos devem ser encarados como complementares e não como alternativos, o que exige que as pessoas formadoras escolham os materiais digitais adequados. Por exemplo, se na esfera *offline* olharmos para o parque de estacionamento de uma discoteca, os materiais online relevantes podem ser as redes dessa discoteca ou um *YouTube* a falar com pessoas que bebem excessivamente.

As técnicas para a realização dos exercícios práticos estarão descritas no cronograma de atividades de cada workshop. Mais uma vez, devem ser entendidos como uma proposta ou sugestão que pode ser adaptada aos conhecimentos e capacidades das pessoas formadoras e formandas.

1.2. LINHAS ORIENTADORAS PARA A IMPLEMENTAÇÃO

A. INTRODUÇÃO DOS BLOCOS

O conteúdo está dividido em quatro blocos temáticos, cada um introduzido com um prólogo que delinea não só os temas, mas também a perspectiva teórica a partir da qual serão abordados. É crucial ler e compreender estes prólogos, pois servem como quadro de referência que orienta as sessões.

Dentro de cada bloco será incluída uma lista de recursos de referência, compreendendo:

a) Uma compilação de recursos bibliográficos e audiovisuais é oferecida às pessoas formadoras para aprofundarem as teorias que servem de estrutura. A sua revisão é especialmente recomendada para aquelas que não estão familiarizadas com os conceitos ou as teorias específicas. Contudo, é importante salientar que, embora existam inúmeros outros documentos que abordam estes temas, os aqui disponibilizados abordam-nos na perspectiva proposta pela formação CRISSCROSS, recomendando-se a sua revisão.

b) Um link para uma pasta do Google Drive contendo materiais sugeridos para o desenvolvimento da sessão.

B1. FICHAS DE SESSÃO

Cada bloco integra **sugestões de planos de sessão e fichas de trabalho para facilitar a organização das sessões**. Estas fichas servem como guia de ação fundamental que os parceiros necessitam de adaptar aos seus contextos únicos dentro do quadro geral fornecido. Incorporam exemplos concretos de materiais e atividades, elaborados especificamente para os contextos socioculturais com os quais a ABD se envolve na Catalunha. É essencial considerar a sua adaptação antes da sua utilização. Para facilitar este processo a todos os parceiros que operam sob um quadro unificado, foram também incluídas **orientações sobre a seleção de materiais** e a modificação de atividades para satisfazer necessidades específicas de formação.

Exemplo de uma ficha de sessão:

BLOCO:	<i>Este espaço fará referência ao bloco e à sessão a que pertencem os materiais propostos</i>	
Sessão:		
Visão geral da sessão		
<i>Este espaço incluirá uma descrição geral da sessão, especificando objetivos concretos e temas a abordar, bem como a duração estimada</i>		
Duração	Conteúdo	Descrição
<i>Este espaço indicará quanto tempo iremos dedicar a cada tema.</i>	<i>Este espaço indicará o enunciado do tema que deverá ser abordado nesta secção temporal da sessão.</i>	<i>Este espaço fará um breve desenvolvimento da perspetiva com que o tema deverá ser abordado e as atividades sugeridas para o desenvolver.</i>

B2. FOLHAS DE MATERIAIS

Cada sessão vem acompanhada de uma folha de recursos que inclui **sugestões de materiais a utilizar durante a sua implementação**. Os materiais fornecidos podem ser audiovisuais, atividades, dinâmicas, perguntas para facilitar as discussões...

Esta ficha também fornece **critérios de inclusão e orientação para conceber e adaptar recursos personalizados**.

Ficha de materiais:

MATERIAIS	
BLOCO: Sessão:	<i>Este espaço fará referência ao bloco e à sessão a que pertencem os materiais propostos</i>
Conteúdo	Material proposto pela ABD
<i>Este espaço especificará o conteúdo da sessão com o qual os materiais estão relacionados.</i>	<i>Este espaço incluirá exemplos específicos de atividades e materiais desenhados com base nas realidades com que a ABD trabalha.</i>
	Critérios para a seleção de materiais
	<i>Este espaço incluirá os critérios necessários para que uma atividade ou material seja incluído para trabalhar este tema.</i>

C. FICHAS PRÁTICAS

Cada bloco terminará com um **exercício prático**. O objetivo destes exercícios é simular, num contexto educativo, os **passos necessários para conceber e implementar uma intervenção baseada nos princípios teóricos e ideológicos do projeto CRISSCROSS**. O exercício resultante de cada bloco deverá ser entendido como uma etapa do processo global, com conclusão no último bloco, onde os exercícios anteriores serão estruturados de forma a formar uma intervenção hipotética.

Serão propostas duas abordagens: **online e presencial**. No formato **presencial** são necessárias observações orientadas pelas pessoas formadoras em ambientes de diversão noturna, bem como uma intervenção de duas horas nesses espaços. O formato **online** será realizado através da análise de documentos audiovisuais ou escritos que possam ser considerados etnográficos por refletirem ou representarem com veracidade aspetos sobre os quais pretendemos intervir.

Para facilitar o processo de adaptação num quadro comum a todos os parceiros, oferecemos orientações para a seleção de espaços ou materiais, bem como exemplos do nosso contexto.

Ficha prática:

BLOCO: PRÁTICA:		<i>Este espaço referir-se-á ao bloco ao qual pertence o exercício.</i>
Descrição do exercício		
<i>Este espaço incluirá uma descrição geral da sessão, especificando objetivos concretos e temas a abordar, bem como o tempo estimado</i>		
Formato presencial		
Critérios de inclusão na escolha dos locais de observação	Exercício proposto	Resultado esperado
<i>Este espaço indicará os critérios de seleção dos locais de observação.</i>	<i>Este espaço incluirá os exercícios específicos a realizar no local de observação.</i>	<i>Este espaço indicará o resultado esperado dos exercícios e os critérios de avaliação dos mesmos.</i>
Formato online		
Critérios de inclusão	Exercício proposto	Resultado esperado
<i>Este espaço indicará os critérios de seleção dos materiais considerados etnográficos.</i>	<i>Este espaço incluirá os exercícios específicos a realizar com o material.</i>	<i>Este espaço indicará o resultado esperado dos exercícios e critérios de avaliação dos mesmos.</i>

BIBLIOGRAFIA

- Díaz, A. (1999). *El estudio de las drogas en sociedades distintas: Problemas metodológicos en contextos, sujetos y drogas: Un manual sobre drogodependencias*. Grupo Igia y colaboradores.
 - Gluckman, M. (2003) [1958]: "Análisis de una situación social na Zululandia moderna", en Bricolage. *Revista de Estudiantes de Antropología Social*, 1(1), 34-49. Universidad Autónoma Metropolitana Iztapalapa, México.
 - Massey, D. (2012). Un sentido global de lugar. In Albert, A, & Benach, B. (2012). Doreen Massey. *Un sentido global de lugar*. Icaria.
 - Rosa, S., Horst, H., Postil, J., Hjorth, L., Lewis, T., & Tacchi, J. (2019). *Etnografía digital. Principios y práctica*. Ediciones Morata SL.
- Susan Michie et al. (2011). "The behaviour change wheel: A new method to characterising and designing behaviour change interventions." *Implementation Science*, 6(42). 10.1186/1748-5908-6-42

BLOCO 1

-

Sexualidades e
afetividade entre
jovens em espaços
de lazer e educação
não formal

-

- **Sessão 1: Teoria Geral sobre a Diversidade Sexual**
- **Sessão 2: Intervenção, saúde e género + Apresentação do exercício prático 1**
- **Sessão 3: Exercício prático 1: Primeira abordagem a um ambiente de diversão noturna**
- **Sessão 4: Aplicação da metodologia da mudança comportamental**



TEORIA GERAL SOBRE O GÉNERO E A SEXUALIDADE

O sistema sexo-género descrito por Gayle Rubin (1986) é um modelo de organização social que explica as desigualdades de género, desassociando-as de interpretações de base biológica. Desta forma, a subordinação cultural das mulheres e dos corpos feminizados explica-se pela rede de significados e relações sociais atribuídas ao sexo biológico.

Simone de Beauvoir (1949) já tinha alertado que o género articula a construção da diferença sexual, através da qual se definem as posições sociais ocupadas por mulheres e homens, caracterizadas pela desigualdade e pela hierarquia. Por exemplo, os conceitos de masculinidade ou feminilidade referem-se a práticas, atitudes, comportamentos e expectativas atribuídas a homens ou mulheres. Assim, existem modelos naturalizados e legitimados socialmente e os seus atributos configuram-se, negociam-se e modificam-se em cada contexto social.

Neste sentido, Raewyn Connell (1995) considera o género como uma estrutura hierárquica da prática social, onde as subjetividades que detêm o poder (homens) são tão importantes como as posições subordinadas que permitem e sustentam o regime de desigualdades. Posteriormente, Mónica de Martino (2013) combinou os modelos teóricos de Pierre Bourdieu e Connell para discutir as “estratégias de masculinização”. Neste contexto, as pessoas navegam nesta estrutura de prática social de acordo com as suas possibilidades e desejos, traçando estratégias que lhes permitam aumentar o seu prestígio social e atingir os seus objetivos.

Neste seguimento, Judith Butler (1990) afirma que o género deve ser entendido como uma repetição ritualizada de gestos corporais e de “atos de fala” (Butler, 1990); aquilo a que chamou de performatividade de género, conceito que nos permite pensar como a construção de corporeidades e subjetividades sexuais são efeito de um regime coercivo que regula e hierarquiza as diferenças de género. Para Butler, a performatividade não implica que os atos de género sejam realizados conscientemente ou que sejam meramente performances teatrais. Em vez disso, a performatividade refere-se ao processo através do qual as pessoas reiteram as normas de género socialmente impostas. Estes atos repetidos reforçam e naturalizam as ideias do que significa ser homem ou mulher numa determinada sociedade. Contudo, uma vez que estas normas devem ser constantemente reiteradas, também estão sujeitas a subversão e mudança.

Centrando-nos agora nas sexualidades, Maurice Godelier (2000), e bem na nossa opinião, localiza o papel das sexualidades nas sociedades humanas. As sexualidades são entendidas como estando inseridas em estruturas sociais como as acima descritas. Para Godelier, existe um diálogo entre o social e o sexual – todas as sociedades humanas regulam de algum modo os atos sexuais, privilegiando uns, estigmatizando outros, dotando-os de significados políticos, sociais, etc.

Segundo Marcela Lagarde (2005) “a sexualidade é um complexo de fenómenos biosocioculturais que inclui pessoas, grupos e relações sociais, instituições, conceções do mundo – sistemas de representações, simbolismo, subjetividade, éticas diversas, linguagens –, e, claro, poder”. Isto significa que a experiência da sexualidade de uma pessoa é mediada pela biologia, pelas desigualdades de género, pela cultura e pelas relações de poder, bem como por fatores como a idade ou o estatuto social e económico.

No entanto, Godelier alerta-nos que estas sobreposições sociopolíticas não devem obscurecer a característica fundamental da atividade sexual: o sexo dá-nos prazer. Neste sentido, quando falamos da sexualidade como um campo mediado por estruturas de poder, é importante esclarecer que uma das suas consequências é a violência, e quando a violência ocorre nas

nossas relações afetivo-sexuais, já não estamos a falar de sexualidade. Como refere Candela (2022), "se é violência, não é sexualidade. As relações sexuais não consensuais não existem - chamam-se agressões. (...) A violência sexual não é uma consequência da sexualidade; é uma consequência de uma sociedade desigual. (...) A sexualidade conduz ao prazer, ao desejo e ao bem-estar".

Assim, é fundamental compreender que a dinâmica da violência no âmbito da sexualidade serve um propósito de dominação e controlo, e não a procura do prazer. Sem aprofundarmos muito este assunto, que será abordado mais à frente no Bloco 3, importa realçar como as sociedades ocidentais tenderam a globalizar uma construção particular das sexualidades, que poderíamos caracterizar da seguinte forma:

1. **Biológica:** A sexualidade é concebida como um facto natural que decorre da fisiologia, da anatomia e da perpetuação da espécie humana. Principalmente no caso das mulheres, concentra-se na fase fértil e na reprodução.
2. **Sexista:** Sobrevaloriza e privilegia o prazer masculino, naturalizando os seus desejos. Por outro lado, o prazer feminino é invisibilizado e as mulheres são objetificadas, desumanizando-as enquanto pessoas e aos seus desejos sexuais.
3. **Binária:** Não considera as pessoas que não estão incluídas no sistema normativo sexo-género-sexualidades.
4. **Coitocêntrica:** A penetração pénis-vagina tem um papel preponderante e é considerada a prática mais prazerosa. Além disso, o objetivo da prática sexual é o orgasmo e outras práticas são completamente invisíveis. Sob esta perspetiva, a atividade sexual está centrada na genitalidade.
5. **Heteronormativa:** Baseia-se na suposta complementaridade ideal entre homens cisgénero e mulheres cisgénero, ou seja, nas relações sexuais e afetivas heterossexuais. Centra-se na reprodução, invalidando práticas sexuais que não tenham esse objetivo.
6. **Idealizada:** Supõe vivenciar a sexualidade através de um modelo socialmente imposto baseado em fazer parte de um casal monogâmico. As mulheres sofrem uma maior pressão para cumprir este mandato e são questionadas socialmente quando não o fazem.
7. **Adultocêntrica:** Parte do ponto de vista da pessoa adulta para compreender comportamentos e necessidades relacionadas com as sexualidades.
8. **Ageista:** A infância e a velhice não são tidas em conta e as vivências das sexualidades nestas fases são marginalizadas.
9. **Fatfóbica:** Invisibiliza, ridiculariza, exclui e viola as pessoas com excesso de peso por não cumprirem os mandatos estabelecidos de beleza corporal.
10. **Capaz:** As pessoas com deficiência ou diversidade funcional não são corpos desejáveis, devem adaptar-se à norma ou serão excluídas. As suas sexualidades não são entendidas como mais uma possibilidade de diversidade.
11. **Racista:** Promove estereótipos estigmatizantes contra pessoas racializadas e pessoas de diferentes origens culturais.

A forma de compreender as sexualidades no quadro do projeto CRISSCROSS está ligada, por um lado, a uma perspetiva de género, reconhecendo como as desigualdades influenciam e moldam a experiência da sexualidade, e por outro, a uma perspetiva de prazer, visando acompanhar o desenvolvimento das sexualidades de um ponto de vista positivo. Centrando-se particularmente na sexualidade dos corpos feminizados, Carol Vance (1989) realça a forma como esta tem sido caracterizada pela tensão entre o perigo e o prazer:

“A sexualidade é simultaneamente um domínio de restrição, repressão e perigo, e um domínio de exploração, prazer e agência. Concentrar-se apenas no prazer e na gratificação ignora a estrutura patriarcal dentro da qual as mulheres operam; no entanto, concentrar-se apenas na violência sexual e na opressão ignora a experiência das mulheres no domínio da agência e da escolha sexual e, involuntariamente, aumenta o terror sexual e o desamparo com que as mulheres vivem.” (1989, p. 9).

Neste sentido, a abordagem que aqui se apresenta trabalhará as complexidades da sexualidade ao colocar também o prazer no centro, promovendo uma visão positiva ligada à exploração, à autoconsciência e à conexão através do desejo. Seguindo a dicotomia apontada por Vance, abordar a sexualidade na perspectiva do prazer significa considerar os aspetos positivos, prazerosos e benéficos para a saúde que ela traz. Isto implica desafiar mitos, tabus e falsas crenças sobre a sexualidade, ao mesmo tempo que fornece ferramentas para compreender os nossos corpos e os seus limites, de forma a promover relações baseadas no consentimento e no prazer.

GLOSSÁRIO SOBRE SEXUALIDADES

Incorporamos um glossário básico sobre alguns dos conceitos discutidos ou que emanam da abordagem teórica da sexualidade:

Assexual: Pessoa que sente pouco ou nenhum interesse em ter “atividade sexual”, ou que sente pouca ou nenhuma “atração sexual”. A assexualidade faz parte das orientações sexuais. Dentro da assexualidade, existe muita diversidade em termos de vários aspetos, como a atração romântica ou a afetividade.

Binarismo de género: Conceção social baseada na ideia da existência de apenas dois géneros, homem-homem e mulher-mulher.

Bissexual: Uma pessoa que sente atração sexual, romântica ou emocional por mais do que um género, ou independentemente do género. Faz parte das orientações sexuais.

Cisgénero: Uma pessoa que se identifica com o género que lhe foi atribuído à nascença.

Disforia de género: Diagnóstico patológico que se refere a pessoas com aversão à própria genitália e ao próprio corpo. Há muito tempo, e ainda em muitos países, este diagnóstico foi e ainda é necessário para se poder fazer a mudança de nome nos documentos oficiais. Esta exigência patologiza a transexualidade, e a sua anulação para validação de processos de transição é ainda uma luta do movimento LGBTQIA+. A Organização Mundial de Saúde (OMS) retirou a transexualidade da lista de doenças em 2018.

Expressão de género: O género é culturalmente expresso através do corpo, do vestuário, do penteado, das atitudes ou dos papéis. Na nossa sociedade, existem expectativas sociais em relação à expressão de género de um homem ou de uma mulher. A expressão de género de uma pessoa não tem de coincidir com o seu sexo, identidade de género, orientação e/ou preferência sexual.

Gay: Um homem que sente atração sexual, romântica ou emocional por outros homens. Faz parte das orientações sexuais.

Pessoa não binária: Alguém que não se identifica apenas como homem ou mulher. Identificam-se além dos géneros tradicionais. Podem identificar-se com ambas as identidades, com nenhuma delas, com outros géneros...

Género: Constructo sociocultural que determina o que se entende por masculino e feminino. Está relacionado com a identidade e o comportamento das pessoas e é aprendido através de um processo de socialização.

Heteronormatividade: Conceção social que entende a heterossexualidade como “normativa” e desejável, gerando dinâmicas de exclusão para tudo o que não a conforma. Implica a assunção de que todas as pessoas são heterossexuais, ou a crença de que as pessoas heterossexuais são “normais”.

Heterossexual: Uma pessoa que sente atração física ou afetiva por pessoas do sexo oposto. Faz parte das orientações sexuais.

Identidade de género: Dimensão de género que se refere à forma como cada pessoa se identifica ou se percebe. As categorias binárias de identidade de género são “masculino” e “feminino”, mas também existem opções no espectro não binário (e.g., género fluído, género queer, agénero). A

identidade de género pode corresponder ao género que lhe foi atribuído à nascença com base na sua genitália (cisgénero) ou não corresponder (transgénero).

Intersexo: Pessoa que nasce com características sexuais (primárias ou secundárias) que não se enquadram nas definições médicas de homem ou mulher. Existe uma grande diversidade de condições intersexo. Esta variação não está relacionada com a identidade de género, a expressão de género e a orientação ou preferências sexuais.

LGBTQIA+: Lésbicas, gays, bissexuais, trans, intersexo. Esta sigla é comumente utilizada para se referir a identidades, orientações e sexualidades socialmente oprimidas e marginalizadas. Existem variações em que as letras são adicionadas ou omitidas, ou reordenadas, e o sinal “+” representa todos os outros tipos não incluídos na sigla.

Lésbica: Uma mulher que sente atração sexual, romântica ou emocional por outras mulheres. Faz parte das orientações sexuais.

LGBTQIA+fobia: Medo, rejeição ou aversão, muitas vezes sob a forma de atitudes estigmatizantes ou comportamentos discriminatórios, em relação às **peessoas LGBTQIA+**.

Orientação sexual: Atração emocional, sexual ou afetiva que sentimos por outra pessoa. Relaciona-se com a direção do nosso desejo. Podemos sentir isso em relação a pessoas do mesmo género (homossexualidade), do género oposto (heterossexualidade), de qualquer género (bissexualidade/pansexualidade) ou não o sentir em relação a nenhum género (assexualidade). Existe uma grande variedade de formas de configuração da orientação sexual e de categorias para a definir.

Pansexual: Uma pessoa que sente atração física ou afetiva por outras pessoas, independentemente do seu sexo ou género. Faz parte das orientações sexuais.

Relações poliamorosas/pessoa poliamorosa: As relações poliamorosas caracterizam-se pelo estabelecimento de laços, de forma íntima, com mais do que uma pessoa, com consentimento e interesse claro de todas as partes envolvidas na relação.

Sexo: Características biológicas e físicas como cromossomas, hormonas, genitais externos e internos e órgãos reprodutivos. A ciência classificou-os em 3 categorias: masculino, feminino e intersexo. Também se pode referir a práticas sexuais.

Sexo biológico: Categoria binária para definir o conjunto de características biológicas dos corpos (órgãos genitais internos e externos, carga hormonal ou cromossomas). Historicamente, foram reconhecidos dois sexos, o masculino e o feminino, embora existam corpos que não se enquadram nos padrões de um ou de outro, conhecidos como corpos intersexo.

Sistema sexo-género: Estrutura social que atribuiu significados culturais às diferenças sexuais. A partir das diferenças biológicas entre as pessoas, articulou-se historicamente uma rede de relações, símbolos e papéis que definimos como “género”, que posicionaram homens e mulheres em situação de desigualdade.

Trans*: (Ver Transexual)

Transexual: Pessoas com identidade de género diferente do género atribuído à nascença, ou que não se conformam com os padrões binários e estereotipados do sistema sexo-género. A palavra trans e um asterisco são utilizados como uma categoria abrangente que inclui todas as expressões e identidades de género não normativas.

Transgénero: Pessoa que não se identifica com o género atribuído à nascença, mas não necessita de passar por um processo de transformação baseado em tratamentos hormonais ou cirurgias.

Transição: O processo ou diversidade de processos que levam uma pessoa a questionar o género que lhe foi atribuído à nascença e a encontrar um caminho para se sentir confortável com a sua expressão de género. As transições são processos muito diversos e pessoais. As pessoas podem submeter-se a tratamentos médicos, como cirurgia ou tratamento hormonal, fazer alterações na aparência física ou na roupa, mudar o nome ou os pronomes, ou não mudar absolutamente nada.

BIBLIOGRAFIA

Beauvoir, S. (2005) [1949]. El segundo sexo. Ediciones Cátedra.

Mordomo, J. (1990). El género en disputa. Paidós.

Connell, R. W. (1987). Gender and power. Sydney: Allen & Unwin.

De Martinho, M. (2013). "Connell y el concepto de masculinidades hegemónicas: Notas críticas desde la obra de Pierre Bordieu". Revista de Estudios Feministas, 21(1). Universidade Federal de Santa Catarina.

Godelier, M. (2000). Cuerpo, parentesco y poder: Perspectivas antropológicas y críticas, Cap I: Cuerpo, Abya-Yala, Ecuador, pp. 55-89.

Lagarde, M. (2005). Los cautiverios de las mujeres: Madresposas. Universidad Nacional Autónoma de México.

Rubin, G. (1986). "El tráfico de mujeres: Notas sobre la "economía política" del sexo.". Revista Nueva Antropología, 8(30). Universidad Nacional Autónoma de México.

BLOCO 1- Sexualidades e afetividade entre jovens em espaços de lazer e educação não formal

Sessão 1: Teoria Geral sobre a Diversidade Sexual

Visão geral da sessão

Duração: 3 horas

Esta primeira sessão oferecerá uma perspetiva geral sobre a perspetiva de género e a diversidade sexual. Aqui devem ser estabelecidas as bases conceptuais que mais tarde nos permitirão abordar questões como o preconceito, a violência ou o estigma. É também a sessão introdutória do projeto e a primeira vez que todas as pessoas irão partilhar um espaço, por isso, é importante reservar tempo para as apresentações.

Objetivos:

- Compreender a categoria de género como uma estrutura que sustenta, legitima e reproduz as desigualdades entre homens e mulheres.
- Diferenciar entre: sexo/género/expressão de género/orientação do desejo/prática sexual.
- Fazer uma ronda de apresentações e dar a todas as pessoas a oportunidade de serem nomeadas com o pronome ou pronomes que as representam.

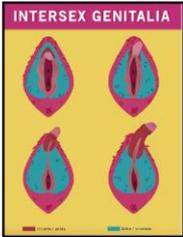
Duração	Conteúdo	Descrição
20'	Apresentação do projeto CRISSCROSS	Apresentação da(s) pessoa(s) formadora(s), explicação do conteúdo e objetivos da formação, e possibilidade de colaboração no piloto (a definir, número de participantes e condições). Importante: Se utilizarmos em sessões futuras materiais que consideramos sensíveis, com violência explícita, ou que simplesmente suspeitamos que possam causar desconforto, devemos avisar neste momento.
20'	Apresentação das pessoas participantes	Neste ponto, devemos apresentar, destacando o respeito pela diversidade e dando oportunidade a cada pessoa de expressar o seu género, utilizando o pronome com que deseja ser abordada. Dinâmica: Participaremos numa atividade de introdução, que variará consoante o tamanho do grupo. Deve permitir-nos dirigir-nos às pessoas participantes pelos nomes e pronomes que preferirem.
25'	Quem sou eu? Diferenças	Começaremos por explicar as diferenças entre sexo e género. Dinâmica:

	entre sexo e género.	<ul style="list-style-type: none"> - Dividiremos a turma em grupos de acordo com o número de participantes e apresentaremos dois cães fantasiados como pessoas. Metade dos grupos escolherá um cão e os restantes escolherão o outro. - De seguida, pediremos que imaginem uma vida para o cão escolhido. - Dar-lhes-emos entre 5 e 10 minutos para discutir o assunto dentro dos grupos e depois facilitaremos um debate geral.
15'	Sexo biológico e intersexualidade	Com base na atividade anterior, iremos perguntar quantos sexos existem (feminino/intersexo/masculino). Discutiremos a intersexualidade como um facto biológico comum e utilizá-la-emos para começar a quebrar conceções binárias de género.
20'	Identidade de género e expressão de género. Os Muxes	<p>Neste ponto, devemos compreender as duas dimensões que compõem o género, dando espaço para refletir sobre a identidade e a expressão de género. É importante explicar como a nossa agência desempenha um papel na definição do nosso género, mas também como a estrutura social nos lê com base em estereótipos de género.</p> <p>Dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mostraremos, através de materiais audiovisuais, um exemplo de pessoas com expressão de género não normativa. Utilizaremos o exemplo do povo Muxe, no México, como prova de que a dissidência de género e a diversidade de identidades e expressões é uma realidade que não é exclusivamente ocidental nem moderna. - De seguida, facilitaremos um debate em torno dos materiais audiovisuais.
25'	Género e desigualdade	<p>Neste ponto, é necessário explicar o género como uma construção cultural e histórica, enfatizando o seu papel como estrutura promotora de desigualdade.</p> <p>Dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Formaremos um círculo ou uma fila com as pessoas participantes. Serão lidas declarações sobre experiências vividas de forma diferente consoante o género, e as pessoas darão um passo em frente caso tenham vivenciado alguma das situações descritas. - Observaremos coletivamente quem deu o passo mais longe e daremos espaço para reflexões pessoais sobre os exemplos partilhados. Isto ajudará a conectar a teoria com a realidade vivida pelas pessoas formandas. Será oferecido um espaço de escuta ativa e empatia como prática de cuidado ao longo da atividade.
30'	Revisão dos conceitos	Neste momento, mostraremos o gráfico da diversidade sexual, colocando os conceitos já explicados e começando a preencher os que faltam.

		<p>Dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Primeiramente, serão colocadas as quatro categorias: Sexo/género/expressão de género/orientação do desejo/prática sexual. - Depois, coletivamente, precisaremos de preencher o quadro.
5'	Encerramento da sessão	Concluiremos, especificando o dia e a hora da próxima sessão.

MATERIAIS	
BLOCO 1 - Sexualidades e afetividade entre jovens em espaços de lazer e educação não formal	
Sessão 1: Teoria Geral sobre a Diversidade Sexual	
Conteúdo	Material proposto pela ABD
<p>Apresentação do projeto CRISSCROSS</p>	<p>Atividade de introdução:</p> <p>Apresentamos a formação e damos um aviso de conteúdo. A seguir, propomos um jogo.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Todas as pessoas devem ter um papel e uma caneta. - Num dos lados, deverão escrever “substituir” ou “manter” consoante pretendam ver o conteúdo ou preferiram que seja substituído. Ao responder, surge uma pergunta: Qual é a primeira coisa que vem à cabeça quando digo a palavra sexo? Ouvimos algumas pessoas e deixamos as respostas no ar. - Começamos o jogo: do outro lado do papel, todas as pessoas devem desenhar as palavras que a pessoa formadora diz em voz alta. Diremos as palavras “casa”, “flor” e “pessoa”. Serão dados cinco segundos para desenhar cada palavra. - Obteremos resultados semelhantes ao exemplo acima. De seguida, recuperamos as respostas que deixamos no ar (Qual a primeira coisa que vem à cabeça quando digo a palavra sexo?) para estabelecer uma comparação e explicar de forma rápida e sucinta os estereótipos como uma simplificação da realidade.  - Terminamos por recolher os papéis dobrados com os desenhos virados para o exterior para posteriormente os rever, caso seja necessário alterar algum conteúdo.
	<p>Critérios para a seleção de materiais</p>
	<p>O aviso de conteúdo nunca deve expor as pessoas à violência que pretendemos mostrar. Para o efeito, devemos considerar:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Avise com antecedência o tipo de conteúdo que será utilizado antes do dia da sessão em que será exibido. - Forneça canais privados e anónimos onde as pessoas possam expressar o seu desconforto sem serem identificadas. - Em caso algum serão solicitadas explicações, detalhes ou avaliação da relevância do pedido. Simplesmente, o desejo manifestado pela pessoa será atendido. - Previamente, devemos ter uma alternativa para qualquer material que consideremos

	sensível, com violência explícita, ou que simplesmente suspeitemos que possa causar desconforto.
Apresentação das pessoas participantes	Material proposto pela ABD
	<p>Dinâmica de apresentação: Como podem existir grupos até 50 pessoas, realizar uma dinâmica de apresentação muito complexa pode ser inviável. Por isso, oferecemos várias modalidades dentro da mesma ideia.</p> <p>Se for um grupo pequeno:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pedimos a todas as pessoas que se levantem e depois pedimos a uma pessoa que se coloque onde quiser na sala. - De seguida, perguntamos o nome, os pronomes, algo de que gosta muito e algo de que não gosta. Neste ponto, o resto das pessoas deve posicionar-se mediante se concorda totalmente com as preferências (ao lado da pessoa apresentadora), se concorda parcialmente (a média distância) ou se não concorda de todo com essas preferências (do lado oposto da sala). - Depois de todas as pessoas terem apresentado esta dinâmica, facilitamos um debate. - Comparamos a diversidade das preferências quotidianas com a diversidade sexual, enfatizando que não existem melhores práticas ou escolhas que outras. <p>Questões para facilitar a atividade:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Por que razão acham que nos apresentamos dessa forma? <p>Se for um grupo grande, a dinâmica proposta não funcionará porque será demasiado longa e impraticável. Ao invés, sugerimos a seguinte dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Peça às pessoas participantes que durante o decorrer da formação, na primeira vez que falarem em público, se apresentem pelo nome, pronomes, indicando algo de que gostam e algo de que não gostam. - Reserve um momento no final da sessão para refletir sobre o mesmo. A diferença será que teremos apenas exemplos das pessoas que participaram nesta sessão. - No futuro, as pessoas que falarem pela primeira vez na formação dirão apenas o nome e os pronomes.
	Critérios para a seleção de materiais
<p>A dinâmica que introduzimos deverá permitir-nos dirigir-nos às pessoas usando os nomes e pronomes que preferirem.</p> <p>Para isso, precisamos de:</p>	

	<ul style="list-style-type: none"> - Um ambiente seguro: Antes de iniciar a formação, devemos deixar claro que não será tolerada qualquer forma de violência. Embora as pessoas participantes sejam livres para expressar as suas opiniões e sentimentos, não há espaço para considerações, crenças ou ideologias que neguem identidades ou estigmatizem práticas. - Nunca obrigaremos ninguém a participar nas atividades.
<p>Quem sou eu? Diferenças entre sexo e género.</p>	<p>Material proposto pela ABD</p> <p>Foto de dois cães</p>  <p>Questões para discussão:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Qual é o nome deles? - Qual é o género deles? - Do que é que gostam? - Que trabalhos realizam?? <p>Critérios para a seleção de materiais</p> <p>Neste caso, propomos um exercício complexo; apenas as pessoas têm género, não os objetos e os animais.</p> <p>Para substituir este exemplo, deve ser considerado o seguinte na seleção de um material audiovisual:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Deve permitir discutir a diferença entre sexo e género. - Deverá efetivamente realçar alguns elementos culturais que constroem o género independentemente do sexo biológico. Neste caso, roupa.
<p>Sexo biológico e intersexualidad e</p>	<p>Material proposto pela ABD</p> <p>Recorrendo ao material gráfico proposto, iremos explicar as semelhanças morfológicas entre um clitóris e um pénis.</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div data-bbox="359 1727 542 1964">  </div> <div data-bbox="587 1742 815 1951">  </div> </div> <p>Questões para discussão:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O zigoto é masculino ou feminino? - Existem mais pessoas ruivas ou intersexo? (ruivas: 1,5% / Intersexo: 1,7%) <p>Conhecem alguém intersexo?</p>

	<p>Porque não conhecemos ninguém intersexo se estatisticamente são tão relevantes?</p> <p>Critérios para a seleção de materiais</p> <p>Podemos utilizar qualquer material que nos permita discutir o tema, mas devemos deixar claro que existe mais diversidade para além dos materiais fornecidos.</p>
<p>Identidade de género e expressão de género.</p> <p>Os Muxes</p>	<p>Material proposto pela ABD</p> <p>Vídeo sobre os Muxes: Povo de origem zapoteca, em cuja cultura existe um género denominado Muxe: pessoas que nascem com pénis cujo género é Muxe, e a sua expressão de género é fluída, pois culturalmente podem adotar papéis e expressões tanto masculinos como femininos.</p> <p>https://www.youtube.com/watch?v=rFC9P9Sk0eM&ab_channel=HBOMaxLatinoam%C3%A9rica</p> <p>Questão para discussão:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A diversidade de identidades e expressões de género é algo moderno e/ou ocidental? <p>Critérios para a seleção de materiais</p> <p>Se quisermos substituir este exemplo, devemos considerar:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fornecer um exemplo claro de expressões de género e géneros não normativos. - Se possível, ir além do contexto ocidental. - Certificarmo-nos de que existe informação acessível caso alguém queira aprofundar o exemplo.
<p>Género e desigualdade</p>	<p>Material proposto pela ABD</p> <p>Uma lista de afirmações sobre experiências em que existe desigualdade de género. Alguns exemplos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Dê um passo em frente se já recebeu um comentário com desejo ou intenção sexual enquanto caminhava na rua.</i> - <i>... se numa conversa teve de pedir autorização para falar porque outras pessoas estavam a monopolizar a conversa ou a interromper a sua fala.</i> - <i>... se justificou uma conquista não assumindo o crédito pelo seu próprio sucesso ("Tive sorte", "foi uma coincidência", "tive ajuda", "foi mais fácil do que deveria ter sido...").</i>

- ... se alguém comentou o seu corpo sem que lhe perguntasse.
- ... se alguém perguntou de forma depreciativa se era rapaz ou rapariga.
- ... se alguém usou mal o seu pronome ou se referiu a si pelo seu "nome morto".

Critérios para a seleção de materiais

Se quisermos substituir estes exemplos, devemos considerar:

- Se são situações em que existe um evidente preconceito de género na forma como são vivenciadas de acordo com a identidade de género.
- Se são situações em que se podem perceber estas desigualdades de género, referindo-se não só às mulheres cisgénero, mas também às pessoas feminizadas, às pessoas trans e às pessoas não binárias.

Se quisermos substituir a dinâmica, devemos considerar:

- Se é um exercício que permite conectar a teoria com a experiência vivida e a realidade quotidiana das pessoas participantes.
- Se o exercício confronta as pessoas participantes com as suas próprias atitudes, valores e crenças sobre género (preconceitos, sexualização, estereótipos, formas de controlo, infantilização, desvalorização, etc.) e que seja feito de forma gentil, oferecendo apoio em todos os momentos (antes, durante e depois da sessão). Isto inclui proporcionar mais tempo para falar, a possibilidade de falar em privado, a opção de não participar, coletivizar experiências, dar/receber apoio e referir recursos, se necessário.

Revisão dos conceitos

Material proposto pela ABD

SexualidadES			
SEXO	GÉNERO	EXPRESIÓN DE GÉNERO	ORIENTACIÓN/PREFERENCIA DEL DESEO SEXUAL Y/O ROMÁNTICO
Dentro de la norma:			
HEMBRA	MUJER CIS	FEMENINA	HETEROSEXUAL
MACHO	HOMBRE CIS	MASCULINA	ALOSEXUAL
Fuera de la norma:			
INTERSEX*	TRANS*	MUJER MASCULINA	HOMOSEXUAL
	MUJER TRANS	HOMBRE FEMENINO	LESBIANA
	HOMBRE TRANS	ANDROGINIA	GAY
	NO BINARIE	FEMINIDAD NO BINARIA	BISEXUAL
	AGÉNERO	MASCULINIDAD NO BINARIA	PANSEXUAL
	GÉNERO FLUIDO	ESTÉTICAS NO NORMATIVAS	ASEXUAL
	BIGÉNERO	GESTUALIDAD NO NORMATIVA	DEMISEXUAL
	GÉNERO NEUTRO	PLUMA	ARROMANTICISMO
Hay mucha diversidad de genitales Intersex*		

Podemos utilizar um quadro branco e anotar à mão os exemplos e as categorias enquanto são mencionados em voz alta.

Utilizamos um pictograma com símbolos e fotografias impressos em cartolina laminada, que fixamos no quadro branco com fita-cola

Primeiro, anexamos as categorias e depois distribuimos os pedaços de cartão pelas pessoas formandas

Cada pessoa deverá colocar o seu cartão onde considerar adequado.

Crítérios para a seleção de materiais

Se quisermos dar exemplos de pessoas famosas ou socialmente importantes com um determinado género, orientação sexual, etc., devemos escolher apenas aquelas que manifestaram publicamente essa preferência e nunca impor ou pressupor opções.

BLOCO 1 - Sexualidades e afetividade entre jovens em espaços de lazer e educação não formal

Sessão 2: Intervenção, saúde e género

Visão geral da sessão

Duração: 3 horas

Nesta sessão, precisamos de estabelecer a perspetiva a partir da qual as pessoas formadoras intervêm. Para isso, serão apresentados elementos específicos e explicada a forma como são utilizados numa intervenção.

Objetivos:

- Compreender as intervenções em saúde como um ato político.
- Explicar a utilização de diferentes elementos para intervir nos ambientes de diversão noturna: jogos de cartas, métodos contraceptivos, etc.
- Proporcionar uma visão ampla das sexualidades, afastando-se do coitocentrismo/falocentrismo.
- Compreender os ambientes de diversão noturna numa perspetiva política.

Duração	Conteúdo	Descrição
5'	Apresentação da sessão	Apresente o conteúdo da sessão.
15'	Preconceitos e Hegemonia (1)	Devemos refletir sobre a forma como o discurso hegemónico molda a nossa compreensão das intervenções em saúde. Intervir é político. Dinâmica: - Coletivamente, iremos analisar dois vídeos. Um dos vídeos apresenta humoristicamente como seriam os anúncios televisivos de substâncias como a cocaína ou a heroína. O outro é uma publicidade real a uma marca de bebidas alcoólicas. - Depois, facilitaremos um debate.
15'	Preconceitos e Hegemonia (2)	Devemos refletir sobre a forma como o discurso hegemónico molda a nossa compreensão das intervenções em saúde. Intervir é político. Dinâmica: - Coletivamente, iremos assistir ao vídeo de um motim na prisão Modelo, em Barcelona. Ouviremos e analisaremos as opiniões das pessoas jornalistas

		<p>que o cobriram.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Depois, facilitaremos um debate.
15'	Como Intervir nas Sexualidades – Contraceptivos	<p>Partindo da ideia de que toda a intervenção tem um contexto ideológico e político, apresentaremos diferentes elementos que habitualmente utilizamos para a intervenção e a perspetiva que empregamos.</p> <p>Dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Coletivamente, demonstraremos a diversidade de métodos contraceptivos disponíveis. - Explicaremos dinâmicas e atividades para a distribuição de preservativos e como evitar discursos falocêntricos.
15'	Como Intervir nas Sexualidades – Infecções Sexualmente Transmissíveis	<p>Partindo da premissa de que toda a intervenção tem um contexto ideológico e político, apresentaremos diferentes elementos que habitualmente utilizamos para a intervenção e a perspetiva que empregamos.</p> <p>Dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Jogaremos o jogo de cartas sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) do SEXus.
20'	Como Intervir nas Sexualidades – material diverso	<p>Partindo da premissa de que toda a intervenção tem um contexto ideológico e político, apresentaremos diferentes elementos que habitualmente utilizamos para a intervenção e a perspetiva que empregamos.</p> <p>Dinâmica</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apresentaremos os diferentes elementos que compõem o stand SEXus como uma abordagem para intervir em espaços de lazer com jovens. - A partir deles, explicaremos a abordagem que fazemos a vários temas: ciclo menstrual, diversidade corporal, diversidade de práticas, métodos contraceptivos, etc.
20'	Sexualidades, hegemonia e espaços de lazer	<p>Analisaremos criticamente a utilização das sexualidades em atividades promocionais de ambientes de diversão noturna.</p> <p>Dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Dividiremos as pessoas em grupos e exibiremos um vídeo promocional de um ambiente de diversão noturna. - Daremos tempo aos grupos para analisarem e depois facilitaremos uma discussão.

5'	Encerramento da sessão	Concluiremos, especificando o dia e a hora da próxima sessão.
----	-------------------------------	---

MATERIAIS	
BLOCO 1 - Sexualidades e afetividade entre jovens em espaços de lazer e educação não formal	
Sessão 2: Intervenção, saúde e género	
Conteúdo	Material proposto pela ABD
<p>Preconceito s e Hegemonia 1</p>	<p>Vídeo: E se as drogas fossem publicitadas na televisão</p> <p>Vídeo: Anúncio do Belvedere</p> <p>Questões para discussão:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Acham os anúncios comparáveis? - Que estereótipos de género vêm? - A sexualidade é utilizada para promover substâncias?
	<p>Critérios para a seleção de materiais</p>
	<p>Podemos utilizar qualquer material ou outros exemplos audiovisuais; o importante é mostrar algum aspeto onde possamos analisar o duplo padrão que surge do discurso hegemónico.</p> <p>Devemos considerar:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Deve ser um material que ressoe com os perfis a que nos dirigimos. - Deve demonstrar um duplo padrão em alguns aspetos relacionados com a sexualidades e/ou com substâncias psicoativas. - Deve permitir analisar estereótipos ou preconceitos de género, relacionados com a sexualidades e/ou com o consumo.
<p>Preconceito s e Hegemonia 2</p>	<p>Material proposto pela ABD</p>
	<p>Vídeo "Geração Vaquilla" (minuto 00:23:35)</p> <p>Este é um fragmento de um documentário que mostra um motim na prisão Modelo em Barcelona. O motim é liderado por Juan José Moreno Cuenca, conhecido por "Vaquilla".</p> <p>As razões do motim incluem a exigência de melhorias nas condições de vida, o fim dos abusos e o fornecimento de heroína. No documentário, duas pessoas jornalistas expressam as suas opiniões sobre o motim, julgando que a principal motivação para o mesmo é o consumo de substâncias.</p>

	<p>Questões para discussão:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Consideram as demandas legítimas? - Concordam com as pessoas jornalistas? - Consideram as ações de Vaquilla um ato político? - Teriam concedido as exigências apresentadas? <p>Critérios para a seleção de materiais</p> <p>O material selecionado deve demonstrar uma ação que defende os direitos relacionados com a saúde e que tem sido questionada devido à estigmatização de quem a lidera.</p> <p>Considerações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Deve representar um protesto ou exigência de um grupo específico. - Deve haver alguém a analisar esta situação, e essa pessoa deve basear a sua análise em preconceitos e estigmas. - O grupo representado deverá estar familiarizado com os perfis que pretendemos abordar.
<p>Como intervir nas sexualidades - Contracetivos</p>	<p>Material proposto pela ABD</p> <p>Tipos de contraceptivos: preservativo exterior, preservativo interior, faixa de látex e dedeira.</p> <p>Critérios para a seleção de materiais</p> <p>Não adaptável; devemos mostrar todos os métodos disponíveis.</p>
<p>Como Intervir nas Sexualidades – Infecções Sexualmente Transmissíveis</p>	<p>Material proposto pela ABD</p> <p>Utilizaremos um jogo de cartas que associa cada IST aos fluídos que a transmitem.</p> <p>O objetivo é destacar o desafio de praticar atividades sexuais evitando líquidos específicos, dependendo da IST em discussão.</p> <p>Critérios para a seleção de materiais</p> <p>Podemos utilizar qualquer dinâmica ou jogo que nos ajude a relacionar cada IST com os fluídos específicos que as transmitem, ao mesmo tempo que nos permite abordar a diversidade das práticas sexuais.</p>

<p>Como Intervir nas Sexualidades – material diverso</p>	<p>Material proposto pela ABD</p> <p>Durante as intervenções nos stands, exibimos os seguintes materiais para abordar as sexualidades e a promoção da saúde:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Material preventivo: vários métodos contraceptivos e lubrificantes com diferentes sabores, materiais e cores. - Material erótico: exposição de diversos brinquedos sexuais. - Material de gestão menstrual: métodos e produtos para a gestão menstrual, descartáveis ou reutilizáveis, naturais ou sintéticos, sem sangue... - Material de apoio educativo: modelos anatómicos do pénis e a vulva, clitóris, material contraceptivo.  <p>Critérios para a seleção de materiais</p> <p>Podemos utilizar quaisquer dinâmicas ou elementos que nos permitam abordar os aspetos que cada parceiro considera importantes nas suas intervenções no que diz respeito à promoção das sexualidades.</p>
<p>Sexualidades, hegemonia e espaços de lazer</p>	<p>Material proposto pela ABD</p> <p>Vídeo: modelo para a promoção de um clube</p> <p>Questões para discussão:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Que elementos são explicitamente promovidos? E implicitamente? - Diriam que existem mais pessoas homens ou mulheres? - O que fazem neste espaço? - O que diz a letra da canção? - Que tipos de consumo são realizados? - Que tipo de local imaginam que seria? - Acham que é uma boa proposta de lazer? <p>Critérios para a seleção de materiais</p> <p>Podemos utilizar qualquer vídeo promocional de qualquer tipo de festa; apenas precisamos de deixar claro que, tal como uma intervenção, organizar uma festa é também uma ação política.</p>

BLOCO 1 - Sexualidades e afetividade entre jovens em espaços de lazer e educação não formal

Sessão 2: Apresentação do exercício prático

Visão geral da sessão

Duração: 1 hora

As sessões anteriores ao exercício prático serão utilizadas para o apresentar e apresentar os materiais utilizados para o mesmo. Nesta sessão, explicaremos adicionalmente os três elementos considerados no Modelo da Mudança Comportamental.

Objetivos:

- Apresentar a estrutura do Modelo da Mudança Comportamental: os três elementos que devemos ter em conta para gerar mudança.
- Apresentar um local de observação ou material etnográfico para análise.
- Escrever uma questão de investigação de acordo com o espaço ou materiais apresentados

Duração	Conteúdo	Descrição
5'	Apresentação da sessão	<p>Apresente as atividades.</p> <p>Além disso, caso pretenda utilizar qualquer material que possa ser potencialmente sensível ou ofensivo nas próximas sessões, é necessário fornecer um aviso de conteúdo neste momento. Isto permitirá às pessoas a oportunidade de expressar qualquer desconforto antecipadamente e em privado. Caso alguém o solicite, devemos substituir o material, sem nos envolvermos em discussões sobre o assunto.</p>
20'	Estrutura do Modelo da Mudança Comportamental	<p>A explicação irá focar-se nos três elementos que o Modelo da Mudança Comportamental tem em conta. Pensaremos em indicadores que nos permitam reconhecê-los:</p> <p>a) Capacidade: definida como a competência pessoal para promover a mudança, incluindo conhecimentos, capacidades físicas e psicológicas, etc.</p> <p>b) Oportunidade: refere-se aos fatores ambientais que dificultam ou promovem a mudança.</p> <p>c) Motivação: processos mentais que promovem e tornam a mudança desejável, influenciados por elementos atitudinais, emocionais ou sociais</p> <p>Dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Será visionado o fragmento proposto do filme <i>Reservoir Dogs</i>, ou o material

		<p>selecionado por cada parceiro.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Depois disso, será facilitada uma discussão.
30'	<p>Apresentação de espaços, técnicas e materiais para a parte prática</p>	<p>Devemos começar por esclarecer que, para a parte prática da formação, as pessoas podem optar pelo formato online ou presencial. Será alocado tempo adequado para o processo de seleção e formação do grupo.</p> <p>1. Formato online</p> <p>Propomos a análise de um documento considerado etnográfico, desde que reflita ou capture algum aspeto que desejemos explorar: práticas, imaginários, situações, configurações espaciais, etc. Para orientar a análise, será fornecido um conjunto de questões a serem respondidas.</p> <p>Dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - As pessoas que não podem ou não querem realizar a observação participante farão este exercício. - No formato online, cada pessoa deverá realizar o exercício individualmente. Assim sendo, apresentaremos apenas as Questões para facilitar a análise (ver secção Materiais) e informações básicas que servem para contextualizar a matéria que vamos analisar: Quem fez isto? A que contextos se refere? Que tipo de perfil de pessoas irá aparecer? Que tipo de formato possui? Quanto tempo levaremos a vê-lo ou a lê-lo? <p>2. Formato presencial</p> <p>Será proposto um local para uma observação de duas horas. Serão fornecidas e descritas ferramentas para o registo de dados e um guião de questões para orientar a observação. Convém esclarecer que, em caso algum, será realizado um trabalho secreto, declarando explicitamente o nosso papel em todas as interações.</p> <p>Dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Primeiramente, formaremos os grupos que farão a observação. Dependendo da natureza dos locais selecionados, recomenda-se a determinação do tamanho do grupo, desaconselhando-se grupos superiores a 5 pessoas. - O local de observação será contextualizado com informação muito geral. Tenha em atenção que estes devem ser locais onde as pessoas formadoras já trabalharam. - É importante explicar que cada pessoa terá de gravar notas de voz durante a observação, pois terá de ter respondido a pelo menos uma questão de cada secção do Guião de Observação para a sessão seguinte (ver secção Materiais). - Para facilitar o trabalho, podemos oferecer aos grupos a opção de pré-atribuir

		<p>diferentes blocos de questões.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Para além da observação participante, deverão também ser apresentadas outras ferramentas e técnicas disponíveis, tanto para estabelecer uma relação como para recolher informação. Ver Técnicas de Observação de um espaço de lazer na secção Materiais. - Por fim, devemos especificar os pontos inicial e final das observações.
5'	Encerramento da sessão	Concluiremos a sessão, especificando o dia e a hora da observação seguinte.

MATERIAIS	
BLOCO 1 - Sexualidades e afetividade entre jovens em espaços de lazer e educação não formal	
Sessão 2: Apresentação do exercício prático	
Conteúdo	Material proposto pela ABD
Estrutura do Modelo da Mudança Comportamental	<p>Movie: Reservoir Dogs. Scene, to tip or not to tip, Steve Buscemi.</p> <p>Questões para discussão:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Que mudança de atitude ocorre? - Identificar: capacidade, oportunidade e motivação; explicar como identificaram cada um destes elementos do Modelo da Mudança Comportamental (construção dos indicadores iniciais). - Acreditam que a mudança da personagem é sincera? Se não, o que consideram estar a faltar?
	Critérios para a seleção de materiais
	<p>É possível utilizar um PowerPoint como suporte inicial para a explicação teórica, mas recomenda-se que a teoria seja explicada com base num exemplo prático.</p> <p>Nesta parte da sessão, devemos fornecer materiais audiovisuais que apoiem a teoria e nos permitam refletir sobre os estereótipos de género.</p> <p>Os materiais adaptados deverão abranger os seguintes elementos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Uma cena com uma personagem a passar por uma mudança de atitude. - A capacidade de identificar facilmente os três elementos envolvidos na mudança: capacidade/motivação/oportunidade. - Personagens participando em reflexões sobre género e/ou sexualidades. <p>Considerar que o nosso objetivo é apresentar um exemplo de mudança, pelo que os exemplos não têm de ser inerentemente positivos, à semelhança do cenário retratado no exemplo proposto de Reservoir Dogs.</p>
Apresentação de espaços, técnicas e materiais	Formato online - Material proposto pela ABD
	<p>MostoDaddy: <i>Youtuber</i> espanhol que coloca questões sobre sexualidades em espaços noturnos.</p>

para a parte prática

https://www.youtube.com/watch?v=CFxxjP8ajYg&ab_channel=MostopapiTV

Questões para facilitar a análise (Disclaimer: as questões são formuladas utilizando uma suposição baseada na identidade de género percebida pelas pessoas no vídeo)

- O que pensam das opiniões expressas pelas pessoas que falam?
- As opiniões de homens e mulheres assemelham-se? Em que aspetos diferem?
- As opiniões dos grupos mistos assemelham-se às dos grupos não mistos? Como diferem?
- Como definiriam a dinâmica de género retratada?
- Que mudança gostariam de implementar neste espaço?
- Os três elementos para a mudança que propuseram existem? Quais são?

Formato online - Critérios para a seleção de materiais

Devemos seleccionar documentos que consideramos **etnográficos**, no sentido em que evidenciam práticas, situações ou opiniões em ambientes de diversão noturna que queremos trabalhar ou analisar. Neste sentido, devem ser comparáveis ou de alguma forma equivalentes aos ambientes de diversão noturna que pretendemos observar pessoalmente.

Podemos escolher tanto documentos audiovisuais como escritos, mas é fundamental realçar que repetiremos o exercício nas práticas dos três primeiros blocos. Dado que os temas abordados em cada bloco são relacionados mas diferentes, os documentos seleccionados podem estar interligados, ou podemos construir uma relação ficcional, garantindo sempre que as realidades retratadas são comparáveis ou equivalentes nalgum sentido.

Aqui estão algumas ideias para diferentes formatos que podem ser úteis, como **documentários, YouTubers ou séries de ficção**. Podem também ser apresentadas diferentes situações a partir da experiência das pessoas formadoras; no entanto, isto apresenta o desafio de conceber um documento suficientemente rico em opiniões e descrições.

Recomenda-se seguir os **seguintes critérios** ao seleccionar ou projetar estes materiais:

- Devem referir-se a um ambiente de diversão noturna semelhante àqueles com os quais normalmente nos envolvemos.
- Deverão permitir a discussão do tema correspondente a cada bloco.
- Devem ser ricos em descrições e/ou opiniões na primeira pessoa.
- Devem retratar uma situação ou prática que desejamos analisar.
- Devem envolver as pessoas participantes na formação.

Formato presencial - Material proposto pela ABD

Técnicas de observação de um espaço de lazer.

- **Observação digital não participante:** Observar as redes sociais dos bares e discotecas ligadas aos espaços observados ou parte da própria observação pode fornecer informações valiosas. Tenha atenção às fotos, opiniões e vídeos. Compare as opiniões dos estabelecimentos com as das pessoas utilizadoras. Nunca intervenha secretamente em *chats* ou outros espaços.
- **Shazam:** Analisar as músicas tocadas pode fornecer muitas informações numa observação inicial.
- **Fotografia:** Pode ser uma ferramenta que fornece informação para a descrição de espaços ou elementos urbanos considerados relevantes. Nunca mostre rostos ou elementos reconhecíveis, como tatuagens, e evite o uso excessivo desta ferramenta ou para captar pessoas em situações comprometedoras.
- **Dinâmica de avaliação do conhecimento:** “Passa a Palavra”: As questões sobre diferentes conceitos relacionados com as sexualidades são colocadas seguindo a dinâmica do jogo televisivo.
- **Distribuição responsável de contraceptivos:** A diversidade de métodos e a sua distribuição gratuita serão utilizadas para iniciar conversas sobre consentimento e práticas não centradas no coito. Em caso algum, os contraceptivos serão distribuídos sem uma reflexão em ambos os sentidos, nem se existir uma suspeita que os métodos distribuídos possam ser utilizados para cometer violência sexual.
- **Diagrama de prioridades:** Utilizando um alvo como diagrama, as pessoas presentes nos espaços de diversão noturna serão convidadas a construir a sua festa ideal, colocando os elementos mais importantes no centro e os restantes nas bordas. Recomenda-se fornecer antecipadamente alguns elementos para potenciar o desenvolvimento da dinâmica.
- **Gravações de áudio:** As pessoas participantes serão encorajadas a gravar notas áudio no local com as suas impressões e descrições dos locais, situações, práticas e opiniões. Registrar diretamente as pessoas observadas não é apropriado, uma vez que não se trata de uma entrevista.

Guião de observação: (Disclaimer: as questões são formuladas utilizando uma suposição baseada na identidade de género percebida pelas pessoas no vídeo)

1. Descrevam um dos grupos observados

- Como descreveriam a maioria das pessoas neste espaço?
- Alguém vos chamou a atenção? Porquê?
- Que tipo de música estão a ouvir?
- Relativamente ao género, qual a composição dos grupos?

2. Descrevam o espaço

- É homogéneo?
 - Existem espaços diferentes? São usados da mesma maneira?
 - Todas as pessoas utilizam todos os espaços da mesma forma?
 - Existe algum elemento que mudariam?
- 3. Descrevam as práticas**
- Detetaram estereótipos de género? Quais?
 - Notaram dinâmicas ou práticas influenciadas pelo género? Quais?
 - Parece-vos um espaço equitativo em relação ao género percebido e a experiência das sexualidades?
- 4. Os três elementos necessários para a mudança estão presentes?**

Formato presencial - Critérios para a seleção de materiais

Critérios para a seleção do grupo:

- O grupo de observação não pode exceder as 5 pessoas, excluindo a pessoa formadora.
- Se necessário por razões logísticas, os grupos podem alternar entre a observação e o trabalho online em exercícios sucessivos.
- Recomenda-se que se considere a composição do grupo, no mínimo, em termos de diversidade de género.

Critérios para a seleção do local:

- Deverá ser um local de diversão noturna onde as pessoas formadoras já trabalharam. De preferência, deverá ser o mesmo local onde a intervenção piloto ocorrerá posteriormente.
- Se for um local onde ocorre violência, devemos questionar a relevância de uma observação inicial. Neste caso, devemos considerar a experiência anterior tanto das pessoas formadoras como das pessoas participantes neste ou noutros locais. A participação nunca deve ser forçada.

Elementos de segurança:

- Ponderar a chegada e a saída dos ambientes de diversão noturna, garantindo a segurança de todas as pessoas participantes. Recomenda-se a chegada e saída conjunta dos pontos seguros avaliados.
- Criar grupos de WhatsApp ou similares para comunicação em caso de divisão do grupo ou caso alguém se perca.

- Não fazer observações sozinho/a.
- Ouvir tanto quem nos acompanha como quem acompanhamos: não expor ninguém a situações indesejadas, terminar a observação se alguém do grupo o solicitar e, de um modo geral, demonstrar sensibilidade e camaradagem dentro da equipa.

Critérios para a seleção de ferramentas

Cada parceiro deverá utilizar os elementos que considere mais adequados ao seu contexto. Recomenda-se que sejam dinâmicas ou estratégias que as pessoas formadoras utilizem rotineiramente nas suas intervenções.

BLOCO 1 - Sexualidades e afetividade entre jovens em espaços de lazer e educação não formal

SESSÃO 3. PRÁTICA 1: Primeira abordagem a um ambiente de diversão noturna

Descrição do exercício

Duração: 2 horas

Os exercícios práticos têm dois propósitos: primeiro, observar os conceitos ensinados no terreno, e segundo, simular o processo de uma intervenção hipotética, apresentando, de uma forma muito geral, todas as suas fases: Diagnóstico/Desenho/Implementação/Avaliação. Neste exercício inicial, iremo-nos focar na realização de um diagnóstico de um ambiente de diversão noturna. Para o efeito, devemos abordar a questão de investigação com a ajuda do guião que elaboramos. O objetivo não é que as pessoas participantes forneçam um diagnóstico preciso, mas sim apresentá-las às ferramentas de recolha de dados no local. As pessoas formadoras devem estar familiarizadas com o espaço para contribuir com os dados necessários, daí a importância de selecionar um local que seja familiar ou para o qual já tenhamos um diagnóstico prévio.

Objetivos:

Presencial:

- Realizar duas horas de observação num ambiente de diversão noturna.
- Responder às questões do guião.

Online:

- Analisar um documento considerado etnográfico.
- Responder às questões do guião

Formato presencial

Critérios de inclusão per la scelta dei luoghi di osservazione	Exercício proposto	Resultado esperado
<p>Critérios para a seleção do grupo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O grupo de observação não pode exceder as 5 pessoas, excluindo a pessoa formadora. - Se necessário por razões logísticas, os grupos podem alternar entre a observação e o trabalho online em exercícios sucessivos. - Recomenda-se que se considere a 	<p>Iremos para um local de diversão noturna. A observação com cada grupo terá a duração de 2 horas, devendo estes integrar-se no espaço e interagir quando considerarem adequado para recolher a informação delineada no guião fornecido na sessão anterior.</p> <p>Devemos lembrar que esta prática inicial deve estar relacionada com o conteúdo do Bloco 1 da formação CRISSCROSS (Sexo/género, sexualidades e</p>	<p>Espera-se que, na próxima sessão, cada grupo tenha respondido, com base na observação realizada, a pelo menos uma questão de cada secção do guião.</p>

<p>composição do grupo, no mínimo, em termos de diversidade de género.</p> <p>Crítérios para a seleção do local:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Deverá ser um local de diversão noturna onde as pessoas formadoras já trabalharam. De preferência, deverá ser o mesmo local onde a intervenção piloto ocorrerá posteriormente. - Se for um local onde ocorre violência, devemos questionar a relevância de uma observação inicial. Neste caso, devemos considerar a experiência anterior tanto das pessoas formadoras como das pessoas participantes neste ou noutros locais. A participação nunca deve ser forçada. <p>Elementos de segurança:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ponderar a chegada e a saída dos ambientes de diversão noturna, garantindo a segurança de todas as pessoas participantes. Recomenda-se a chegada e saída conjunta dos pontos seguros avaliados. - Criar grupos de WhatsApp para comunicação em caso de divisão do grupo ou caso alguém se perca. - Não fazer observações sozinho/a. - Ouvir tanto quem nos acompanha como quem acompanhamos: não expor ninguém a situações indesejadas, terminar a observação se alguém do grupo o solicitar e, de um modo geral, demonstrar sensibilidade e camaradagem dentro da equipa. <p>Crítérios para a seleção de ferramentas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cada parceiro deverá utilizar os elementos que considere mais 	<p>afetividade). Por isso, devemos concentrar a observação nesses tópicos.</p> <p>Guião de observação: (Disclaimer: as questões são formuladas utilizando uma suposição baseada na identidade de género percebida pelas pessoas no vídeo)</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Descrevam um dos grupos observados <ul style="list-style-type: none"> - Como descreveriam a maioria das pessoas neste espaço? - Alguém vos chamou a atenção? Porquê? - Que tipo de música estão a ouvir? - Relativamente ao género, qual a composição dos grupos? 2. Descrevam o espaço. <ul style="list-style-type: none"> - É homogéneo? - Existem espaços diferentes? São usados da mesma maneira? - Todas as pessoas utilizam todos os espaços da mesma forma? - Existe algum elemento que mudariam? 3. Descrevam as práticas <ul style="list-style-type: none"> - Detetaram estereótipos de género? Quais? - Notaram dinâmicas ou práticas influenciadas pelo género? Quais? - Parece-vos um espaço equitativo em relação ao género percebido e a experiência das sexualidades? 4. Os três elementos necessários para a mudança estão presentes? 	
---	--	--

<p>adequados ao seu contexto. Recomenda-se que sejam dinâmicas ou estratégias que as pessoas formadoras utilizem rotineiramente nas suas intervenções.</p>		
Formato online		
Critérios de inclusão	Exercício proposto	Resultado esperado
<p>Devemos selecionar documentos que consideramos etnográficos, no sentido em que evidenciam práticas, situações ou opiniões em ambientes de diversão noturna que queremos trabalhar ou analisar. Neste sentido, devem ser comparáveis ou de alguma forma equivalentes aos ambientes de diversão noturna que pretendemos observar pessoalmente.</p> <p>Podemos escolher tanto documentos audiovisuais como escritos, mas é fundamental realçar que repetiremos o exercício nas práticas dos três primeiros blocos. Dado que os temas abordados em cada bloco são relacionados mas diferentes, os documentos selecionados podem estar interligados, ou podemos construir uma relação ficcional, garantindo sempre que as realidades retratadas são comparáveis ou equivalentes nalgum sentido.</p> <p>Aqui estão algumas ideias para diferentes formatos que podem ser úteis, como documentários, YouTubers ou séries de ficção. Podem também ser apresentadas diferentes situações a partir da experiência das pessoas formadoras; no entanto, isto apresenta o desafio de conceber um documento suficientemente rico em opiniões e descrições.</p> <p>Recomenda-se seguir os seguintes critérios ao selecionar ou projetar estes materiais:</p>	<p>MostoDaddy: <i>Youtuber</i> espanhol que coloca questões sobre sexualidades em espaços noturnos.</p> <p>https://www.youtube.com/watch?v=CFxxjP8ajYg&ab_channel=MostopapiTV</p> <p>Questões para facilitar a análise (Disclaimer: as questões são formuladas utilizando uma suposição baseada na identidade de género percebida pelas pessoas no vídeo)</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O que pensam das opiniões das pessoas que falam? 2. As opiniões de homens e mulheres assemelham-se? Em que aspetos diferem? 3. As opiniões dos grupos mistos assemelham-se às dos grupos não mistos? Como diferem? 4. Como descreveriam as relações de género retratadas? 5. Acha, que os comportamentos de risco podem ocorrer neste espaço? Porquê? 6. Acreditam que poderiam ocorrer situações de violência neste espaço? Porquê? 	<p>Na próxima sessão, espera-se que cada pessoa tenha respondido, com base no documento analisado, a todas as questões do guião.</p>

<ul style="list-style-type: none"> - Devem referir-se a um ambiente de diversão noturna semelhante àqueles com os quais normalmente nos envolvemos. - Deverão permitir a discussão do tema correspondente a cada bloco. - Devem ser ricos em descrições e/ou opiniões na primeira pessoa. - Devem retratar uma situação ou prática que desejamos analisar. - Devem envolver as pessoas participantes na formação. 		
--	--	--

BLOCO 1 - Sexualidades e afetividade entre jovens em espaços de lazer e educação não formal

Sessão 4: Aplicação da metodologia da mudança comportamental

Visão geral da sessão

Duração: 2 horas

Para iniciar esta sessão é fundamental que tenhamos concluído o primeiro exercício prático, pois iremos utilizar as observações e análises de documentos etnográficos para responder à questão de investigação. A resposta obtida será correlacionada com o Modelo da Mudança Comportamental, desenhando-se, em última instância, indicadores que permitam averiguar se estão presentes as condições para a mudança desejada.

Objetivos:

- Definir uma mudança específica que queremos promover no espaço selecionado relacionada com o modelo lecionado.
- Elaborar uma lista de indicadores para verificar se as condições para a mudança estão reunidas: oportunidade/capacidade/motivação.

Duração	Conteúdo	Descrição
5'	Apresentação da sessão	Apresente as atividades.
30'	Comente os exercícios práticos realizados	<p>Deixaremos um espaço para quem desejar expor as suas impressões sobre o exercício prático realizado.</p> <p>Dinâmica:</p> <p>Será facilitada uma discussão sobre as observações e os documentos online propostos.</p> <p>As questões dos guiões serão utilizadas para facilitar a discussão. Consulte as questões do Guião de Observação, no caso da observação presencial, e as Questões para facilitar a análise para o formato online.</p>
30'	Proponha uma mudança	<p>Neste ponto, e na sequência da discussão anterior, devemos decidir quais os elementos que queremos alterar e porquê. Um critério a considerar é que deve existir oportunidade, capacidade e motivação para a mudança.</p> <p>Iremos equiparar o trabalho presencial ao online, uma vez que os documentos foram selecionados para mostrar aspetos que trabalhamos ou que desejamos abordar nos ambientes de diversão noturna e, por isso, consideramo-los comparáveis nalgum sentido.</p>

		<p>Dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - As pessoas participantes serão organizadas em equipas com um mínimo de três e um máximo de seis elementos. - As seguintes questões serão colocadas aos grupos: <ul style="list-style-type: none"> - Que mudança gostariam de incentivar no espaço observado? - Os elementos essenciais para a mudança estão presentes? (oportunidade, capacidade e motivação) - Será atribuído um prazo de 15 a 20 minutos para se chegar a um consenso sobre a resposta. - Serão apresentadas as respostas de cada grupo, sendo selecionado um único elemento de mudança para o formato presencial e outro para o formato online.
15'	O que é um indicador?	<p>Nesta secção, devemos apresentar o que é um indicador: elementos observáveis (ações, palavras, etc.) que nos permitem inferir que um determinado fenómeno está a ocorrer.</p> <p>Dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Depois de explicado o que é um indicador, serão distribuídas cartelas semelhantes às cartelas do Bingo. Haverá três tipos de cartões: COVID, gripe e constipação. Cada cartão especificará os sintomas de cada doença, categorizando-os como comuns ou incomuns. - A pessoa dinamizadora sorteará sintomas aleatoriamente e as pessoas participantes deverão marcá-los nos seus cartões. - Qualquer pessoa que complete todos os sintomas comuns pode gritar "linha", e qualquer pessoa que complete todos os sintomas grita "bingo".
20'	Desenho de indicadores para promover mudanças	<p>Com base na discussão anterior, precisamos de criar indicadores que destaquem as oportunidades, as capacidades e as motivações para a mudança desejada.</p> <p>Dinâmica:</p> <p>Com os mesmos grupos da atividade inicial, as pessoas participantes deverão criar um mínimo de 2 indicadores cada que permitam inferir a existência de motivação (2), oportunidade (2) e capacidade para realizar a mudança proposta (2).</p> <p>Devemos reservar um mínimo de 10 minutos para discussão.</p>

<p>20'</p>	<p>Primeira proposta de intervenção</p>	<p>As pessoas participantes irão sugerir uma atividade inicial para a intervenção. A proposta deverá estar relacionada com a mudança que queremos promover.</p> <p>Dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mantendo os mesmos grupos, destinaremos cerca de 10 minutos para que apresentem uma proposta de intervenção simples. Pode ser uma dinâmica, uma pergunta, uma ação, etc. - A atividade proposta deve estar relacionada com a oportunidade, a capacidade e a motivação para a mudança identificadas anteriormente. - Finalmente, passaremos mais 10 minutos apresentando todas as intervenções e selecionando uma.
<p>5'</p>	<p>Encerramento da sessão</p>	<p>Concluiremos, especificando o dia e a hora da próxima sessão.</p>

MATERIAIS

BLOCO 1 - Sexualidades e afetividade entre jovens em espaços de lazer e educação não formal

Sessão 4: Aplicação da metodologia da mudança comportamental

Conteúdo

Material proposto pela ABD

O que é um indicador?

Recomenda-se adicionar sintomas que não existem para o tornar mais complexo e entusiasmante.

Abaixo está um exemplo de sintomas que podem ser fornecidos.

Los diferentes síntomas de covid, resfriado y gripe

Síntomas	Covid	Resfriado	Gripe
Fiebre	Común	Raro	Común
Fatiga	Común	A veces	Común
Tos	Común	Común	Común
Pérdida olfato/gusto	Común	A veces	A veces
Dolores musculares	A veces	Raro	Común
Dolor de garganta	A veces	Común	A veces
Diarrea	A veces	No	A veces
Dolores de cabeza	A veces	Raro	Común
Falta de aire	A veces	No	No
Moqueo	Raro	Común	A veces
Estornudo	No	Común	No

Fuente: María Elisa Calle y elaboración propia. FI PAÍS

Crítérios para a seleção de materiais

Aqui devemos propor um exercício prático que nos permita compreender rapidamente como construir e aplicar indicadores. A escolha ou desenho do exercício deve ter em conta:

- O fenómeno que propomos definir deve ser quotidiano para as pessoas participantes.
- Os indicadores seleccionados devem ser claros, concisos e conhecidos: não necessitam de ser explicados.
- O exercício proposto não deve durar mais de 15 minutos.

BLOCO 2

-

Prevenção e gestão do
consumo de drogas

-

- **Sessão 1: Introdução básica à Redução de Riscos**
- **Sessão 2: Formação básica sobre as substâncias mais consumidas pela população jovem + Apresentação do exercício prático 2**
- **Sessão 3: Exercício prático: Observação do consumo de drogas em ambientes de diversão noturna**
- **Sessão 4: Aplicação da metodologia da mudança comportamental**



TEORIA GERAL

O uso de substâncias psicoativas não é um fenômeno novo, nem exclusivo das sociedades contemporâneas. Ao longo da história, as sociedades geriram o uso de substâncias psicoativas de diferentes formas, desde a sua circunscrição como um “costume cultural e social”, delimitando os momentos e espaços para o seu uso, até aos usos regulados por crenças ou religiões, ou diretamente proibidos e estigmatizados por medidas governamentais ou instituições médicas. Atualmente, encontramos-nos dentro do chamado paradigma proibicionista, entendido como “[...] um “mundo livre de drogas” (Parés, 2013). Este modelo social, cultural e legislativo propõe a abstinência, focando o consumo de substâncias psicoativas ilícitas como um comportamento indesejável: “Para tal, o consumo de substâncias psicoativas ilegais é criminalizado, sancionado, proibido e restringido”. (García & Faura, 2013)

Esta estruturação cultural, social e jurídica do consumo de substâncias cria, por um lado, tipos de consumos que são mais **integrados e aceites socialmente**, como o consumo de álcool ou de tabaco. Estas substâncias não enfrentam estigmatização direta – por outras palavras, o seu uso não é estigmatizado em si, mas sim através de outros eixos de desigualdade que se cruzam, como a idade, o género ou a racialização. Por exemplo, o estigma enfrentado por uma mulher racializada mais velha que bebe álcool num bar de manhã cedo é muito maior do que aquele enfrentado por um homem branco da mesma idade que pratica o mesmo comportamento no mesmo espaço. Na verdade, o comportamento do homem pode até ser normalizado.

Por outro lado, classifica toda uma série de substâncias no **quadro da ilegalidade**, agrupando todas as substâncias, e as pessoas que as utilizam, dentro de um mesmo imaginário social que é estigmatizado. Desta forma, a legalidade constitui-se como um eixo que proporciona toda uma série de estigmas para as pessoas que fazem uso de determinadas substâncias, dependendo da sua situação jurídica.

Além disso, durante a introdução do consumo de heroína em Espanha, na década de 1980, foi criada e instalada no imaginário social uma categoria única de “drogas” como problema social, enquadrando todas as substâncias ilegais num único modelo e criando um estigma baseado no consumo problemático de heroína. Isto aplica-se a todas as substâncias, especialmente através da opinião pública (os meios de comunicação, por exemplo). Foi instalado um:

“[...] tipo de substância (heroína), consumidor-tipo (toxicodependente), e toda uma coreografia típica [...]. - não forneciam muita informação, mas antes um pacote de enquadramentos para a interpretação de uma nova realidade social, o que implicava a necessidade de organizar um empreendimento moral militante - disfarçado de iniciativa terapêutica - para se defender contra ‘A Droga’, bem como contra a obrigação do Estado de financiar soluções e tratamento para o ‘problema’. Tudo isto se cristalizaria em 1985 com a criação do Plano Nacional sobre Drogas (PNSD).”¹(Usó, 2013). [Para além disso, importa referir que este “consumidor típico” é imaginado como masculino, o que contribui para a invisibilidade e estigmatização das mulheres, penalizando-as ainda mais.]

Em Espanha, o PNSD é a instituição que garante a implementação do abstencionismo e das políticas preventivas do Estado espanhol. Estas medidas, apresentadas pelo Estado como as mais humanas, tiveram sucesso graças, em parte, à polissemia da sua própria formulação. Por um lado, prevenir pode significar agir para prevenir, evitar, dificultar ou impedir algo, justificando mesmo a introdução de preconceitos. Por outro lado, também pode ser interpretado como saber

¹Traduzido do texto original em espanhol.

antecipadamente dos riscos e alertar e informar. Desta forma, permite um vasto leque de ações em nome da prevenção, que vão desde o aconselhamento ou informação, a sanções financeiras ou prisionais, proporcionando também um disfarce para políticas proibicionistas.

Neste sentido, entende-se por **prevenção** qualquer medida ou disposição individual ou coletiva que seja tomada antecipadamente para evitar que algo considerado negativo aconteça ou para compensar as consequências da sua ocorrência. Gordon (1983) propõe classificar as ações preventivas com base no grupo populacional a que se destinam, dividindo-as em três tipos: **universal**, que incluem medidas recomendadas para toda a população; **seletiva**, que englobam intervenções dirigidas a subgrupos específicos identificados por fatores de desigualdade como a idade, o género ou a racialização, e que, por estas características, correm maior risco de danos; e **prevenção indicada**, destinada a pessoas que já apresentam ou experienciam fatores de risco mais elevados. No domínio do lazer juvenil e do consumo de substâncias, as diferentes ações preventivas poderão ser:

- **Universais:** o principal objetivo é prevenir o uso de substâncias e atrasar a idade de início. Destina-se a um grupo populacional alargado, por exemplo, “jovens”. São desenvolvidas estratégias e ações gerais que tentam dotar esta população de ferramentas gerais, por exemplo, competências para a vida.
- **Seletivas:** têm como objetivo prevenir ou reduzir problemas associados ao consumo de drogas e são aplicadas a grupos populacionais específicos. Destinam-se a grupos de pessoas com maior probabilidade de utilização, como “jovens que saem à noite”.
- **Indicadas:** destinadas a pessoas de alto risco que consomem substâncias, mas não têm necessariamente problemas de dependência, por exemplo, “jovens que saem à noite e bebem álcool”.

Foi neste contexto que nasceram as primeiras intervenções de Redução de Danos e de riscos em Espanha e em muitos outros países europeus. A primeira, no âmbito da prevenção indicada. Em 1987, foi realizada a primeira ação de promoção do uso de seringas descartáveis, sendo uma das primeiras ações de Redução de Riscos que não procurava a abstinência. A segunda, a Redução de Riscos, centra os seus esforços na prevenção seletiva e indicada, embora também desenvolva ações de prevenção universal para dotar a população em geral de ferramentas para enfrentar e gerir o consumo de substâncias ou o contacto com pessoas que consomem substâncias. Ambas as abordagens, como referem Martínez e Pallarés (2013), são duas faces da mesma moeda, entendidas sob o mesmo quadro:

“Certos consumos acarretam mais riscos do que outros e, por extensão, há maior probabilidade de ocorrerem danos. Duas faces da mesma moeda.”²(Martínez & Pallarés, 2013)

Na década de 90, ocorreram alterações nas substâncias mais consumidas e nos contextos de utilização, mas especialmente na população utilizadora de substâncias psicoativas. Isto implica uma mudança de ações localizadas, com conteúdos muito específicos, dirigidas a um tipo de população muito específica, para outros tipos de intervenções mais móveis, com conteúdos muito mais variáveis e dirigidas à população de classe média.

“A mudança na terminologia foi motivada tanto por novos contextos e grupos de intervenção, como especialmente pelos riscos e danos que se pretendia evitar. Embora seja claro o dano que

²Traduzido do texto original em espanhol.

ocorrerá se seringas infetadas forem trocadas entre pessoas que consomem heroína intravenosa em extrema marginalização, por outro lado, é mais inespecífico e menos provável que ocorra o mesmo dano se um 'embrulho' para cheirar cocaína for trocado entre jovens de classe média nas casas de banho de uma grande discoteca."³(Martínez & Pallarés, 2013)

Uma das bases teóricas e práticas destes modelos de intervenção é a abordagem, desenvolvida em contexto clínico, do **triângulo de Zinberg** (Zinberg, 1984) que propõe um modelo explicativo para a compreensão do consumo de drogas baseado em três eixos: **pessoa, substância e contexto**. Esta abordagem propõe que é a intersecção entre estes aspetos que determina os resultados e os impactos do consumo de drogas, indicando também os aspetos sobre os quais as intervenções podem ser desenvolvidas. Cada um destes eixos é composto por uma infinidade de variáveis:

- **Substância:** tudo o que está relacionado com a substância, por exemplo, que substância é, tipo de efeitos e interações com o organismo, via de utilização, frequência, quantidades, misturas, etc. Neste sentido, é também importante considerar a forma como as substâncias interagem com as hormonas e os seus diversos ciclos, o que se torna particularmente relevante para pessoas em processos de afirmação de género.
- **Pessoa:** características biológicas individuais, humor, estado psicológico, tolerância, história familiar de saúde mental, predisposição biológica, etc. Dentro deste eixo, embora intimamente ligado e em constante interação com o contexto mais amplo, consideramos a posição da pessoa na sociedade – seja de opressão ou de privilégio – baseada em hierarquias sociais. Este refere-se à forma como as pessoas personificam a sua posição social e as desigualdades que experienciam, e como estes fatores influenciam a sua relação com o consumo de substâncias.
- **Contexto:** refere-se tanto a aspetos macroculturais, como estigmas sobre as substâncias, as populações que as utilizam, imaginários coletivos, imaginários em torno do uso de substâncias relacionados com as estruturas que geram desigualdade, discursos mediáticos, legalidade, significados sociais partilhados sobre determinados consumos, etc., e a aspetos mais particulares e localizados como ordens urbanas específicas, eixos de discriminação que operam de forma específica de acordo com os espaços, relações e dinâmicas relativas ao consumo de grupos de pares, ambientes mais ou menos diversificados, com serviços mais ou menos acessíveis, etc., entre uma infinidade de outros aspetos locais e particulares a considerar.

É de notar que foram feitas numerosas contribuições para a perspetiva de Zinberg, a fim de aplicar para além dos contextos clínicos. Em particular, têm sido dedicados esforços para compreender como em diferentes contextos os **eixos da discriminação** se articulam e atuam, produzindo experiências de lazer segregadas e influenciando as pessoas, as suas relações com as substâncias e os seus usos. Fernández (2020) descreve como funcionam os eixos da classe social, do género e da racialização numa discoteca de Tarragona. Diferenças significativas de género e desigualdades também foram encontradas:

“A este nível, é importante realçar as diferenças consoante a variável de género: o consumo de álcool permite aos jovens reforçar a sua masculinidade, enquanto as jovens que bebem álcool são penalizadas socialmente. Quanto à perceção da quantidade de álcool consumida, os jovens deste estudo afirmam que bebem para reforçar o seu padrão de masculinidade (“fazer de

³Traduzido do texto original em espanhol.

durão”). [...] As jovens referem que os seus padrões de consumo de álcool são criticados no seu grupo de pares. [...] Apesar das críticas sociais a que estão sujeitas, as jovens entrevistadas mantêm padrões de consumo excessivo de álcool, relacionados tanto com o facto de ser um mecanismo de coping e uma forma de escape, quanto à tentativa de se integrarem no grupo de pares” (Álvarez Bernardo, Romo Avilés e López Morales, 2022).

O género introduz diferenças e particularidades nas motivações para o consumo de drogas, nos padrões de consumo de substâncias e nos efeitos e consequências do consumo. Dependendo do género, as pessoas têm relações específicas com as substâncias, moldadas pelas expectativas sociais sobre os homens e as mulheres. Por outras palavras, estas relações são mediadas pelas perceções sociais hegemónicas que circulam no contexto de desigualdade de género em que estas pessoas se situam. Para além dos elementos e características comuns, os diferentes padrões de consumo e motivações para iniciar ou continuar o consumo de drogas nem sempre são consistentes.

Da mesma forma, **nem todos os fatores de risco e de proteção têm o mesmo impacto ou influência na adolescência e na juventude de acordo com o género**. Da mesma forma, as consequências do uso, abuso e dependência de substâncias também têm características diferentes. Não podemos oferecer as mesmas respostas, confrontar realidades com as mesmas estratégias e ferramentas quando estas são diferentes.

Rodriguez, Megias e Martinez (2019) explicam que estudos anteriores destacaram diferenças no consumo entre mulheres, tanto **metabólicas** como **sociais** e **culturais**, que enfatizam a importância de abordar como estas diferenças afetam a **liberdade de consumo**, a **intolerância social em relação ao consumo feminino**, a **perceção desigual da embriaguez entre homens e mulheres em espaços públicos**, a **representação da promiscuidade em contextos de lazer** ou a **avaliação de risco**. Destacam algumas tendências: como as mulheres estão a redefinir as suas identidades de género em relação aos homens através do consumo de álcool (Romo Aviles et al., 2015), ou como encontramos maior prevalência de consumo entre as mulheres entre os 15 e os 24 anos, uma prevalência que diminui com a idade, algo que não se verifica no caso dos homens.

Num vídeo informativo da Fundación Salud y Comunidad (2018), Patricia Martínez explica como a perspetiva de género tem sido tradicionalmente introduzida e como deve ser implementada para trabalhar em prol da equidade e igualdade no domínio do consumo de drogas:

“Na área das drogas, a categoria ‘género’ é utilizada para descrever as diferenças entre homens e mulheres, mas na realidade é uma categoria muito mais complexa. A perspetiva de género não consiste apenas em descrever as diferenças entre homens e mulheres; ela fornece todo um quadro teórico para examinar e interpretar essas diferenças [...] e oferece uma forma de analisar estas questões de um ponto de vista de desequilíbrio.” (Martínez, 2018, Fundación Salud y Comunidad)⁴.

A investigação realizada pela FAD (2019) no contexto de Espanha para aprofundar os efeitos que as identidades de género têm na população juvenil, reflete que as formas como as raparigas mais novas consomem álcool em espaços públicos representam uma rutura com os códigos tradicionais de feminilidade, aproximando-se de comportamentos tradicionalmente identificados nos rapazes. À medida que envelhecem, as raparigas consomem menos do que os rapazes, tanto em termos de intensidade, como de frequência e quantidade. Os discursos em torno da imagem

⁴https://www.youtube.com/watch?v=wer7_ESo3N8

corporal e das pressões estéticas desempenham um papel central na formação do comportamento das raparigas. Estes são apenas dois aspetos da estrutura de género mais ampla que sobrecarrega as mulheres adultas, contribuindo para a sua cessação gradual do consumo de substâncias em contextos recreativos. Esta estrutura inclui maiores responsabilidades de cuidado, relegação para a esfera doméstica (muitas vezes definida por papéis como mães, esposas ou cuidadoras) e, mais notavelmente, sanções sociais mais severas para o uso de drogas – especialmente se for abusivo, envolver substâncias ilegais ou ocorrer em espaços públicos. Como resultado, as mulheres com problemas de dependência consomem frequentemente substâncias isoladamente, em espaços privados ou clandestinos.

Apesar desta mudança, os contextos de consumo ainda não são percebidos como pertencentes às raparigas em termos de normas de género. Embora as raparigas possam estar presentes nestes espaços, não lhes pertencem inerentemente; em vez disso, ocupam-nos tentando imitar o “comportamento masculino”. No entanto, este não deve ser visto como uma mera imitação, mas sim como um processo de tomada de decisão moldado pelo reconhecimento social. No contexto do lazer recreativo e do consumo de substâncias, os padrões sociais mais valorizados tendem a estar associados à masculinidade. Esta observação destaca como o androcentrismo mascara o facto de que as raparigas não estão simplesmente a copiar o comportamento masculino, mas estão a integrar-se numa forma de comportamento socialmente validada como um passo em direção à igualdade de género.

Mensagens preventivas dirigidas a rapazes deveriam ter como objetivo questionar a manutenção de antigos estereótipos de masculinidade, reforçando a ideia de que ser homem não exige correr riscos ou praticar comportamentos pouco saudáveis. Da mesma forma, é crucial fomentar a compreensão de como estas atitudes são socialmente reconhecidas, em contraste com a forma como as mulheres e as pessoas feminizadas são penalizadas (estigmatização, vulnerabilidade à agressão, etc.). Os rapazes devem ser encorajados a repensar a forma como os seus hábitos de consumo e padrões de comportamento são influenciados por uma masculinidade que também os pressiona, sem cair numa narrativa de vitimização que ignora os seus privilégios de género em termos de como consomem e ocupam os espaços de lazer.

Mensagens preventivas dirigidas às raparigas devem apostar na rejeição do modelo masculino tradicional, associado ao risco, e sublinhar que a igualdade significa ter autonomia, liberdade e capacidade para definir os próprios padrões de consumo e lugar nos espaços de lazer. É fundamental trabalhar com as raparigas para que não adotem comportamentos tradicionalmente associados aos rapazes, sensibilizando-as para as suas implicações e reduzindo a probabilidade de comportamentos de risco. O objetivo é desafiar os quadros masculinos de sucesso e valor social, de modo a não perpetuar conselhos ou normas dirigidas às raparigas, uma vez que muitos comportamentos estão enraizados em mandatos patriarcais que as colocam numa posição de desvalorização e opressão. Em suma, as mensagens preventivas para as jovens devem promover orientações e conselhos num quadro de autonomia e de gestão do prazer e do risco que se alinhem com as suas necessidades e objetivos no contexto do lazer.

Em geral, no âmbito deste programa de formação, os esforços preventivos devem abordar as práticas sexuais de risco relacionadas com o consumo de substâncias, considerando não só as consequências específicas do envolvimento em relações sexuais desprotegidas, mas, mais importante ainda, as condições, coerções ou pressões decorrentes do comportamento heteropatriarcal. Assim sendo, é crucial abordar temas relacionados com a sexualidade, a relação com o próprio corpo e imagem corporal, bem como as relações interpessoais e romântico-afetivas, onde os comportamentos de violência e controlo aprendidos pelos homens

representam um dos maiores riscos para as mulheres. Neste sentido, é essencial deixar de normalizar os comportamentos violentos nas relações românticas e sexuais, mesmo as mais subtis e negligenciadas, e promover relações baseadas no consentimento, na comunicação emocional, na reciprocidade e na autoconsciência.

Além disso, a **idade** pode funcionar como outro fator determinante na criação de diferentes usos de substâncias. Como sugere Fabregat (2004), o consumo recreativo entre **jovens** caracteriza-se pela procura do bem-estar e do prazer, movida pela curiosidade e pela facilitação das relações sociais. Constitui um tipo de consumo normalizado, não percebido como um comportamento exclusivo, mas antes como parte de um processo de socialização. Entre os motivos para iniciar o consumo estão:

- Sentir-se bem
- Procura do prazer imediato
- Desinibição
- Maior energia
- Curiosidade/vontade de experimentar
- Aceitação pelo grupo de pares
- Transgressão da norma
- Afirmação de maturidade
- Alívio de sentimentos desagradáveis
- Evitamento de problemas
- Lidar com o tédio
- Imitação ou influência de pares, familiares ou pessoas parceiras
- Desinteresse por outros aspetos

Embora estas motivações para o consumo recreativo de substâncias possam surgir entre todas as pessoas jovens, as razões por detrás das mesmas são profundamente influenciadas e moldadas pelo **género**. A curiosidade ou o desejo de experimentar é uma motivação que está mais alinhada com as expectativas masculinas e é, por isso, mais aceite e encorajada entre os homens do que entre as mulheres. A aceitação pelo grupo de pares está mais fortemente associada às vivências dos rapazes, pois está ligada a vários rituais de construção da masculinidade em grupo (consumir em conjunto, em grandes quantidades e em espaços públicos). Em contrapartida, as raparigas não são muitas vezes aceites e podem mesmo enfrentar sanções. Se as raparigas são aceites pelos pares masculinos, é porque adotam comportamentos e padrões de consumo masculinizados, que, como referido anteriormente, possuem maior valor social; ou porque se “destacam” das outras raparigas, que são geralmente subvalorizadas – ser “diferente das outras” pode servir como fonte de validação. Quando se discute a prevenção de problemas, não é claro quais os problemas que estão a ser referenciados, nem como estes são profundamente moldados e diferenciados pelo género. Até a forma como

as pessoas gerem estas dificuldades através do consumo de substâncias é influenciada pelo género, como se verifica no maior consumo de benzodiazepinas pelas mulheres para este fim. Finalmente, em termos de imitação ou influência de pares, familiares ou pessoas parceiras, uma pessoa parceira romântica tem uma influência muito maior sobre as raparigas (quando o parceiro é homem) devido às pressões do amor romântico e da pertença. No entanto, para os rapazes, a influência de uma parceira no consumo de substâncias não é tão significativa (Fundação Atenea, 2016).

A principal função do consumo de substâncias entre jovens é **social ou recreativa** e é fortemente mediada pelo grupo de pares. Atividades como fumar e beber são acompanhadas de rituais ou comportamentos que unem estes grupos, como enrolar cigarros, partilhar isqueiros, juntar dinheiro para comprar substâncias, beber em excesso ou passar um charro. Como já foi referido anteriormente, no que diz respeito às motivações, estes rituais são realizados predominantemente por rapazes e, mesmo quando todos participam, os rituais afetam pessoas diferentes de várias formas, manifestando-se de forma diferente e assumindo significados distintos para cada uma.

Muitas pessoas jovens adultas e adolescentes **consomem regularmente substâncias** aos fins de semana, enquanto algumas podem experimentar outras substâncias ocasionalmente, sem que isso afete as suas responsabilidades diárias. Apenas uma pequena minoria desenvolverá **padrões de consumo problemáticos** e, dentro deste grupo, são sobretudo os rapazes. Isto deve-se à **interação de várias estruturas sociais**, onde as normas de género e masculinidade desempenham um papel significativo. Por um lado, o consumo de substâncias está fortemente ligado à masculinidade (com exceção das benzodiazepinas), e os rapazes tendem a percecionarem menos riscos em todas as drogas. Por outro lado, a desconexão emocional, o valor social positivo do consumo de substâncias e a tendência para correr riscos são aspetos-chave da masculinidade que contribuem para este comportamento. Estes e outros fatores, combinados com outros eixos como a idade, a classe social e a racialização, fazem com que os homens tenham maior probabilidade de desenvolver um consumo problemático de substâncias.

Contudo, isto não significa que as mulheres ou pessoas com outras identidades de género não sejam afetadas pelo consumo problemático de substâncias. De facto, nos serviços de tratamento da dependência, as mulheres e as pessoas com identidades de género diversas estão **sub-representadas**, apesar de constituírem uma minoria de pessoas utilizadoras. Isto deve-se em parte ao facto de estes serviços serem concebidos numa perspetiva androcêntrica, criando barreiras ao acesso e à retenção. Além disso, as mulheres enfrentam um maior estigma social pelo consumo de substâncias, o seu consumo de substâncias é muitas vezes mais invisível, tendem a procurar ajuda mais tarde e outros fatores contribuem para a sua sub-representação nos serviços de dependência.

No que diz respeito aos padrões de utilização recreativa, embora possam não levar à dependência, podem ainda resultar em abuso e comportamentos de risco. Assim sendo, ao desenvolver mensagens de prevenção específicas para jovens, como afirmam García e Faura (2013), é importante considerar o grupo de pares, a informação fornecida e a linguagem utilizada:

“Falta de mobilidade: cada unidade contém normalmente uma grande quantidade de informação que muitas vezes não pode ser retida numa única leitura; isto leva a população jovem a retê-la e a não partilhá-la entre o seu grupo de pares. O discurso de Redução de Riscos em folhetos informativos tende a abordar a pessoa como a única interlocutora, ou seja, são geralmente

dirigidos à pessoa leitora na segunda pessoa do singular e, conseqüentemente, a ênfase é colocada na responsabilidade individual pelo consumo”.⁵(García & Faura, 2013).

Uma das bases fundamentais destas abordagens é abordar o consumo de substâncias numa **perspetiva livre de preconceitos** que são transmitidos culturalmente de forma coletiva, consciente ou inconsciente. É por isso que é preferível falar de **substâncias psicoativas** e não de drogas, pois este conceito implica uma carga moral e cultural que dificulta o trabalho com pessoas consumidoras de substâncias para o seu bem-estar.

De seguida, serão abordadas três definições de “droga” e explicada a mais adequada para a Redução de Riscos e Minimização de Danos. Em primeiro lugar, Parés propõe:

“[...] A categoria ‘droga’ tem funcionado como bode expiatório da sociedade contemporânea [...] tem permitido a articulação da chamada violência simbólica, que é o mecanismo de dominação do qual depende para a pessoa dominada compreender, aceitar e reproduzir os termos da sua própria dominação”.⁶(Parés, 2013)

Esta definição centra-se na forma como o conceito de “droga” é uma **construção social utilizada para articular formas de violência simbólica**, por exemplo, através da estigmatização do consumo de determinadas substâncias por diferentes grupos dos estratos sociais mais baixos.

A segunda definição é proposta pela OMS:

“Droga é qualquer substância que, ao ser introduzida no organismo por qualquer via de administração, altera de alguma forma o funcionamento natural do sistema nervoso central da pessoa e é, ainda, capaz de criar dependência, seja psicológica, física ou ambas.”

Embora esta definição comece por se focar no **estritamente biológico e na interação entre as substâncias e o corpo humano**, a parte final liga estas substâncias à possibilidade de criar dependência. Como consequência, isto torna visível apenas um resultado possível do consumo de drogas, tornando outros riscos invisíveis.

Por fim, e a definição considerada mais adequada para a Redução de Riscos e Minimização de Danos é a proposta por Oriol Romaní:

“São substâncias químicas que entram no organismo humano, com capacidade de modificar várias funções do mesmo (percepção, comportamento, motricidade, etc.), mas os seus efeitos, consequências e funções são condicionados, sobretudo, pelos fatores sociais, definições económicas e culturais que geram os canais sociais que os utilizam.”⁷(Romaní, 1999)

Esta definição baseia-se numa **perspetiva científica, isenta de preconceitos morais, e articula os 3 eixos do triângulo de Zinberg sem colocar um eixo acima dos outros**. Aborda a interação substância-corpo, aspetos da pessoa e características contextuais, deixando em aberto os possíveis resultados de utilização em função de todos estes aspetos.

⁵Traduzido do texto original em espanhol.

⁶Traduzido do texto original em espanhol.

⁷Traduzido do texto original em espanhol.

GLOSSÁRIO

Por fim, é apresentado um glossário de termos básicos para a Redução de Riscos e a abordagem e diferenciação do consumo em espaços de lazer recreativos.

Uso: Forma de se relacionar com as substâncias em que, pela quantidade, frequência ou situação física, psicológica e social da pessoa, não existem consequências negativas imediatas para a mesma ou para o seu ambiente. É um modo de consumo que pode ser responsável, com determinados riscos controláveis associados. Ocorre quando os efeitos positivos superam os negativos. O consumo de uma substância não tem significado em si, mas o seu significado, efeitos e consequências são determinados pelo contexto cultural e pelo contexto específico da pessoa e do seu grupo de pares, da substância e da pessoa. Nenhum encargo moral lhe deve ser aplicado e nenhum efeito negativo deve ser assumido nas esferas médica, social, familiar, etc. Na ausência de outras especificações, deve ser entendido como um uso isolado, ocasional, episódico, sem tolerância ou dependência.

Uso arriscado ou nocivo: Usos de substâncias psicoativas onde os fatores de risco estão claramente presentes, visíveis, vivenciados e vividos pelas pessoas consumidoras. Estes tipos de utilização podem incluir diferentes aspetos do triângulo de Zinberg. Por exemplo, o consumo excessivo de álcool ou a mistura de substâncias podem ser práticas arriscadas; o uso de substâncias psicoativas sob stress ou na presença de problemas de saúde mental pode constituir um uso de risco para a pessoa; o uso de substâncias psicoativas em contextos onde a discriminação e a segregação são vivenciadas pode gerar usos mais arriscados. Tradicionalmente, nas discussões sobre drogas, alguns riscos associados às atividades recreativas – como o sexo desprotegido e a violência sexual – têm sido atribuídos ao consumo de substâncias. Isto é problemático porque muda o foco para a causalidade da violência através do consumo de substâncias, quando, na verdade, estes riscos decorrem de estruturas de género. Nestes casos, o consumo de substâncias pode, por um lado, agravar ou intensificar a agressão e, por outro lado, existe uma maior impunidade para tal violência devido ao preconceito patriarcal na forma como o consumo é percebido: justifica as pessoas agressoras e culpa as vítimas.

Abuso: É um tipo de utilização de risco em que uma ou mais substâncias são consumidas em doses elevadas e por vezes num curto espaço de tempo (binge drinking) durante uma ocasião, repetidas com maior ou menor frequência ao longo das diferentes experiências de utilização. Este tipo de utilização causa frequentemente danos, quer mental ou fisicamente, quer na família, e socialmente, dentro do grupo de pares. O abuso não implica necessariamente dependência, mas é um fator de risco devido ao aumento da tolerância, padrões de consumo prejudiciais, riscos biológicos, etc. O abuso não é sinónimo de uso. Existe uso sem abuso, assim como há ocasiões específicas em que há abuso de substâncias. Da mesma forma, para além dos indicadores biológicos (doses e horários), existe uma noção culturalmente subjetiva do que é o abuso de substâncias, gerando estigmas sobre o uso de determinadas substâncias, assim como existem experiências pessoais como ressacas ou más experiências que são vivenciadas como abuso, sem necessariamente preencher os marcadores biológicos do abuso de substâncias.

Dependência: É o conjunto de sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos que ocorrem quando uma pessoa deixa de utilizar uma substância e continua a consumir apesar da ocorrência de problemas significativos relacionados com a substância. Existe uma enorme variabilidade interindividual. Há pessoas cujos fatores pessoais e ambientais as tornam mais propensas a situações de dependência, desde que também estejam presentes outras condições ou circunstâncias, e há outras pessoas que, mesmo tendo contacto com substâncias, não desenvolverão problemas associados ao seu consumo. É de notar, tal como no caso do “abuso”,

que quando se discutem os fatores ambientais, estão também incluídos fatores estruturais como o gênero, a idade, a classe social ou a racialização, e a sua interrelação. Na aplicação prática deste conceito, surgem debates sobre “o que constitui dependência e o que não constitui” e, portanto, o que é considerado um problema e o que não é. Na aplicação destes critérios, tornam-se muitas vezes aparentes modelos androcêntricos, que tendem a ignorar o consumo de substâncias pelas mulheres e resultam em serviços de tratamento para pessoas com dependência que são predominantemente concebidos para homens.

Via de administração: A forma como a substância é introduzida no organismo. É importante considerar isto, uma vez que diferentes vias implicam diferentes riscos associados às substâncias. São absorvidos de diferentes formas e por diferentes mecanismos, afetando diferentes órgãos, com diferentes tempos de absorção, períodos de redosificação recomendados, tempos distintos de início e cessação dos efeitos, e diferente intensidade dos mesmos, etc.

Tolerância: Estado de adaptação do organismo caracterizado pela diminuição progressiva dos efeitos de uma substância à medida que é consumida repetidamente, ou pela necessidade de aumentar a dose para obter os mesmos efeitos iniciais. Por outras palavras, se a dose for mantida durante a utilização repetida, os efeitos serão reduzidos. À medida que a dose é aumentada para atingir os efeitos desejados, os riscos também aumentam. Nem todas as substâncias têm o mesmo grau de tolerância, nem todos os organismos se habitua a diferentes tipos de substâncias da mesma forma. É variável ao longo do tempo, pelo que, se uma substância que era anteriormente ingerida regularmente não for ingerida durante muito tempo, a tolerância diminui e o efeito será mais intenso.

Policonsumo de drogas: A prática de utilizar mais do que uma substância ao mesmo tempo ou consecutivamente. Isto pode ocorrer por vários motivos, desde o aumento do prazer à minimização de danos.

Envenenamento ou sobredosagem: O envenenamento é a reação do organismo ao contacto com qualquer substância. É aguda ou sobredosagem quando surgem sintomas clínicos após exposição recente a uma dose potencialmente tóxica. A intoxicação ocorre quando uma pessoa consumiu mais do que o seu organismo consegue tolerar, sofrendo danos com o consumo sem colocar necessariamente a sua vida em risco.

Dose: A quantidade de substância ingerida. Cada substância tem medidas e formatos de apresentação próprios, mas de forma padronizada é contada em gramas ou miligramas, microgramas, etc., incluindo apresentações em formato líquido como o álcool com a bebida padrão (SB). Estão disponíveis informações e recursos para calcular as doses recomendadas de substâncias legais e ilegais para as substâncias mais consumidas. As doses recomendadas para cada substância baseiam-se numa série de fatores, incluindo os intervalos entre as doses e as vias de administração a utilizar.

Overdose: Danos sofridos como resultado do consumo de uma dose superior à que o organismo consegue manipular e processar, seja pelo consumo de uma grande quantidade de substância de uma só vez ou pelo consumo de muitas doses num curto espaço de tempo. É de vital importância a atenção médica nestes casos, pois é uma consequência do consumo que coloca a vida em risco, o que difere da intoxicação. No caso do álcool, por exemplo, uma overdose de álcool é designada por coma etílico.

BIBLIOGRAFIA

- Álvarez-Bernardo, G., Romo-Avilés, N. & López-Morales, J. (2022). Gender analysis of alcohol consumption in Spanish young people. *OBETES. Revista de Ciencias Sociales*, 17(2): 191-202. <https://doi.org/10.14198/OBETS2022.17.2.01>
- Faura, R. & García, N. (2013), El ocio nocturno y la reducción de riesgos. In *De riesgos y placeres. Manual para entender las drogas*, de Martínez Oró, DP e Pallarés Gómez, J., (editores), Editorial Milenio: Lleida
- Fernández, I., (2020). Riesgo, violencia y control social en el botellón relacionado con Baja Oasis: Una aproximación de las masculinidades. *Revista Española de Drogodependencias*, 45(2): 35-46
- Gordon, R. (1987). An operational classification of disease prevention. In: J. A. Steinberg & M. M. Silverman (Eds.), *Preventing mental disorders* (pp. 20-26). Rockville, MD: U.S. Department of Health and Human Services.
- Jiménez Sánchez, A., et al. (2009). *Masculinidad y adicciones en centros de día. Guía metodológica para trabajar en centros de día de adicciones*. ASECEDI
- Martínez, D. P., & Pallarés, J. (2013). Riesgos, daños y placeres. In: *De riesgos y placeres. Manual para entender las drogas*, de Martínez, D. P. y Pallarés, J., (editores), Editorial Milenio: Lleida
- Moral B. (2008). *1a Jornada de la Comisión de Género*. Gobierno Vasco. Recuperado de: https://www.drogasgenero.info/wp-content/uploads/Introducir_PG_proyectos_drogas02.pdf
- Rodríguez E., Megias I., & Martínez P. (2019). *Distintas miradas y actitudes, distintos riesgos. Ellas y ellos frente a los consumos de drogas*. FAD. Centro Reina Sofía sobre Adolescencia y Juventud. Recovered from: <https://www.adolescenciayjuventud.org/publicacion/distintas-miradas-y-actitudes-distintos-riesgos/>
- Romaní O., (1999). *Las drogas. Sueños y razones*. Editorial Ariel: Barcelona. [Fecha de consulta: 26/01/2024: https://www.researchgate.net/publication/331329679_Las_drogas_Suenos_y_Razones]
- Romo Avilés, N., et al. (2015). Bebiendo como chicos: Consumo partilhado de álcool e ruturas de género em populações adolescentes. *Revista Española de Drogodependências*, 40(1): 13-28
- Parés, O. (2013). La génesis de la reducción de riesgos. In: *De riesgos y placeres. Manual para entender las drogas*, de Martínez Oró, DP e Pallarés Gómez, J., (editores), Editorial Milenio: Lleida
- Usó, J. C. (2013). Políticas de drogas en España. In: *De riesgos y placeres. Manual para entender las drogas*, de Martínez Oró, DP e Pallarés Gómez, J., (editores), Editorial Milenio: Lleida
- Zinberg, N. (1984) *Drug, Set and Setting: The basis for controlled intoxicant use*, New Haven, USA: Yak University Press. (1987) *The Use and Misuse of Intoxicants: Factors in the development of controlled use*, Lexington, Mass.: Lexington Book

BLOCO 2 - Gestão e prevenção do consumo de drogas

Sessão 1: Introdução básica à Redução de Riscos

Visão geral da sessão

Duração: 3 horas

Para aplicar a perspectiva da Redução de Riscos, abordaremos em primeiro lugar as várias definições de “droga” que foram propostas, enfatizando as implicações sociopolíticas de cada uma. Da mesma forma, explicaremos os diferentes modelos médicos para abordar o uso de substâncias psicoativas que surgiram, levando ao modelo de Redução de Riscos centrado na pessoa. De seguida, apresentaremos o Triângulo de Zinberg como quadro teórico para compreender o consumo de substâncias e as suas consequências e para começar a planear uma intervenção no âmbito do consumo de substâncias, aplicando uma abordagem biopsicossocial. Por fim, serão apresentadas várias fontes de informação sobre o consumo de substâncias pela população em geral e específica para iniciar os passos iniciais de uma intervenção.

Objetivos:

- Apresentar as diferentes definições do conceito de “droga”, as suas implicações sociais e culturais e com que definição funciona a Redução de Riscos.
- Apresentar os diferentes modelos médicos para abordar o uso individual de substâncias e apresentar o modelo teórico e prático de Redução de Riscos.
- Introduzir o modelo de intervenção biopsicossocial e a abordagem de intervenção na perspectiva de género.
- Apresentar conceitos básicos e a utilização de fontes de informação sobre o consumo de substâncias na população em geral e específica para os passos iniciais na conceção de uma intervenção no domínio do consumo de substâncias.

Duração	Conteúdo	Descrição
10'	Apresentação do segundo bloco e da sessão	Apresentação do conteúdo do bloco: diferentes conceitos sobre “droga” e modelos de intervenção derivados; o modelo biopsicossocial, o Triângulo de Zinberg, e a Redução de Riscos; fontes de informação gerais e específicas; formação básica sobre as substâncias mais consumidas pela população jovem; alcoolímetro e dispensa responsável de álcool; consumo de risco e comportamentos de risco. Os três primeiros temas serão abordados nesta sessão.
45'	As diferentes definições de “droga” e os modelos de intervenção	A sessão começará com a visualização de um vídeo sobre experiências com ratos para ilustrar o vício das substâncias, especificamente a experiência Rat Park. Depois de visualizadas, serão colocadas questões-estímulo e as pessoas participantes poderão fornecer respostas verbalmente, num quadro branco, ou escritas individualmente em papéis.

	<p>derivados</p>	<p>Questões para discussão:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O que é uma droga? O que imaginam quando falamos de drogas? Quem as usa? Quem vos vem à cabeça quando imaginam isso? Como são definidas as drogas? - Qual é a pior droga? É igualmente “mau” para todas as pessoas? Algumas drogas são piores para as mulheres e outras para os homens? Certas drogas são piores para a população jovem e outras para a população adulta? <p>Serão recolhidos os aspetos mais relevantes e apresentadas as várias definições à medida que vão surgindo e se relacionam. Desta forma, serão abordadas três definições, entre as quais uma de Oriol Romaní, outra da OMS e outra enfatizando a sua vertente enquanto categoria de controlo social.</p> <p>Serão explicados o modelo proibicionista (redução da oferta e da procura - prevenção), diferentes modelos médicos para abordar o uso de substâncias, levando à Redução de Riscos.</p> <p>Este conteúdo será concluído relacionando a definição de Oriol Romaní com o papel dos meios de comunicação de massa na construção do consumo pela população jovem como um problema social.</p>
<p>55</p>	<p>Redução de Riscos e Minimização de Danos, abordagem biopsicossocial e triângulo de Zinberg</p>	<p>Este bloco de conteúdos começará por projetar dois vídeos de campanhas preventivas sob duas perspetivas distintas: uma focada no medo e nos danos, e outra a partir de uma estratégia seletiva de prevenção ou Redução de Riscos. Depois de os assistir, serão colocadas as seguintes questões:</p> <ul style="list-style-type: none"> - É prevenção? Que tipo? - Que mensagens preventivas viram? - A quem se dirige a mensagem? Quais são os seus objetivos? <p>Por fim, será exibido um terceiro vídeo de uma campanha de prevenção para as pessoas que consomem álcool. As questões anteriores serão repetidas, podendo ser acrescentadas questões adicionais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Como são abordados os consumos nos vídeos? - Que diferenças existem nas mensagens?

		<p>O grupo será encorajado para gerar discussão em torno de mensagens preventivas e diferentes estratégias. Esta será uma oportunidade para introduzir a Redução de Riscos, enfatizando:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Não promove o consumo ou a abstinência - Livre de moralismo e estigma - Focada na pessoa e nas suas realidades específicas - Visão das drogas como substâncias com determinados riscos e malefícios, bem como prazeres <p>De seguida, será explicada e argumentada a perspetiva da Redução de Riscos, ilustrando como pode ser implementada através do modelo biopsicossocial expresso no Triângulo de Zinberg. Os três aspetos que o compõem serão explicados detalhadamente:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Substância (bio): tipo de substância, momento e dosagem, pureza e adulteração, misturas e interações, métodos de consumo, tolerância, frequência, etc. - Pessoa (psico): humor, expectativas, características biológicas e físicas, história de doença, história familiar de saúde mental, stress, repouso, nutrição, etc. - Contexto (social): as circunstâncias em que ocorre o consumo, crenças e estereótipos sobre as substâncias, estigmatização das práticas de lazer e consumo, sistemas de segregação dos espaços e práticas de lazer, hegemonia e suas consequências, diversidade e responsividade do espaço, serviços disponíveis, exclusão de espaços e consequências, consumos diferenciados de acordo com estigmas incorporados no local, etc. <p>É importante realçar o fator contexto, que é o aspeto que pode ser conhecido de forma menos invasiva e um dos elementos centrais sobre os quais serão realizadas as intervenções.</p>
60'	<p>Conceitos básicos e fontes de informação gerais e específicas</p>	<p>Esta secção final começará com uma pergunta aberta:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O consumo responsável é possível? <p>Serão introduzidos conceitos básicos para compreender o uso de substâncias numa perspetiva de Redução de Riscos. Serão apresentados os seguintes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tipos de substâncias, utilizando para o efeito a Roda das Drogas. - Definições de utilização, uso de risco, abuso, dependência, via de administração, tolerância, policonsumo, intoxicação, dosagem, sobredosagem e envenenamento. - Por fim, serão apresentados recursos informativos sobre o consumo de

		substâncias na população em geral e na população estudantil, juntamente com outras fontes de informação gerais e específicas sobre o consumo de substâncias.
--	--	--

MATERIAIS	
BLOCO 2 - Gestão e prevenção do consumo de drogas	
Sessão 1: Introdução básica à Redução de Riscos	
Conteúdo	Material proposto pela ABD
<p>As diferentes definições de “droga” e os modelos de intervenção derivados</p>	<p>Será utilizado material de apoio para a apresentação dos vídeos e outros materiais audiovisuais que incluirão as três definições de “droga” propostas no enquadramento teórico (OMS, Parés (2013) e Romaní (1999)), explicações sobre os modelos de drogas e vários recortes de imprensa e vídeos dos meios de comunicação de massa.</p> <p>Para relacionar a definição de Romaní com o papel dos meios de comunicação de massa, serão utilizados diferentes recortes de títulos dos meios impressos, vídeos e/ou materiais considerados apropriados.</p>
	<p>Critérios para a seleção de materiais</p>
	<p>Recomenda-se a utilização da definição da OMS. Para as restantes definições podem ser utilizados autores de referência de cada país, desde que cumpram os seguintes critérios:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Para substituir a definição de Parés: Definições que destacam como a categoria “droga” é uma construção social que permite, através do estigma de determinadas populações e/ou consumo, a articulação de formas de violência simbólica e mecanismos de dominação. - Para substituir a definição de Romaní: Definições que articulam o aspeto farmacológico do sistema nervoso central com a abordagem biopsicossocial ou de Zinberg. <p>Para a seleção de materiais de imprensa ou da comunicação social, os critérios são:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Discute o consumo da população jovem. - Estigmatiza estes consumos e práticas. - Com um tom sensacionalista e sexista que iliba as pessoas agressoras, humaniza a substância ao utilizar termos como “droga canibal”, “droga anuladora da vontade” etc., demonizando-a e submetendo-a ao tabu, à desinformação e ao obscurantismo. - Visibilidade excessiva ou exclusiva de práticas negativas. - Apresentação do consumo, dos espaços e das práticas de lazer da população jovem como um contexto perigoso, de risco, excessivo, etc.

<p>Redução de Riscos e Minimização de Danos, abordagem biopsicossocial e triângulo de Zinberg</p>	<p>Material proposto pela ABD</p>
	<p>Os vídeos utilizados pela ABD para apresentar as diferentes abordagens de prevenção são os seguintes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Prevenção Universal: Vídeo "Una mala noche"(FAD, 2010, direção Alex de la Iglesia) - Prevenção Seletiva: Vídeo "Aviso para personas que vayan de fiesta a Holanda y tengan pensado consumir sustancias".(Unity Netherlands, 2018) - Prevenção Indicada: Brief harm reduction campaign on alcohol (Energy Control, 2015) <p>Para explicar o Triângulo de Zinberg serão utilizados dois vídeos focados na mesma substância, mas em contextos diferentes.</p> <p>Os vídeos selecionados são um segmento do filme Pulp Fiction (do minuto 27h00 às 31h15) onde a personagem interpretada por John Travolta compra e consome heroína. O segundo vídeo é um segmento pré-cortado do documentário "Los jóvenes del barrio. 30 años después".</p> <ul style="list-style-type: none"> - Link para ver Pulp Fiction: [Ver filme] (https://www.cuevanahd.net/pelicula/tiempos-violentos/) - Documentário "Los jovens do bairro. 30 años después " <p>Serão contextualizadas diferentes populações e pessoas que aparecem nos vídeos; o primeiro reflete uma pessoa descontraída e despreocupada, com um emprego bem remunerado, vinda de férias, branca, de classe média alta e não envolvida num contexto de marginalização. O segundo vídeo, por outro lado, centra-se numa população racializada e economicamente desfavorecida em Barcelona, com empregos mal remunerados e poucas oportunidades, proveniente de uma classe mais baixa e num contexto marginalizado.</p> <p>A apresentação dos conteúdos será apoiada por PowerPoint ou ferramenta similar e será acompanhada de referências teóricas relacionadas com o Triângulo de Zinberg e a sua implementação.</p>
	<p>Critérios para a seleção de materiais</p>
	<p>Em relação aos vídeos sobre as diferentes abordagens de prevenção:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O vídeo para a prevenção universal pode ser escolhido a partir de campanhas nacionais. É importante que o vídeo se baseie no medo, associe o consumo de substâncias a uma experiência negativa e promova aberta ou indiretamente o não consumo. - Em relação ao vídeo de prevenção seletiva, o sugerido é o do serviço de Redução de Riscos da Holanda (Unity). Está em inglês com legendas disponíveis em espanhol, francês, alemão e italiano. Se quiser utilizar o seu próprio, deve refletir a prevenção dirigida às pessoas que saem à noite, abordando aspetos gerais do consumo de substâncias, sem fornecer orientações específicas sobre qualquer substância.

	<ul style="list-style-type: none"> - Para o vídeo de prevenção indicada, pode utilizar um recurso próprio, desde que se concentre no consumo de uma substância com informação prática sobre como praticar um consumo de menor risco. É aconselhável que o vídeo que aborda a substância esteja presente no contexto onde o piloto será implementado. <p>Para o material utilizado para explicar o Triângulo de Zinberg, os critérios de seleção são:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Utilizar materiais que abordem a mesma substância e que sejam utilizados por diferentes grupos populacionais. - Garantir que a comparação entre os contextos habitados pelas pessoas consumidoras reflete as diferenças de classe social e a racialização no impacto do seu consumo. - Contrastar clara e diretamente a estigmatização de um grupo populacional específico através da substância.
<p>Conceitos básicos e fontes de informação gerais e específicas</p>	<p>Material proposto pela ABD</p>
	<p>A apresentação destes temas será feita em KAHOOT ou formato semelhante.</p> <p>Para explicar os tipos de substâncias, é possível utilizar A roda das drogas</p> <p>As fontes de informação que serão apresentadas são as oficiais (ESTUDES e EDADES), os observatórios regionais, neste caso catalães, outros recursos regionais e os próprios estudos do Energy Control</p>
	<p>Critérios para a seleção de materiais</p>
	<p>A plataforma para dinamizar a apresentação do conteúdo pode ser escolhida com base na capacidade de transmitir as principais definições dos conceitos. Recomenda-se a utilização das mesmas definições para os conceitos. A Roda das Drogas está em inglês. Se disponível, poderá ser utilizada uma versão nos respetivos idiomas.</p> <p>As fontes de informação a apresentar ficam ao critério de cada parceiro. Recomenda-se a utilização de fontes de informação oficiais (inquéritos estatais, estudos populacionais, etc.), recursos regionais ou autónomos e estudos específicos relacionados com pessoas que consomem substâncias recreativas.</p>



BLOCO 2 - Gestão e prevenção do consumo de drogas

Sessão 2: Formação básica sobre as substâncias mais consumidas pela população jovem

Visão geral da sessão

Duração: 2 horas

Uma vez abrangidos os princípios básicos da Redução de Riscos e fornecidas as ferramentas essenciais para identificar e distinguir entre diferentes utilizações de substâncias, é também necessário dispor de informações básicas sobre o modo como estas substâncias funcionam para discernir entre utilizações de risco. Da mesma forma, é necessário compreender estratégias para reduzir estes riscos e promover uma melhor gestão do consumo. Serão abordadas as substâncias mais consumidas pela população dos 16 aos 24 anos em cada contexto. Serão exploradas as distinções entre padrões de consumo mais arriscados, especialmente aqueles que envolvem risco. Serão abordados os fundamentos da dispensa responsável de álcool e, por fim, será apresentada a utilização do alcoolímetro como ferramenta específica.

Objetivos:

- Fornecer informações básicas com uma perspetiva de género sobre as substâncias mais consumidas pela população entre os 16 e os 24 anos em espaços de lazer.
- Definir a diferença entre consumo de substâncias de risco e comportamentos de risco.
- Transmitir os valores e práticas básicas para a dispensa responsável de bebidas alcoólicas.
- Introduzir o uso do alcoolímetro como ferramenta de intervenção em contextos de recreio noturno com jovens.

Duração	Conteúdo	Descrição
5'	Apresentação da sessão	Apresentação do conteúdo da sessão: Introdução básica às substâncias mais consumidas pela população jovem, uso e comportamentos de risco de substâncias, dispensa responsável de álcool e uso do alcoolímetro como ferramenta.
70'	Formação básica sobre substâncias	<p>A sessão terá início com a visualização de um breve vídeo noticioso de um meio de comunicação espanhol sobre o uso de tiras reativas para detetar substâncias nas bebidas por mulheres que saem à noite. Uma questão-estímulo será colocada a todo o grupo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Acham que existem substâncias que, de uma forma ou de outra, facilitam a violência sexual em ambientes de diversão noturna? <p>As respostas do grupo serão recolhidas e será encorajado um debate. Uma vez consideradas, as respostas serão reunidas e será dada uma resposta definitiva à questão: Não.</p> <p>Em relação ao vídeo da notícia apresentada, serão destacados os seguintes</p>

	<p>pontos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O foco está nas “substâncias de submissão química” ou “drogas da violação” (tais substâncias não existem de facto), mas não em qualquer substância específica. - Os dados epidemiológicos disponíveis mostram que a substância mais presente nos casos de violência é o álcool. - Não é mencionada nenhuma substância específica, apenas tiras de teste. Mas o que deveriam detetar? - Não é efetuada nenhuma menção sobre as pessoas perpetradoras, nem qualquer referência à estrutura de género ou à cultura machista que promove o ambiente para estas formas de violência. - Utilização de dados sobre a submissão química, mas sem menção aos tipos de agressões (oportunistas – a maioria – e premeditadas). - O discurso dirigido às mulheres, como estratégia adicional para “ter cuidado” porque “estas coisas acontecem”, confunde o papel e as responsabilidades das pessoas agressoras e do sistema sexo-género como raiz da violência. Pode-se realçar que esta mudança de responsabilidade leva a culpar as mulheres se não seguirem a norma “tenham cuidado”. <p>A Roda das Drogas será novamente mostrada e os principais efeitos serão recordados. Será explicada a diferença entre os dois tipos de violência sexual ou agressões que envolvem a presença ou consumo de drogas: oportunista e proativa. Para cada uma das substâncias selecionadas, neste caso, tabaco, vapes, Poppers, bebidas energéticas, canábis e álcool, será explicado o seguinte:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tipo de substância, efeitos farmacológicos no organismo e estado mental - Prazeres, riscos percebidos e estratégias de Redução de Riscos - Dosagens e misturas - Efeitos indesejáveis, imediatos, a curto, médio e longo prazo <p>No caso da ABD, a canábis e o álcool serão explicados através de materiais audiovisuais. Cada secção terminará com algumas questões-estímulo para o grupo definir utilizações de menor risco com base nas informações fornecidas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Como seria o consumo responsável da substância X? E um consumo de risco? - O que deve ser considerado para minimizar os riscos? - Conseguem pensar nalguma estratégia de Redução de Riscos? <p>Especificamente no que diz respeito ao vídeo sobre o álcool, serão introduzidos cuidados na perspetiva de género, aproveitando os comentários das pessoas</p>
--	--

		<p>jovens no vídeo.</p> <p>Com a utilização destas questões, pretende-se fornecer conhecimentos básicos e específicos sobre como distinguir o consumo de maior ou menor risco com base nos aspetos farmacológicos das substâncias.</p> <p>Este bloco será concluído introduzindo a ideia de comportamentos de risco relacionados com o consumo de substâncias, por exemplo, conduzir, não utilizar métodos contraceptivos nas relações sexuais, etc. É importante terminar com o álcool para iniciar o próximo bloco.</p>
<p>45'</p>	<p>Dispensa Responsável de Álcool (RDA) e o Alcoolímetro como Ferramenta.</p>	<p>Compilando a informação que acabámos de fornecer sobre o álcool como substância, passaremos a explicar os fundamentos da Dispensação Responsável de Álcool (RDA), o papel que o <i>staff</i> de ambientes de diversão noturna pode desempenhar e dicas práticas para a sua implementação.</p> <p>Por fim, apresentaremos a utilização do alcoolímetro como ferramenta de intervenção e investigação na Redução de Riscos em contextos de diversão noturna e consumo de álcool. É importante esclarecer aspetos necessários para a utilização eficaz deste dispositivo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Deve ser sempre feito acompanhado por uma pessoa treinada. - Deve ser acompanhado de questões essenciais para o aconselhamento. - Proteger o anonimato das pessoas submetidas ao teste do alcoolímetro e na posterior análise dos dados. - Recomenda-se a presença contínua da ferramenta e das pessoas no mesmo contexto. - Formular e incluir questões de investigação.

MATERIAIS	
BLOCO 2 - : Gestão e prevenção do consumo de drogas	
Sessão 2: Formação básica sobre as substâncias mais consumidas pela população jovem	
Conteúdo	Material proposto pela ABD
<p>Formação básica sobre substâncias</p>	<p>O vídeo da notícia está disponível nesta ligação.</p> <p>As informações sobre as substâncias utilizadas são do site da Energy Control, bem como da formação interna e documentos de trabalho. Para a introdução da canábis e do álcool será utilizado material audiovisual proprietário, composto por duas partes: uma primeira parte que mostra o processo de enrolar um charro para trabalhar medidas específicas de Redução de Riscos.</p> <p>A canábis e o álcool serão introduzidos através de material etnográfico com jovens que bebem ao ar livre antes de entrar numa discoteca; o vídeo apresenta questões sobre o consumo de álcool e as respostas das pessoas presentes na festa: https://drive.google.com/file/d/1G28o9iErUfUcIS_rWNbLEx-RriNepnls/view</p>
	<p>Critérios para a seleção de materiais</p>
	<p>Quanto à seleção dos materiais audiovisuais, os critérios para o vídeo introdutório do bloco são os seguintes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O vídeo centra-se numa categoria de substâncias farmacologicamente inexistente, “drogas da violação”, exemplificando o uso de “droga” como dispositivo de controlo social. - É proposta uma medida para detetar substâncias, mas não é mencionada nenhuma substância específica. - É proposta uma medida de Redução de Riscos que atribui mais responsabilidade às mulheres e não se foca na pessoa agressora. - O vídeo não menciona as pessoas perpetradoras nem os dois tipos diferentes de agressões sexuais facilitadas por substâncias: oportunistas e premeditadas. - Nenhuma intervenção com a pessoa agressora é proposta. <p>No que diz respeito ao material utilizado para a formação básica sobre substâncias, os parceiros podem utilizar as suas próprias informações sobre as substâncias ou informações fornecidas pelo Energy Control, ou pelos seus próprios serviços. As informações devem ser verificadas cientificamente. A ABD tem preferido utilizar materiais audiovisuais para tornar a transmissão de conteúdos mais envolvente. A utilização de materiais audiovisuais fica ao critério de cada parceiro.</p> <p>Um artigo de referência pode ser fornecido como bibliografia quando se discute sobre a</p>

	<p>violência sexual ligada ao consumo de drogas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Bendau, A., Michnevich, T., Petzold, M. B., Piest, A., Schmolke, R., Jakobson, D., Ahrend, K., Reitz, T., Roediger, L., & Betzler, F. (2023). Spiking sersus speculation? Perceived prevalence, probability, and fear of drink and needle spiking. <i>Journal Of Drug Issues</i>. https://doi.org/10.1177/00220426231197826 <p>Se decidir utilizar material audiovisual, este deverá cumprir vários, mas não todos, dos seguintes critérios:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mostra a preparação para o consumo da substância específica. - Aborda as vias de administração, as quantidades e as frequências de consumo. - Destaca os prazeres procurados e os riscos percebidos no consumo dessa substância. - Mostra estratégias de cuidado e/ou de Redução de Riscos.
<p>Dispensação Responsável de Álcool (RDA) e o Alcoolímetro como Ferramenta.</p>	<p>Material proposto pela ABD</p>
	<p>Os pilares básicos da Dispensação Responsável de Álcool (DRA) são os seguintes:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Prevenir a venda de álcool a menores (estratégias e formas de recusar) - Tentar evitar incidentes relacionados com a intoxicação alcoólica (estratégias de prevenção e reconhecimento da intoxicação) - Prevenir a condução sob o efeito do álcool (alcoolímetros e promoção de transporte alternativo) - Identificar e prevenir, e intervir se necessário, situações de violência (coordenação com outros serviços e formação) <p>Materiais utilizados: Guia de recomendações sobre o consumo de álcool e outras drogas em festas locais.</p> <p>Quanto à utilização do alcoolímetro como instrumento de intervenção não existe um manual específico de boas práticas. Os cinco pontos fornecidos baseiam-se na experiência profissional durante a sua aplicação.</p>
	<p>Crítérios para a seleção de materiais</p>
<p>Quanto aos conteúdos específicos da RDA, desde que sejam respeitados os princípios básicos, as estratégias podem ser adaptadas a contextos específicos. Recomenda-se a utilização de guias de referência oficiais, como o produzido pela agência de saúde pública da Catalunha.</p> <p>Os critérios para a utilização do alcoolímetro baseiam-se na experiência profissional com</p>	

	<p>esta ferramenta. Para a sua adaptação, pode-se extrapolar os princípios discutidos, aplicar os seus próprios princípios ou utilizar uma combinação. No caso de utilização de outra ferramenta durante a intervenção, este espaço poderá ser utilizado para apresentar essa ferramenta.</p>
--	---

BLOCO 2 - Gestão e prevenção do consumo de drogas

Sessão 3: Apresentação do exercício prático

Visão geral da sessão

Duração: 1 hora

As sessões anteriores ao exercício prático serão utilizadas para introdução das práticas e dos materiais utilizados para o mesmo. Nesta sessão, para além de apresentarmos o próximo exercício prático, realizaremos exercícios para melhorar a nossa capacidade de argumentar determinado tipo de comentários.

Objetivos:

- Realizar exercícios de argumentação.
- Apresentar um local de observação ou material etnográfico para análise.
- Elaborar uma questão de investigação de acordo com o local ou materiais apresentados.

Duração	Conteúdo	Descrição
5'	Apresentação da sessão	Apresente as atividades.
20'	Contra-argumentar preconceitos sobre a nossa própria intervenção e considerações para a intervenção.	<p>Devemos explicar que qualquer intervenção envolve um ponto de vista ideológico e político, e nem todas as pessoas que recebem a intervenção têm de concordar. Estas divergências podem levar a conversas com certos graus de tensão. Por isso, precisamos de articular por que razão estamos a fazer o que fazemos sem nos expormos e garantir que todas as pessoas da equipa estão confortáveis durante a intervenção.</p> <p>Dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Forme grupos. - Recorrendo a material audiovisual, inicie uma discussão sobre a potencial violência e/ou preconceitos que podemos encontrar durante a nossa intervenção.
30'	Apresentação de espaços, técnicas e materiais para os exercícios práticos	<p>Devemos começar por esclarecer que, para a parte prática da formação, as pessoas podem optar pelo formato online ou presencial. Será alocado tempo adequado para o processo de seleção e formação do grupo.</p> <p><u>1. Formato online</u></p> <p>Proporemos a análise de um documento considerado etnográfico, desde que reflita ou capture algum aspeto que desejemos explorar: práticas, imaginários,</p>

		<p>situações, configurações espaciais, etc. Para orientar a análise, será fornecido um conjunto de questões a serem respondidas.</p> <p>Dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - As pessoas que não podem ou não querem realizar a observação participante farão este exercício. - No formato online, cada pessoa deverá realizar o exercício individualmente. Assim sendo, apresentaremos apenas as Questões para facilitar a análise (ver secção Materiais) e informações básicas que servem para contextualizar a matéria que vamos analisar: Quem fez isto? A que contextos se refere? Que tipo de perfil de pessoas irá aparecer? Que tipo de formato possui? Quanto tempo levaremos a vê-lo ou a lê-lo? <p><u>2. Formato presencial</u></p> <p>Será proposto um local para uma observação de duas horas. Serão fornecidas e descritas ferramentas para o registo de dados e um guião de questões para orientar a observação. Convém esclarecer que, em caso algum, será realizado um trabalho secreto, declarando explicitamente o nosso papel em todas as interações.</p> <p>Dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Primeiramente, formaremos os grupos que farão a observação. Dependendo da natureza dos locais selecionados, recomenda-se a determinação do tamanho do grupo, desaconselhando-se grupos superiores a 5 pessoas. - O local de observação será contextualizado com informação muito geral. Tenha em atenção que estes devem ser locais onde as pessoas formadoras já trabalharam. - É importante explicar que cada pessoa terá de gravar notas de voz durante a observação, pois deverá ter respondido a pelo menos uma questão de cada secção do Guião de Observação para a sessão seguinte. - Para facilitar o trabalho, podemos oferecer aos grupos a opção de pré-atribuir diferentes blocos de questões. - Para além da observação participante, deverão também ser apresentadas outras ferramentas e técnicas disponíveis, tanto para estabelecer uma relação como para recolher informação. Ver Técnicas de observação de um espaço de lazer na secção Materiais. - Por fim, devemos especificar os pontos inicial e final das observações.
5'	Encerramento da sessão	Concluiremos a sessão, especificando o dia e a hora da observação seguinte.

MATERIAIS	
BLOCO 2 - Gestão e prevenção do consumo de drogas	
Sessão 3: Apresentação do exercício prático	
Conteúdo	Material proposto pela ABD
<p>Contra-argumentar preconceitos sobre a nossa intervenção e considerações para a intervenção.</p>	<p><i>Tiktok @manuel_irene, "Acho muito descarado": vídeo onde um TikToker expressa uma opinião muito negativa sobre o serviço de análise do Energy Control, acusando-o de promover o consumo.</i></p> <p>Questões-estímulo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Como rebateriam os argumentos dessa pessoa? - O que fariam se alguém falasse convosco naquele tom? Como lidariam com a reclamação? - O que fariam se alguém da vossa equipa falasse naquele tom? - Como terminariam educadamente a conversa?
	<p>Critérios para a seleção de materiais</p>
	<p>Nesta parte da sessão, precisamos de fornecer materiais audiovisuais que apoiem a teoria e nos permitam refletir sobre os preconceitos e a violência que podemos encontrar durante a intervenção.</p> <p>O vídeo deve incluir:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Opiniões que consideramos preconceitos ou estereótipos. - As opiniões deverão ser contra um tipo de intervenção semelhante à que habitualmente fazemos.
<p>Apresentação de espaços, técnicas e materiais para os exercícios práticos</p>	<p>Formato online - Material proposto pela ABD</p>
	<p>Propomos o seguinte vídeo, que contém três campanhas de prevenção do álcool.</p> <p><u>Questões para facilitar a análise:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Acham realista a forma como retratam o consumo e as suas consequências? - As recomendações são as mesmas para homens e mulheres? - Acham que quem criou o vídeo identificou elementos para a mudança? - Que riscos específicos no consumo conseguem imaginar para homens e para mulheres?

Como os abordariam?

Formato online - Critérios para a seleção de materiais

Devemos selecionar documentos que consideramos **etnográficos**, no sentido em que evidenciam práticas, situações ou opiniões em ambientes de diversão noturna que queremos trabalhar ou analisar. Neste sentido, devem ser comparáveis ou de alguma forma equivalentes aos ambientes de diversão noturna que pretendemos observar pessoalmente.

Podemos escolher tanto documentos audiovisuais como escritos, mas é fundamental realçar que repetiremos o exercício nas práticas dos três primeiros blocos. Dado que os temas abordados em cada bloco são relacionados mas diferentes, os documentos selecionados podem estar interligados, ou podemos construir uma relação ficcional, garantindo sempre que as realidades retratadas são comparáveis ou equivalentes nalgum sentido.

Aqui estão algumas ideias para diferentes formatos que podem ser úteis, como **documentários, YouTubers ou séries de ficção**. Podem também ser apresentadas diferentes situações a partir da experiência das pessoas formadoras; no entanto, isto apresenta o desafio de conceber um documento suficientemente rico em opiniões e descrições.

Recomenda-se seguir os seguintes critérios ao selecionar ou projetar estes materiais:

- Devem referir-se a um ambiente de diversão noturna semelhante àqueles com os quais normalmente nos envolvemos.
- Deverão permitir a discussão do tema correspondente a cada bloco.
- Devem ser ricos em descrições e/ou opiniões na primeira pessoa.
- Devem retratar uma situação ou prática que desejamos analisar.
- Devem envolver as pessoas participantes na formação.

Formato presencial - Material proposto pela ABD

Técnicas de observação de um espaço de lazer.

- **Observação digital não participante:** Observar as redes sociais dos bares e discotecas ligadas aos espaços observados ou parte da própria observação pode fornecer informações valiosas. Tenha atenção às fotos, opiniões e vídeos. Compare as opiniões dos locais com as das pessoas utilizadoras. Nunca intervenha secretamente em *chats* ou outros espaços.
- **Shazam:** Analisar as músicas tocadas pode fornecer muitas informações numa observação inicial.
- **Fotografia:** Pode ser uma ferramenta que fornece informação para a descrição de espaços ou elementos urbanos considerados relevantes. Nunca mostre rostos ou elementos reconhecíveis, como tatuagens, e evite o uso excessivo desta ferramenta ou para captar

pessoas em situações comprometedoras.

- **Dinâmica de avaliação do conhecimento:** “Drug Trivial”: São colocadas questões sobre diferentes conceitos relacionados com o consumo seguindo a dinâmica de um jogo de tabuleiro.
- **Alcoolímetros:** Serão utilizados testes de álcool para recolher dados sobre o consumo de álcool e o policonsumo de drogas.
- **Diagrama de prioridades:** Utilizando um alvo como diagrama, as pessoas presentes nos espaços de diversão noturna serão convidadas a construir a sua festa ideal, colocando os elementos mais importantes no centro e os restantes nas bordas. Recomenda-se fornecer antecipadamente alguns elementos para potenciar o desenvolvimento da dinâmica.
- **Gravações de áudio:** As pessoas participantes serão encorajadas a gravar notas áudio no local com as suas impressões e descrições dos locais, situações, práticas e opiniões. Registrar diretamente as pessoas observadas não é apropriado, uma vez que não se trata de uma entrevista.

Guião de observação:

1. Descrevam um dos grupos observados.

- Como descreveriam a maioria das pessoas neste espaço?
- Alguém vos chamou a atenção? Porquê?
- Detetaram preconceitos sobre o consumo?
- Detetaram mitos ou desinformação sobre as substâncias?

2. Descrevam o espaço.

- É homogéneo?
- Existem espaços diferentes? São usados da mesma forma? Detetaram consumos específicos nalgum local específico?
- Todas as pessoas utilizam todos os espaços da mesma forma?

3. Descrevam as práticas.

- Qual é a substância principal? Detetaram outras substâncias?
- Detetaram estereótipos de género e sanções em relação ao consumo? Quais?
- Detetaram comportamentos de risco? Quais?

4. Os três elementos necessários para a mudança estão presentes?

Formato presencial – Critérios para a seleção de espaços de lazer

Critérios para a seleção do grupo:

- O grupo de observação não pode exceder as 5 pessoas, excluindo a pessoa formadora.
- Se necessário por razões logísticas, os grupos podem alternar entre a observação e o trabalho online em exercícios sucessivos.
- Recomenda-se que se considere a composição do grupo, no mínimo, em termos de diversidade de género.

Critérios para a seleção do local:

- Deverá ser um local de diversão noturna onde as pessoas formadoras já trabalharam. De preferência, deverá ser o mesmo local onde a intervenção piloto ocorrerá posteriormente
- Se for um local onde ocorre violência, devemos questionar a relevância de uma observação inicial. Neste caso, devemos considerar a experiência anterior tanto das pessoas formadoras como das pessoas participantes neste ou noutros locais. A participação nunca deve ser forçada.

Elementos de segurança:

- Ponderar a chegada e a saída dos ambientes de diversão noturna, garantindo a segurança de todas as pessoas participantes. Recomenda-se a chegada e saída conjunta dos pontos seguros avaliados.
- Criar grupos de WhatsApp (ou similares) para comunicação em caso de divisão do grupo ou caso alguém se perca.
- Não fazer observações sozinho/a.
- Ouvir tanto quem nos acompanha como quem acompanhamos: não expor ninguém a situações indesejadas, terminar a observação se alguém do grupo o solicitar e, de um modo geral, demonstrar sensibilidade e camaradagem dentro da equipa.

Critérios para a seleção de ferramentas

Cada parceiro deverá utilizar os elementos que considere mais adequados ao seu contexto. Recomenda-se que sejam dinâmicas ou estratégias que as pessoas formadoras utilizem rotineiramente nas suas intervenções.

BLOCO 2 - Gestão e prevenção do consumo de drogas

SESSÃO 3. PRÁTICA 2: Observação do consumo de drogas em ambientes de diversão noturna

Descrição do exercício

Duração: 2 horas

Os exercícios práticos têm dois propósitos: primeiro, observar os conceitos ensinados no terreno, e segundo, simular o processo de uma intervenção hipotética, apresentando, de uma forma muito geral, todas as suas fases: Diagnóstico/Desenho/Implementação/Avaliação. Neste exercício inicial, iremo-nos focar na realização de um diagnóstico de um ambiente de diversão noturna. Para o efeito, devemos abordar a questão de investigação com a ajuda do guião que elaboramos. O objetivo não é que as pessoas participantes forneçam um diagnóstico preciso, mas sim apresentá-las às ferramentas de recolha de dados no local. As pessoas formadoras devem estar familiarizadas com o espaço para contribuir com os dados necessários, daí a importância de selecionar um local que seja familiar ou para o qual já tenhamos um diagnóstico prévio.

Objetivos:

Presencial:

- Realizar duas horas de observação num ambiente de diversão noturna.
- Responder às questões do guião.

Online:

- Analisar um documento considerado etnográfico.
- Responder às perguntas do guião

Formato presencial

Critérios de inclusão na escolha dos locais de observação	Exercício proposto	Resultado esperado
<p>Critérios para a seleção do grupo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O grupo de observação não pode exceder as 5 pessoas, excluindo a pessoa formadora. - Se necessário por razões logísticas, os grupos podem alternar entre a observação e o trabalho online em exercícios sucessivos. - Recomenda-se que se considere a composição do grupo, no mínimo, 	<p>Iremos para um local de diversão noturna; a observação com cada grupo terá a duração de 2 horas, devendo estes integrar-se no espaço e interagir quando considerarem adequado para recolher a informação delineada no guião fornecido na sessão anterior.</p> <p>Devemos lembrar que esta prática inicial deve estar relacionada com o conteúdo do Bloco 2 da formação CRISSCROSS (Gestão e prevenção do consumo de drogas). Por isso, devemos</p>	<p>Espera-se que, na próxima sessão, cada grupo tenha respondido, com base na observação realizada, a pelo menos uma questão de cada secção do guião.</p>

<p>em termos de diversidade de género.</p> <p>Critérios para a seleção do local:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Deverá ser um local de diversão noturna onde as pessoas formadoras já trabalharam. De preferência, deverá ser o mesmo local onde a intervenção piloto ocorrerá posteriormente - Se for um local onde ocorre violência, devemos questionar a relevância de uma observação inicial. Neste caso, devemos considerar a experiência anterior tanto das pessoas formadoras como das pessoas participantes neste ou noutros locais. A participação nunca deve ser forçada. <p>Elementos de segurança:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ponderar a chegada e a saída dos ambientes de diversão noturna, garantindo a segurança de todas as pessoas participantes. Recomenda-se a chegada e saída conjunta dos pontos seguros avaliados. - Criar grupos de WhatsApp para comunicação em caso de divisão do grupo ou caso alguém se perca. - Não fazer observações sozinho/a. - Ouvir tanto quem nos acompanha como quem acompanhamos: não expor ninguém a situações indesejadas, terminar a observação se alguém do grupo o solicitar e, de um modo geral, demonstrar sensibilidade e camaradagem dentro da equipa. <p>Critérios para a seleção de ferramentas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cada parceiro deverá utilizar os 	<p>concentrar a observação nesses tópicos.</p> <p>Guião de observação:</p> <p>1. Descrevam um dos grupos observados</p> <ul style="list-style-type: none"> - Como descreveriam a maioria das pessoas neste espaço? - Alguém vos chamou a atenção? Porquê? - Detetaram preconceitos sobre o consumo? - Detetaram mitos ou desinformação sobre as substâncias? <p>2. Descrevam o espaço.</p> <ul style="list-style-type: none"> - É homogéneo? - Existem espaços diferentes? São usados da mesma forma? Detetaram consumos específicos nalgum local específico? - Todas as pessoas utilizam todos os espaços da mesma forma? <p>3. Descrevam as práticas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Qual é a substância principal? Detetaram outras substâncias? - Detetaram estereótipos de género relativamente ao consumo? Quais? - Detetaram comportamentos de risco? Quais? <p>4. Os três elementos necessários para a mudança estão presentes?</p>	
---	---	--

<p>elementos que considere mais adequados ao seu contexto. Recomenda-se que sejam dinâmicas ou estratégias que as pessoas formadoras utilizem rotineiramente nas suas intervenções.</p>		
---	--	--

Formato online		
Critérios de inclusão	Exercício proposto	Resultado esperado
<p>Devemos selecionar documentos que consideramos etnográficos, no sentido em que evidenciam práticas, situações ou opiniões em ambientes de diversão noturna que queremos trabalhar ou analisar. Neste sentido, devem ser comparáveis ou de alguma forma equivalentes aos ambientes de diversão noturna que pretendemos observar pessoalmente.</p> <p>Podemos escolher tanto documentos audiovisuais como escritos, mas é fundamental realçar que repetiremos o exercício nas práticas dos três primeiros blocos. Dado que os temas abordados em cada bloco são relacionados mas diferentes, os documentos selecionados podem estar interligados, ou podemos construir uma relação ficcional, garantindo sempre que as realidades retratadas são comparáveis ou equivalentes nalgum sentido.</p> <p>Aqui estão algumas ideias para diferentes formatos que podem ser úteis, como documentários, <i>YouTubers</i> ou séries de ficção. Podem também ser apresentadas diferentes situações a partir da experiência das pessoas formadoras; no entanto, isto apresenta o desafio de conceber um documento suficientemente rico em opiniões e descrições.</p> <p>Recomenda-se seguir os seguintes critérios ao selecionar ou projetar estes materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Devem referir-se a um ambiente de diversão noturna semelhante àqueles com os quais normalmente nos envolvemos. - Deverão permitir a discussão do 	<p>Propomos o seguinte vídeo, que contém três campanhas de prevenção do álcool.</p> <p><u>Questões para facilitar a análise:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Acham realista a forma como retratam o consumo e as suas consequências? - As recomendações são as mesmas para homens e mulheres? - Acham que quem criou o vídeo identificou elementos para a mudança? <p>Que riscos de consumo imaginam para os homens e quais os riscos para as mulheres? Como o resolveriam?</p>	<p>Na próxima sessão, espera-se que cada pessoa tenha respondido, com base no documento analisado, a todas as questões do guião.</p>

<p>tema correspondente a cada bloco.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Devem ser ricos em descrições e/ou opiniões na primeira pessoa. - Devem retratar uma situação ou prática que desejamos analisar. - Devem envolver as pessoas participantes na formação. 		
--	--	--

BLOCO 2 - Gestão e prevenção do consumo de drogas

Sessão 4: Aplicação da metodologia da mudança comportamental

Visão geral da sessão

Duração: 2 horas

Para iniciar esta sessão é fundamental que tenhamos concluído o primeiro exercício prático, pois iremos utilizar as observações e análises de documentos etnográficos para responder à questão de investigação. A resposta obtida será correlacionada com o Modelo da Mudança Comportamental, desenhando-se, em última instância, indicadores que permitam averiguar se estão presentes as condições para a mudança desejada.

Objetivos:

- Definir uma mudança específica que queremos promover no espaço selecionado relacionada com o modelo lecionado.
- Elaborar uma lista de indicadores para verificar se as condições para a mudança estão reunidas: oportunidade/capacidade/motivação.

Duração	Conteúdo	Descrição
5'	Apresentação da sessão	Apresente as atividades.
30'	Comente os exercícios práticos realizados	Deixaremos um espaço para quem desejar expor as suas impressões sobre o exercício prático realizado. Dinâmica: Será facilitada uma discussão sobre as observações e os documentos online propostos. As questões dos guiões serão utilizadas para facilitar a discussão. Consulte as questões do Guião de Observação , no caso da observação presencial, e as Questões para facilitar a análise para o formato online.
25'	Proponha uma mudança	Neste ponto, e na sequência da discussão anterior, devemos decidir quais os elementos que queremos alterar e porquê. Um critério a considerar é que deve existir oportunidade, capacidade e motivação para a mudança. Iremos equiparar o trabalho presencial ao online, uma vez que os documentos foram selecionados para mostrar aspetos que trabalhamos ou que desejamos abordar nos ambientes de diversão noturna e, por isso, consideramo-los comparáveis nalgum sentido. Dinâmica: - As pessoas participantes serão organizadas em equipas com um mínimo de

		<p>três e um máximo de seis elementos.</p> <ul style="list-style-type: none"> - As seguintes questões serão colocadas aos grupos: <ul style="list-style-type: none"> - Que mudança gostariam de incentivar no espaço observado? - Os elementos essenciais para a mudança estão presentes? (oportunidade, capacidade e motivação) - Será atribuído um prazo de 15 a 20 minutos para se chegar a um consenso sobre a resposta. - Serão apresentadas as respostas de cada grupo, sendo selecionado um único elemento de mudança para a abordagem presencial e outro para o formato online.
15'	Avaliação de práticas e preconceitos	<p>Explicaremos que toda a intervenção deve ser avaliada e, para isso, devemos pensar quais os elementos observáveis que irão produzir a mudança desejada com a intervenção proposta e se o que é proposto beneficia realmente o público-alvo. Apresentaremos um exercício prático para o ilustrar.</p> <p>Dinâmica:</p> <p>Será facilitado um debate com base em excertos do material audiovisual proposto.</p>
20'	Desenho de indicadores para promover mudanças	<p>Com base na discussão anterior, precisamos de criar indicadores que destaquem as oportunidades, as capacidades e as motivações para a mudança desejada.</p> <p>Dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Com os mesmos grupos da atividade inicial, as pessoas participantes deverão criar um mínimo de 2 indicadores cada que permitam inferir a existência de motivação (2), oportunidade (2) e capacidade para realizar a mudança proposta (2). - Devemos reservar um mínimo de 10 minutos para discussão.
20'	Proposta de intervenção	<p>As pessoas participantes irão sugerir uma atividade inicial para a intervenção. A proposta deverá estar relacionada com a mudança que queremos promover.</p> <p>Dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mantendo os mesmos grupos, destinaremos cerca de 10 minutos para que apresentem uma proposta de intervenção simples, com perspectiva de género. Pode ser uma dinâmica, uma pergunta, uma ação, etc. - A atividade proposta deve estar relacionada com a oportunidade, a capacidade e a motivação para a mudança identificadas anteriormente. - Finalmente, passaremos mais 10 minutos apresentando todas as

		intervenções e selecionando uma.
5'	Encerramento da sessão	Concluiremos, especificando o dia e a hora da próxima sessão.

MATERIAIS	
BLOCO 2 Gestão e prevenção do consumo de drogas	
Sessão 4: Aplicação da metodologia da mudança comportamental	
Conteúdo	Material proposto pela ABD
Avaliação de práticas e preconceitos	<p>Movie Memento: Scenes in which the protagonist evaluates Sami Jankys.</p> <p>Questões para discussão:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Descrevam os elementos utilizados pelo protagonista para avaliar o Samy. - Conseguem imaginar outras formas possíveis de avaliar a situação? - Reflitam sobre as implicações de uma intervenção e avaliação deficientes.
	Critérios para a seleção de materiais
	<p>Nesta parte da sessão devemos fornecer materiais audiovisuais que apoiem a teoria e nos permitam refletir sobre as implicações de uma má avaliação.</p> <p>Deve conter os seguintes elementos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A cena deve envolver uma avaliação com um resultado que podemos avaliar. - Os indicadores utilizados para a avaliação devem ser facilmente identificados. - Permite refletir sobre os preconceitos nas intervenções.

BLOCO 3

-

Deteção e prevenção
da violência em
contextos de risco

-

- **Sessão 1: Teoria Geral sobre a Violência**
- **Sessão 2: Violência sexual: Detecção, prevenção e cuidado na intervenção**
- **Sessão 3: Exercício prático: Violências em ambientes noturnos e de lazer**
- **Sessão 4: Aplicação da metodologia da mudança comportamental -**



TEORIA GERAL

Quando falamos de violência, devemos começar por localizar o **triângulo de Johan Galtung** (1969). Este autor explora as noções de violência a partir de três dimensões (direta, estrutural e cultural) com o objetivo de explorar em profundidade os seus significados e dar conta das suas formas enraizadas e invisíveis. O conceito de violência "**direta**" refere-se a ações físicas ou verbais que causam dano ou destruição. Esta seria a violência mais visível e identificável. Na base do triângulo está, em primeiro lugar, a violência "**estrutural**". Isto referir-se-ia à negação de direitos e descreveria as formas subjacentes de violência enraizadas nas estruturas sociais, políticas e económicas de uma sociedade que perpetuam a desigualdade e a injustiça. Finalmente, a violência "**cultural**" referir-se-ia a preconceitos e manifestar-se-ia através de normas, valores e crenças sociais que legitimam e reforçam a opressão. Esta conceptualização permite-nos não só reconhecer diferentes expressões de violência muitas vezes invisíveis ou naturalizadas, mas também destacar a sua interrelação; a dimensão estrutural legitima a violência cultural, enquanto a violência cultural naturaliza a violência direta. Desta forma, entende-se que todas as formas operam em simultâneo e se reforçam, o que torna possível a sustentação de qualquer sistema de opressão.

Neste sentido, o enquadramento de Galtung ajuda-nos a compreender o funcionamento do sistema de violência articulado por género. A **teoria feminista e o ativismo** articularam o conceito de "violência de género" para mostrar como as estruturas de dominação masculina e o sistema sexo-género produzem todos os tipos de violência (direta, cultural e estrutural) contra as mulheres e os corpos feminizados.

Uma das principais manifestações da violência de género é a **violência sexual**, que serve como forma de controlo e dominação sobre as mulheres. É constituída e reproduzida através de múltiplos mecanismos imaginários (sistemas de crenças culturais) e de uma estrutura de desigualdade que não só a legitima, como também a naturaliza. Referindo-nos às noções de masculinidade hegemónica de Connell (1987), lembramos que a violência tem sido socialmente construída como uma manifestação predominantemente masculina. Neste sentido, Virginie Despentes (2007) observa que a violência sexual é um pacto enraizado na inferioridade dos corpos genderizados como femininos (não necessariamente o de uma mulher cisgénero); a exclusão destes corpos através de assédio, agressão ou violação constitui a base para a construção da noção de virilidade e dos laços de solidariedade masculina.

Nesta linha, um quadro explicativo que nos permite abordar a violência sexual tem sido o da **heterossexualidade compulsiva**. O termo cunhado por Adrienne Rich (1985) mostra como a norma social do desejo sexual é a atração entre homens e mulheres sob a lógica do binarismo de género. Para Rich, contudo, a heterossexualidade também se comporta como um **regime político** na medida em que implanta uma série de estruturas culturais, políticas, jurídicas e económicas (a instituição do casamento, as relações de parentesco, a divisão sexual do trabalho, etc.). Assim, o regime da heterossexualidade funciona como parte das relações de poder entre homens e mulheres, naturalizando as desigualdades e a violência associadas ao sistema sexo-género.

Por outro lado, o quadro da heterossexualidade compulsiva permite-nos também compreender como a violência sexual pode ocorrer em contextos de relações entre pessoas do mesmo sexo ou entre pessoas com identidades de género não conformes. Neste sentido, abre também a porta para pensar na existência de outras formas de violência geradas especificamente pela navegação na sexualidade fora dos enquadramentos heterossexuais (como a LGBTfobia).

Rita Segato (2003) descreve a violação como uma declaração, um mandato necessário para a reprodução do gênero como uma estrutura hierárquica. Assim, o fenômeno da violência emana de dois eixos interligados: um horizontal, formado por termos ligados por relações de aliança ou de competição, e um vertical, caracterizado por laços de entrega ou de expropriação (ibid.). Desta forma, a violência sexual **naturalizou-se** através de um sistema de relações de poder em que os corpos feminizados foram objeto de controle e dominação. A posição hierárquica resultante do gênero tem sido complementada por estereótipos binários de heterossexualidade e mitos de amor romântico, formando um sistema simbólico de violência cultural que a reforça. Por um lado, os estereótipos de gênero construíram a sexualidade masculina sob o papel do “penetrador” com um poder sexual incontrolável, e a sexualidade feminina como passiva e sempre disponível para o prazer masculino. Estes papéis perpetuaram uma compreensão profundamente coitocêntrica e falocêntrica das relações sexuais, onde o prazer cis-masculino tem sido considerado o único propósito dos encontros sexuais. A par disto, as crenças que rodeiam o amor romântico - como a exclusividade sexual, a ideia de que “tudo é aceitável para o amor” e a noção de sofrimento como sinal de afeto ou de devoção completa à pessoa parceira - dificultaram a identificação da agressão sexual e puniram corpos feminizados que exibem uma sexualidade ativa e empoderada que não está subjugada ao desejo cis-heterossexual.

Gayle Rubin (1989) aponta a necessidade de **alargar a visão da violência de gênero e considerar a sexualidade como um eixo fundamental que articula desigualdades específicas, relacionadas e moldadas pelo sistema sexo-gênero, mas distintas deste**. Rubin fala da existência de uma hierarquia de atos sexuais que recompensa as relações heterossexuais, monogâmicas, conjugais ou românticas e pune qualquer relação ou prática fora destas. Assim, as relações sexuais homossexuais, poliamorosas, as relações de grupo, as relações mediadas por troca monetária, a masturbação, as práticas não coitocêntricas, não falocêntricas, sadomasoquistas, entre pessoas de diferentes idades, são punidas, em maior ou menor grau, com tabu, vergonha, presunção de doença mental, falta de respeitabilidade, legalidade, apoio institucional ou benefícios materiais (1989). O estigma que continua a marcar determinadas sexualidades ou formas de exercício da sexualidade está enraizado no quadro de uma sociedade ocidental moderna que atribuiu uma importância excessiva aos atos sexuais, tanto por parte da tradição religiosa como por parte de instituições médicas e psiquiátricas. Assim se explica a validade de **mitos** como a virgindade, mas também a presunção de patologias mentais em relação a pessoas com práticas sexuais dentro do BDSM ou com atividade sexual muito elevada (pense-se nos conceitos de ninfomania, por exemplo).

Este quadro permite articular o conceito de **violência LGBTIfóbica como violência** (direta, cultural ou estrutural) dirigida a pessoas que discordam do quadro do regime heterossexual, e destaca que os comportamentos sexuais “desviantes” continuam a ser uma fonte de estigma, rejeição e discriminação, independentemente do gênero. **Notar que a violência está interrelacionada e se reforça mutuamente significa ter em conta a forma como a violência de gênero, sexual ou LGBTIfóbica se cruza com outros eixos de opressão, como a raça, a classe, a capacidade ou a idade**. Os feminismos negros ou decoloniais foram pioneiros neste aspeto, apontando como as categorias binárias de “homem” ou “mulher” têm sido pensadas a partir da lógica ocidental. Angela Davis, na sua conceituada obra *Women, Race and Class* (2004) [1981], exemplifica como a violência de gênero que as mulheres brancas podem ter sofrido está muito longe da violência que as mulheres negras sofreram em contextos de escravatura ou de segregação racial. Da mesma forma, a noção de que os homens são os únicos perpetradores da dominação não se aplica com as mesmas características aos homens negros, que são também vítimas da violência racista e da supremacia branca (2004). Neste sentido, as **estruturas do racismo** têm também permeado a análise da violência sexual, com preconceitos que muitas vezes realçam a condição racial ou migrante dos violadores que não são homens brancos, ligando-os à figura do predador

ou fera sexual derivada do colonialismo. de "selvajaria" e "atraso cultural". Por outro lado, no caso das mulheres negras, estas são submetidas à exotificação e à hipersexualização do seu corpo.

Em síntese, as categorias analíticas ao abordar a violência não podem ser examinadas separadamente do contexto em que se situam, nem desconsiderar todas as variáveis que moldam as pessoas envolvidas. Os enquadramentos da violência de género e da violência sexual devem ser usados como ferramentas críticas a partir de uma perspetiva interseccional que tenha em conta o racismo, o capacitismo, a LGBTIfobia, a classe e outros sistemas estruturais de violência que influenciam a forma como são definidas as pessoas envolvidas em atos de violência.

BIBLIOGRAFIA

Connell, R. W. (1987). *Gender and power*. Sydney: Allen and Unwin.

Davis, A. (2004) [1981]. *Women, race and class*. Akal.

Despentes, V. (2007). *King Kong theory*. Melusina.

Galtung, J. (1969). "Violence, peace, and peace research". *Journal of Peace Research*, 6(3), 167-191.

Rich, A. (1985). "Compulsory heterosexuality and lesbian existence". *DUODA Revista d'Estudis Feministes*, 10, 15-45.

Rubin, G. (1989). "Reflecting on sex: Notes for a radical theory of sexuality". In: Vance, C. (ed.). *Pleasure and danger. Exploring female sexuality*, pp. 113-190. Talasa Ediciones,

Segato, R. L. (2003). *Las estructuras elementales de la violencia*. National University of Quilmes.

BLOCO 3 - Detecção e prevenção da violência em contextos de risco

Sessão 1: Teoria Geral sobre a Violência

Visão geral da sessão

Duração: 3 horas

Nesta sessão, devemos fornecer uma visão ampla da violência, com especial ênfase na pessoa perpetradora e nas condições necessárias para que ela ocorra. Continuaremos a discutir a violência que ocorre na Internet, concluindo com uma discussão sobre o consentimento entusiástico.

Objetivos:

- Explicar a classificação de violência de Galtung.
- Mostrar estereótipos de género relacionados com a violência.
- Mostrar exemplos de violência que ocorrem na Internet.
- Diferenciar o sexting e o sexpredding.
- Definir consentimento entusiástico.

Duração	Conteúdo	Descrição
5'	Apresentação da sessão	Apresentação do conteúdo da sessão.
40'	O que é a violência?	<p>Nesta secção, devemos colocar a violência para além da violência direta.</p> <p>Dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Explicaremos a estrutura do triângulo de Galtung, juntamente com o icebergue da violência de género, tornaremos visíveis as diferentes dimensões da violência e as correspondentes formas de visibilidade/invisibilidade e intensidade. - Depois disso, utilizaremos um Kahoot para organizar um concurso de grupo. No Kahoot, apresentaremos casos específicos onde ocorrem violência, sendo que cada caso deve ser classificado como cultural, direto ou estrutural.
20'	O que é a violência? 1	Nesta secção, explicaremos a diferença entre violência e conflito, compreendendo a reprodução de ciclos de violência em diferentes escalas e como o conflito pode ser uma oportunidade para a mudança.

		<p>Dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Leremos em conjunto um excerto da introdução do livro “Conflito não é abuso”, de Sarah Schulman. - Debateremos os conceitos de violência, conflito, abuso e as estratégias de resposta individual e coletiva às diferentes formas de violência.
35'	Interseccionalidade	<p>Nesta secção, abordaremos o conceito de interseccionalidade, descrevendo as diferentes estruturas de violência que se cruzam com as pessoas e como estas estruturas se interrelacionam.</p> <p>Dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Iremos assistir a uma TED Talk em que Kimberlé Crenshaw explica o que é a interseccionalidade através de exemplos e casos reais. Tiraremos quaisquer dúvidas e deixaremos espaço para comentários. Será dada ênfase à compreensão da interseccionalidade como uma ferramenta que nos permite reconhecer que o poder é relacional e situado, apoiado na noção de poder de Foucault. - Depois, dividir-nos-emos em grupos para pensar num exemplo de violência para explicar a interseccionalidade. Identificaremos os sistemas de opressão envolvidos neste ato de violência e especificaremos as dimensões de acordo com a teoria de Galtung (direta, estrutural, simbólica).
35'	Quem exerce a violência? Privilégios, estereótipos e media	<p>Nesta secção, iremos discutir como as estruturas de poder definem posições de privilégio e opressão para diferentes pessoas, ao mesmo tempo que geram estereótipos e preconceitos sobre quem exerce violência e quem a recebe. Exploraremos a “potencialidade” que todas as pessoas encarnam como perpetradoras de cada diferente eixo de poder, permitindo um exercício de revisão dos privilégios que possuímos.</p> <p>Dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Analisaremos o papel dos meios de comunicação social na criação de medos e perigos relativamente aos tipos de violência, bem como a forma como definem as pessoas envolvidas na violência (vítimas e perpetradoras). Utilizaremos vídeos de noticiários e títulos de jornais digitais. <ul style="list-style-type: none"> - Analisaremos a campanha municipal “Pla Endreça” da Câmara Municipal de Barcelona através de cartazes e vídeos publicitários, contrastando-os com algumas das ações que começaram a implementar. Identificaremos o racismo, o classismo, a aporofobia e a vergonha. - Analisaremos manchetes sobre a violência sexual a partir de material criado pelo Noctámbul@s, onde identificaremos discursos de terror sexual, culpabilização das vítimas e

		patologização e anonimato das pessoas perpetradoras.
10'	Terror Sexual nos Media: Introdução à Violência Sexual	<p>Nesta secção, utilizaremos o exemplo anterior para introduzir o tema da próxima sessão: a violência sexual. Disponibilizaremos avisos de conteúdo dos materiais na sessão seguinte, oferecendo um espaço de apoio coletivo ou personalizado para o cuidado do grupo.</p> <p>Dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Leremos um excerto da Teoria de King Kong, de Virginie Despentes.
5'	Encerramento da sessão	Concluiremos, especificando o dia e a hora da próxima sessão.

MATERIAIS

BLOCO 3 - Detecção e prevenção da violência em contextos de risco

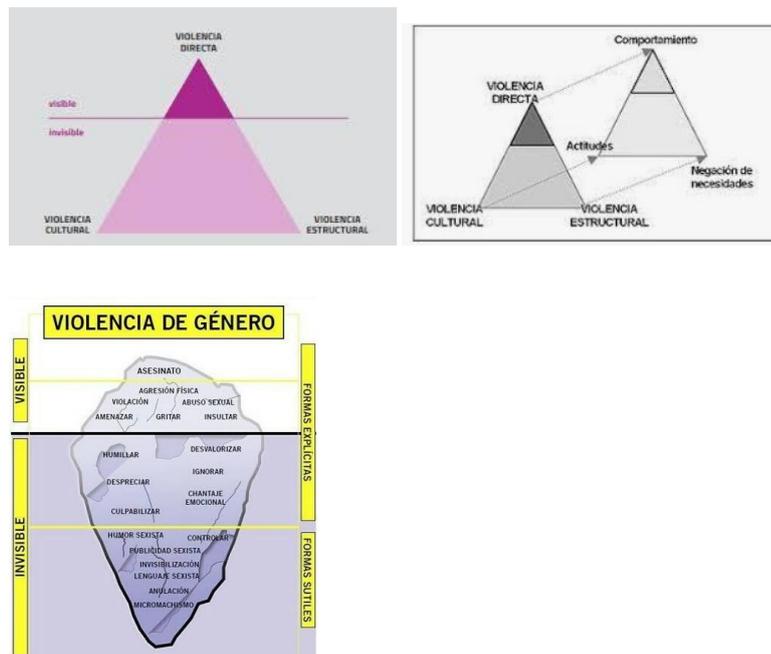
Sessão 1: Teoria Geral sobre a Violência

Conteúdo

Material proposto pela ABD

O que é a violência?

Triângulo da Violência de Galtung e o Iceberg da violência



Crítérios para a seleção de materiais

Não recomendamos a alteração deste material, pois entendemos que a teoria é aplicável a todos os contextos socioculturais. Em qualquer caso, a quantidade e o tipo de informação que disponibilizamos sobre esta teoria devem ser adaptadas aos perfis participantes na formação. Se o perfil não for académico ou de elevada escolaridade, não é aconselhável aprofundar a teoria, embora alguns conceitos devam ser clarificados.

Devemos considerar:

- Abordar a violência para além da violência direta.
- Distinguir entre violência direta, cultural e estrutural.
- Estabelecer ligações entre: violência direta - comportamentos/violência cultural - atitudes/violência estrutural – negação de direitos ou necessidades.

<p>O que é a violência?</p>	<p>Material proposto pela ABD</p>
	<p>Para o Kahoot, aqui estão alguns exemplos de situações a incluir:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Proibir reuniões em parques e manter bares abertos durante a pandemia. - Sentir-se na obrigação de deixar de trabalhar para contribuir em casa. - Quando digo a uma pessoa amiga que sou lésbica, ela diz: "A sério? És tão bonita! Eu trocava de lugar contigo."
	<p>Critérios para a seleção de materiais</p>
	<p>Podemos utilizar qualquer atividade que nos ajude a fornecer exemplos específicos das três categorias de violência que explicamos anteriormente.</p> <p>Considerações para a seleção dos exemplos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Inclua exemplos do quotidiano dos três tipos de violência. - Torne-a uma atividade envolvente e dinâmica.
<p>O que é a violência?</p>	<p>Material proposto pela ABD</p>
	<p>Sarah Schulman, "Conflito não é abuso"</p> <p>Leia o excerto da Introdução. Em alternativa, pode ser substituído por um excerto do fanzine "Conflito não é o mesmo que Abuso" de Laura Macaya (disponível em PDF).</p> <p>Questões para discussão:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Que semelhanças observamos entre os três diferentes casos de violência que Schulman se propõe analisar? - Como interagem as dimensões direta, simbólica e estrutural da violência nestes exemplos? - Que causas ou elementos estão envolvidos num ato de violência? - Que estratégias de reparação e resolução acreditamos que poderão pôr fim à violência? - A violência é uma estratégia válida para responder à violência? Qual é a diferença entre violência e uma reação a ela? - O que precisamos para reparar a violência?
	<p>Critérios para a seleção de materiais</p>

	<p>Podemos escolher qualquer material (escrito, audiovisual, descrições de casos, etc.) que nos ajude a compreender as diferenças entre conflito e violência, bem como as estratégias normalizadas para reagir ao conflito que levam à escalada da violência e à ênfase excessiva nos danos. É preciso concluir que não devemos tolerar ou subestimar qualquer forma de violência, independentemente do seu “grau” de impacto, mas sim realçar e reforçar que devemos defender estratégias baseadas na justiça restaurativa e na resolução de conflitos que quebrem a dinâmica cíclica da violência.</p> <p>Devemos ter em atenção:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Que existem uma ou mais situações específicas de violência que podemos analisar. - Que o material envolva os perfis que pretendemos abordar.
<p>Interseccionalidade</p>	<p>Material proposto pela ABD</p>
	<p>Vídeo: “A Urgência da Interseccionalidade”, Kimberlé Crenshaw (TED) https://www.youtube.com/watch?v=akOe5-UsQ2o</p> <p>Questões para discussão:</p> <ul style="list-style-type: none"> - As opressões “aumentam” nas pessoas? - Existem pessoas sem privilégios? - Um privilégio pode tornar-se uma opressão? - O que é o poder? Como funciona? - Quantos sistemas de poder conhecemos? - Que privilégios temos? Em que situações os percebemos? Como assumimos a responsabilidade por eles?
	<p>Critérios para a seleção de materiais</p>
<p>Considerações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Deve ser um material que aborde explicitamente o conceito de interseccionalidade. - Deve conter exemplos para ajudar a compreender como funciona e facilitar a discussão. 	
<p>Quem exerce a violência? Privilégios, estereótipos e</p>	<p>Material proposto pela ABD</p>
	<p>Exemplos propostos</p> <p>1. Campanha Municipal da Câmara Municipal de Barcelona “Pla Endreça”:</p>

<p>media</p>	<p>https://ajuntament.barcelona.cat/seguretati-prevencio/es/pla-endreca</p> <p>Complemente com vídeos de notícias sobre crime, tráfico de droga, imigração e trabalho sexual em bairros como Raval ou La Mina em Barcelona. Exemplo: https://www.youtube.com/watch?v=a72HJjqOwzo</p> <p>Questões para discussão:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quem exerce que tipos de violência? - Que estereótipos identificam? A que eixos de opressão estão associados? - Que imagens são projetadas sobre a insegurança, o perigo e o crime? <p>Como são as pessoas que exercem violência? Como as imaginam?</p> <p>Que tipos de violência são destacados e quais estão a ser invisibilizados ou normalizados?</p> <p>Critérios para a seleção de materiais</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os materiais deverão ser provenientes de veículos de comunicação (jornais digitais, telejornais, redes sociais...) - O conteúdo deve criminalizar grupos específicos da população e servir para compreender os conceitos de estigma e preconceitos relacionados com o racismo, a LGBTifobia, a aporofobia, a serofobia, o classismo, o género, a vergonha, etc. - Os materiais devem abordar situações que sejam identificáveis e relacionáveis com os próprios contextos das pessoas participantes
<p>Terror Sexual nos Media: Introdução à Violência Sexual</p>	<p>Material proposto pela ABD</p> <p>Seguindo a dinâmica anterior, sugerimos este segundo exemplo:</p> <p>2. Campanhas de terror sexual nos media por parte de Noctámbul@s:</p> <p>https://www.drogasgenero.info/campana-noctambuls-2022-re-enfoquemos-el-problema-un-abordaje-mediatico-de-las-violencias-sexuales-con-perspectiva-de-genero/</p> <p>Questões para discussão:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Como caracterizam as vítimas? Como caracterizam as pessoas perpetradoras? Que adjetivos usam para as descrever? Que mais detalhes são fornecidos? - Como são descritos os atos de violência? Qual a relação que expressam entre a violência e as substâncias? - Que imaginários e narrativas são implantados sobre a violência sexual?

	<ul style="list-style-type: none"> - Quem é a pessoa responsável pelas agressões? - Como mudaríamos as manchetes? Como acham que devemos denunciar a violência sexual? <p>Leitura de um excerto de "Teoria do King Kong" de Virginie Despentes. Disponível em PDF (espanhol): https://www.feministas.org/IMG/pdf/teoria_king_kong_despentes_.pdf</p>
<p>Critérios para a seleção de materiais</p>	
	<ul style="list-style-type: none"> - Os materiais deverão ser provenientes de veículos de comunicação (jornais digitais, telejornais, redes sociais...) - Deverão conter conteúdos sobre a violência sexual onde sejam percebidas as narrativas de terror sexual. - Devem ilustrar noções como a "vítima perfeita", patologizar ou esconder a pessoa agressora, culpabilizar as vítimas, questionar os relatos das vítimas ou a instrumentalização do consumo de substâncias nos discursos sobre agressões sexuais. - Devem relacionar-se com situações e contextos identificáveis que sejam reconhecíveis pelas pessoas participantes.

BLOCO 3 - Detecção e prevenção da violência em contextos de risco

Sessão 2: Violência sexual: Detecção, prevenção e cuidado na intervenção

Visão geral da sessão

Duração: 3 horas

Nesta sessão, analisaremos o conceito de violência sexual com base no quadro legal atual, nos discursos sobre o consentimento e na problematização do desejo. Abordaremos os principais desafios e debates relativos à violência sexual e forneceremos orientações para a sua deteção, prevenção e cuidados em intervenções em espaços de lazer.

Objetivos:

- Descrever a violência sexual e compreender as definições legais de ilícitos criminais nos termos da legislação atual.
- Definir o que é o consentimento e o papel que desempenha na definição da violência sexual (de “não significa não” a “apenas sim significa sim”).
- Identificar as posições imobilizadoras do feminismo radical que diminuem a agência dos corpos feminizados, problematizam a construção da mulher-vítima e promovem uma perspectiva de empoderamento sem obscurecer a matriz patriarcal que perpassa a violência sexual.
- Compreender as formas de violência sexual no contexto da ciberviolência: definir e diferenciar as práticas de sexting e sexreading.
- Situar as formas de violência sexual no contexto dos ambientes de diversão noturna: fornecer orientações básicas sobre como detetar uma agressão sexual, como acompanhar a pessoa, oferecer recursos de encaminhamento e estratégias de sensibilização e prevenção em intervenções em espaços de lazer.

Duração	Conteúdo	Descrição
5'	Apresentação da sessão	Apresentação do conteúdo da sessão
15'	Sexualidade dos corpos feminizados: prazer e perigo	<p>O objetivo desta secção é:</p> <ul style="list-style-type: none"> - abordar a violência sexual como uma forma de violência de género, - compreender como a sexualidade das mulheres e dos corpos feminizados tem sido um território de controlo e dominação patriarcal, - compreender a dualidade da ação feminista que deve abordar a erradicação da violência sexual, para além da luta pela emancipação dos corpos e pela libertação da sua sexualidade.

		<p>Dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Leremos o primeiro excerto da introdução de Prazer e Perigo, de Carol Vance. - Discutiremos o excerto como prelúdio para o manter como referência durante toda a sessão.
20'	Violência Sexual: Enquadramento Legal	<p>Definiremos a violência sexual com base na Lei Orgânica de Garantia Integral da Liberdade Sexual. Discutiremos as recentes alterações legislativas introduzidas na legislação espanhola.</p> <p>Dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Leremos as definições dos crimes, traduzindo-as numa linguagem clara e compreensível para explicar o que é a violência sexual e como são definidos os diferentes tipos de violência (violação, agressão sexual, assédio sexual). - Responderemos a quaisquer questões e discutiremos os contributos das alterações legislativas (de “não significa não” para “só sim significa sim”) para introduzir o debate sobre o consentimento.
30'	Consentimento	<p>Nesta parte da sessão, explicaremos o conceito de consentimento e problematizá-lo-emos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Como pode ser expresso o consentimento? O consentimento tem sempre de ser verbal? Com consentimento afirmativo (só sim significa sim), deixamos margem para dúvidas, para cometer erros? O consentimento tem de ser sempre “entusiástico”? Em que mulheres pensamos quando falamos em consentimento? E em que tipo de relacionamento? Em que condições aceitamos o consentimento e em que outras circunstâncias assumimos que as mulheres não têm poder de decisão? É necessário haver desejo para que haja consentimento? - Debateremos as complexidades que rodeiam o consentimento e compreenderemos que isso não significa que devamos descartá-lo como uma ferramenta para traçar a linha entre a violência e a sexualidade. <p>Dinâmica:</p> <p>Iremos visualizar os vídeos seguintes e construir o debate tendo como referência as questões anteriores:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Video 1: "Consent is as easy as tea" https://www.youtube.com/watch?v=BuuyajcJFC4 - Video 2: "Consent is not as simple as tea" https://www.youtube.com/watch?v=NLKWEUhOHss - Video 3: "Is consent a magic solution?"

		https://www.instagram.com/p/C30DDoCKbem/
25'	Construção do desejo	<p>Nesta secção, abordaremos o conceito de desejo, entendendo que este é construído socialmente.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Examinaremos a pornografia e o BDSM para compreender como os nossos desejos e fantasias são moldados por sistemas de opressão, como o género, a raça, a gordofobia, a LGBTIfobia, o capacitismo e muito mais. - Refletiremos sobre o estigma e a culpabilização que certas práticas recebem em função dos corpos que envolvem, distinguindo entre “violência” e práticas BDSM de elevado impacto. - Enfatizaremos a importância do cuidado e do consentimento dentro do BDSM e da vivência da sexualidade fora das estruturas cisheteronormativa, coitocêntrica e falocêntrica. - Além disso, discutiremos como a sexualidade dos corpos feminizados continua a ser estigmatizada pelo rótulo de “prostituta” e por uma estrutura moral que procura confiná-los a papéis de reprodução/maternidade e heterossexualidade. <p>Dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Assistiremos a conteúdos que problematizem estas questões para construir críticas e reflexões coletivas.
25'	Ciberviolência . Sexting e Sexpreading	<p>Com base nos tópicos anteriores, abordaremos a violência sexual no espaço online (ciberviolência). Explicaremos os conceitos de sexpreading e sextortion no contexto da violência e distingui-los-emos do sexting, uma prática sexual. Enfatizaremos a necessidade de nos concentrarmos na pessoa perpetradora, observando como, nestes casos, as narrativas mudam frequentemente para a culpabilização da vítima.</p> <p>Dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Atribuiremos casos específicos a cada grupo nesta secção. Cada grupo analisará o seu caso e apresentará as suas conclusões, seguindo-se um debate facilitado, proporcionando espaço para apoio relativamente a qualquer desconforto ou emoções difíceis que possam surgir.
35'	Orientações para Intervenção. Detecção, suporte e prevenção.	<p>Nesta secção, iremos fornecer orientações para a deteção, suporte e prevenção da violência sexual em ambientes de diversão noturna.</p> <p>1. Detecção:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Observação do Espaço: Observe as áreas e as suas funções, a distribuição das pessoas, a dinâmica de cada espaço, a iluminação, etc. - Observação de Pessoas: Reveja os seus próprios preconceitos, foque-se

		<p>nas dinâmicas e formas de se relacionar que consegue observar no momento, e não naquilo que imagina. Observe a diversidade em termos de classe, raça, género e os tipos de expressões afetivas entre as pessoas, etc.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Informantes: Identificar quem pode atuar como pessoa aliada na deteção e prevenção. - Tenha em atenção os elementos teóricos trabalhados na sessão (o conflito não é violência, tipos de agressão sexual e outras formas de violência). <p>2. Suporte:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Esteja ciente das suas limitações pessoais e da equipa (não somos profissionais de psicologia, pessoas juízas, polícias ou profissionais de saúde). - Concentre-se na vítima. Se conseguirmos abordar a pessoa perpetradora, devemos basear-nos no fornecimento de informações sobre os atos cometidos e na assunção da responsabilidade pelas suas ações. Evite envolver-se em conflitos. Notificar a segurança (ou as autoridades competentes) quando existe um risco potencial. Direcione as suas energias para apoiar a vítima. - Conheça os recursos de encaminhamento adequados (SIAD Sant Cugat, SAI LGTBI, Observatori contra la LGTBIfobia, Mossos d'Esquadra / Polícia Local, CAP Sant Cugat). - Preste primeiros socorros: Encontre um espaço mais tranquilo, não toque na pessoa, mantenha uma posição de disponibilidade e proximidade com cautela, pratique a escuta ativa, evite fazer a pessoa explicar a situação novamente (evite a revitimização), não questione a sua narrativa, não use palavras que ela não tenha mencionado (não diga "foi vítima de agressão sexual" a menos que ela tenha usado esse termo), não tome decisões por ela, pergunte o que precisa e respeite sempre os seus desejos, fornecendo recursos de encaminhamento apropriados. <p>3. Prevenção:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pedagogia e sensibilização através de dinâmicas e jogos de intervenção. Considere as pessoas informantes como figuras de apoio para a metodologia peer-to-peer (educação de pares). <p>Dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Explicaremos as orientações e recomendações para a deteção, suporte e prevenção. - Responderemos a quaisquer dúvidas.
--	--	---

5'	Encerramento da sessão	Concluiremos, especificando o dia e a hora da próxima sessão.
----	-------------------------------	---

MATERIAIS	
BLOCO 3 - Detecção e prevenção da violência em contextos de risco	
Sessão 2: Violência sexual: Detecção, prevenção e cuidado na intervenção	
Conteúdo	Material proposto pela ABD
Sexualidade dos corpos feminizados: prazer e perigo	<p>Leitura do excerto introdutório de Prazer e Perigo, de Carol Vance:</p> <p>"Na vida das mulheres, a tensão entre o perigo sexual e o prazer sexual é muito poderosa. A sexualidade é simultaneamente um terreno de restrição, repressão e perigo, e um terreno de exploração, prazer e ação. Focar apenas no prazer e na gratificação ignora o aspeto patriarcal estrutural em que as mulheres agem; no entanto, falar apenas de violência sexual e opressão ignora a experiência das mulheres no domínio da agência e escolha sexual, e involuntariamente amplifica o terror sexual e o desamparo com que as mulheres vivem .</p>
	Critérios para a seleção de materiais
	<ul style="list-style-type: none"> - Deverá ser um conteúdo que realce a tensão entre prazer e perigo que perpassa a sexualidade dos corpos feminizados. Deve demonstrar que tanto a luta para erradicar a violência sexual como a luta pela libertação do desejo e pelo empoderamento sexual através da agência são temas importantes e essenciais a abordar, e que não são mutuamente exclusivos.
Violência Sexual: Enquadramento Legal	Material proposto pela ABD
	<p>Quadro legislativo espanhol</p> <p><u>LO 10/2022, de 6 de setembro, sobre a garantia integral da liberdade sexual:</u></p> <p>"Considera-se violência sexual os atos de natureza sexual não consensuais ou que condicionem o livre desenvolvimento da vida sexual em qualquer ambiente público ou privado, o que inclui a agressão sexual, o assédio sexual e a exploração da prostituição, bem como a todos os outros crimes previstos no Título VIII do Livro II da Lei Orgânica 10/1995, de 23 de Novembro, Código Penal, especificamente destinado à proteção de menores. Inclui a propagação da violência sexual através de meios tecnológicos, a pornografia não consensual e a extorsão sexual. Além disso, entre os comportamentos que impactam a vida sexual, a violência sexual inclui a mutilação genital feminina, o casamento forçado, o assédio com conotações sexuais e o tráfico para exploração sexual. Por fim, de acordo com as recomendações do Relator Especial da ONU sobre a violência contra as mulheres, as suas causas e consequências, o homicídio de mulheres ligado à violência sexual, ou o femicídio sexual, é reconhecido como a violação mais grave dos direitos humanos relacionados com a violência sexual , que deve ser tornado visível e abordado com uma resposta específica."</p>

	<p>Agressão Sexual:</p> <p>“Artigo 178.º</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Quem praticar qualquer ato que atente contra a liberdade sexual de outra pessoa sem o seu consentimento será punido com pena de prisão de um a quatro anos por agressão sexual. O consentimento só será considerado válido quando for manifestado livremente através de atos que, com base nas circunstâncias do caso, indiquem claramente a vontade da pessoa. 2. Para efeitos do número anterior, os atos sexuais são sempre considerados agressão sexual se envolverem o uso de violência, intimidação ou abuso de situação de superioridade ou vulnerabilidade da vítima, bem como os atos cometidos sobre indivíduos privados de recursos sensoriais ou capacidade mental, ou nos casos em que a vontade da vítima seja anulada.” <p>Violação:</p> <p>“Artigo 179.º Quando a agressão sexual envolver o acesso carnal por penetração vaginal, anal ou oral, ou a introdução de partes do corpo ou objetos por qualquer das duas primeiras vias, o agressor será punido como violador com pena de prisão de quatro até doze anos .”</p> <p>Assédio sexual:</p> <p>“Artigo 184.º</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Qualquer pessoa que solicite favores sexuais, para si ou para terceiro, no âmbito de uma relação profissional, educativa ou de serviço, de natureza contínua ou habitual, e crie uma situação objetivamente intimidante, hostil ou humilhante para a vítima, será punida, como autor do assédio sexual, com pena de prisão de seis a doze meses ou multa de dez a quinze meses e especial inabilitação para o exercício da profissão, ofício ou atividade por doze a quinze meses.” <p>Assédio sexual nas ruas:</p> <p>“(…). As mesmas penas serão impostas a quem dirigir a outra pessoa expressões, comportamentos ou propostas sexuais que criem para a vítima uma situação objetivamente humilhante, hostil ou intimidante, sem constituir crimes mais graves.”</p>
	<p>Critérios para a seleção de materiais</p> <ul style="list-style-type: none"> - Recomendamos que procure as definições legais de violência sexual que se aplicam a cada território (se existirem). Contrastar e complementar estas definições à luz dos referenciais teóricos feministas sobre o conceito de violência sexual.
<p>Consenso</p>	<p>Material proposto pela ABD</p> <ul style="list-style-type: none"> - Video 1: "Consent is as easy as tea" https://www.youtube.com/watch?v=BuuyajcJFC4

	<ul style="list-style-type: none"> - Video 2: "Consent is not as simple as tea" https://www.youtube.com/watch?v=NLKWEUjOHss - Video 3: "Is consent a magic solution?" https://www.instagram.com/p/C30DDoCKbem <p style="background-color: #0070C0; color: white; padding: 5px;">Critérios para a seleção de materiais</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os materiais deverão explicar o que é o consentimento, problematizando o consentimento como uma "solução mágica" ou algo demasiado simplista, sobretudo no âmbito da judicialização de casos de violência sexual. Deverão ajudar a compreender o consentimento como uma ferramenta válida, mas não rígida (não é um contrato), reconhecendo que existem diferentes formas de negociação nas nossas práticas sexuais que nem sempre envolvem a verbalização repetida de um "sim" ou "não". - É essencial que os materiais incluam uma abordagem crítica à supressão da agência das mulheres e dos corpos feminizados em relação à sua sexualidade. Evite a retórica das mulheres apenas como vítimas. A perspetiva deve vir do empoderamento e da responsabilidade pelas nossas decisões.
<p>Construção do desejo</p>	<p style="background-color: #0070C0; color: white; padding: 5px;">Material proposto pela ABD</p> <p>Iremos visionar e comentar o seguinte vídeo: Salander33: "BDSM é mau" Link do Instagram</p> <p>Complementaremos a discussão sobre o desejo com este vídeo e texto da filósofa Clara Serra: Link do Instagram</p> <p>"O desejo feminino também é moldado pelo poder? Sim, de facto. É exatamente disso que se trata: livrarmo-nos da ideia de que o desejo é puro. Livrarmo-nos completamente dessa ideia. E, portanto, aceitar que ninguém pode dizer que o seu desejo é puro e limpo, que ninguém tem uma regra para o purificar, que ninguém tem autoridade para julgar os desejos das outras pessoas como escravos. É esta insistência em encontrar desejos escravizados nas outras pessoas que pressupõe a maior ingenuidade, que o seu desejo é um desejo livre e escolhido. Construir um projeto político com base nesta ingenuidade é perigoso. Combater a culpa que o patriarcado sempre atribuiu às mulheres abre outro caminho: mudar o mundo e as suas estruturas."</p> <p style="background-color: #0070C0; color: white; padding: 5px;">Critérios para a seleção de materiais</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os materiais devem convidar à reflexão sobre o desejo, como se constrói e como podemos trabalhá-lo (evitando a culpa). - Devem ilustrar o consentimento como uma ferramenta válida para distinguir entre uma prática sexual "com violência" (dentro das práticas BDSM) e a violência sexual (ausência de consentimento). - Não devem patologizar práticas sexuais não normativas (não monogâmicas, não

	heterossexuais, mediadas por trocas monetárias, envolvendo dor ou recebendo dor, desgenitalizadas, sexo em grupo, intergeracional, etc.).
Ciberviolência. Sexting e Sexpreading:	Material proposto pela ABD
	<p><u>Exemplo de caso 1</u></p> <p>Clau e Feli mantêm uma relação amorosa e sexual há três anos. Durante o primeiro ano de relacionamento, desenvolveram uma comunicação eficaz, estabeleceram acordos e construíram uma confiança considerável entre si, uma vez que nunca violaram qualquer acordo. Recentemente, Clau conseguiu um emprego como enfermeira numa unidade de outro concelho. Devido às restrições do COVID, ela teve de alugar lá uma casa. Apesar das saudades, Clau e Feli envolvem-se em conversas significativas à noite e decidem explorar a partilha de fotografias mais íntimas.</p> <p>Questões para discussão:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O que acham de Clau e Feli enviarem fotos íntimas? - Acham que isso poderia causar algum problema? Se sim, que problema(s)? Como poderiam evitá-los? - O que consideram essencial quando se trata de confiar noutra pessoa? - Que estilo de comunicação deve ter um casal para manter uma relação positiva? <p><u>Exemplo de caso 2</u></p> <p>Durante a aula de filosofia, Jaume fica muito nervoso e começa a rir e a fazer gestos para a turma, incitando-a a ver o WhatsApp. A turma fá-lo e veem que Jaume reencaminhou um vídeo de alguns segundos, onde outra colega aparece a masturbar-se. Ficam em choque. Algumas pessoas encaminham o vídeo para outras turmas e para outras pessoas de outras escolas, até mesmo para familiares. No final da aula, vão para o recreio e toda a escola tem o vídeo.</p> <p>Questões para discussão:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Como acham que a pessoa do vídeo se sentirá quando descobrir que toda a gente o partilhou? - Como acham que Jaume e o seu grupo de pares deveriam ter reagido? - Por que razão acham que isso aconteceu? - Como poderiam ajudar uma pessoa cujos vídeos privados de conteúdo sexual circularam na escola/no trabalho?
	Critérios para a seleção de materiais

	<p>Podemos utilizar outros casos ou dinâmicas desde que nos permitam analisar diferentes tipos de violência a partir de exemplos específicos.</p> <p>Considerações:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Incluir exemplos específicos de diferentes tipos de violência cibernética. - Incluir pelo menos um exemplo que não seja violento, por exemplo o sexting. - Distinguir entre sexting e sexreading. - Certificar-se de que o material corresponde aos perfis que abordamos.
<p>Orientações para Intervenção. Detecção, suporte e prevenção.</p>	<p>Material proposto pela ABD</p>
	<p>Explicar os conteúdos propostos em relação à Detecção, Suporte e Prevenção.</p>
	<p>Crítérios para a seleção de materiais</p>
	<p>Não recomendamos alterar esta dinâmica, apenas adequar as orientações a cada contexto (legalidade do território, espaço de intervenção, agentes e pessoas envolvidas, recursos de encaminhamento, etc.).</p> <p>Pode ser complementado com outros materiais que abordem a violência sexual em ambientes de diversão noturna, prestando muita atenção aos avisos de conteúdo caso sejam expostos materiais/histórias audiovisuais que abordem diretamente experiências de violência sexual. Sugerimos a consulta do grupo nas sessões anteriores para gerar consenso e oferecer sempre um espaço de apoio individual ou coletivo, durante ou fora da sessão, para trabalhar estes temas.</p>

BLOCO 3 - Detecção e prevenção da violência em contextos de risco

Sessão 2: Apresentação do exercício prático

Visão geral da sessão

Duração: 1 hora

As sessões que antecedem o exercício prático terão como foco a familiarização das pessoas participantes com as técnicas e materiais utilizados. Durante esta sessão, para além de apresentarmos o próximo exercício prático, participaremos também em exercícios destinados a melhorar a nossa capacidade de responder eficazmente a determinado tipo de comentários.

Objetivos:

- Realizar exercícios de argumentação.
- Apresentar um local de observação ou material etnográfico para análise.
- Elaborar uma questão de pesquisa de acordo com o site ou materiais apresentados.

Duração	Conteúdo	Descrição
5'	Apresentação da sessão	Apresente as atividades.
20'	Contra-argumentando a violência estrutural contra as mulheres	Neste ponto, devemos dar um exemplo de alguém que justifica um tipo de violência estrutural no contexto de lazer noturno. Com base nesta opinião, devemos gerar contra-argumentos. Dinâmica: - Formaremos grupos de três a seis pessoas e, depois de darmos o exemplo, pediremos que contra-argumentem as opiniões expressas.
30'	Apresentação de espaços, técnicas e materiais para os exercícios práticos	Devemos começar por esclarecer que, para a parte prática da formação, as pessoas podem optar pelo formato online ou presencial. Será alocado tempo adequado para o processo de seleção e formação do grupo. 1. Formato online Proporemos a análise de um documento considerado etnográfico, desde que reflita ou capture algum aspeto que desejemos explorar: práticas, imaginários, situações, configurações espaciais, etc. Para orientar a análise, será fornecido um conjunto de questões a serem respondidas.

		<p>Dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - As pessoas que não podem ou não querem realizar a observação participante farão este exercício. - No formato online, cada pessoa deverá realizar o exercício individualmente. Assim sendo, apresentaremos apenas as Questões para facilitar a análise (ver secção Materiais) e informações básicas que servem para contextualizar a matéria que vamos analisar: Quem fez isto? A que contextos se refere? Que tipo de perfil de pessoas irá aparecer? Que tipo de formato possui? Quanto tempo levaremos a vê-lo ou a lê-lo? <p><u>2. Formato presencial</u></p> <p>Será proposto um local para uma observação de duas horas. Serão fornecidas e descritas ferramentas para o registo de dados e um guião de questões para orientar a observação. Convém esclarecer que, em caso algum, será realizado um trabalho secreto, declarando explicitamente o nosso papel em todas as interações.</p> <p>Dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Primeiramente, formaremos os grupos que farão a observação. Dependendo da natureza dos locais selecionados, recomenda-se a determinação do tamanho do grupo, desaconselhando-se grupos superiores a 5 pessoas. - O local de observação será contextualizado com informação muito geral. Tenha em atenção que estes devem ser locais onde as pessoas formadoras já trabalharam. - É importante explicar que cada pessoa terá de gravar notas de voz durante a observação, pois deverá ter respondido a pelo menos uma questão de cada secção do Guião de Observação para a sessão seguinte. - Para facilitar o trabalho, podemos oferecer aos grupos a opção de pré-atribuir diferentes blocos de questões. - Para além da observação participante, deverão também ser apresentadas outras ferramentas e técnicas disponíveis, tanto para estabelecer uma relação como para recolher informação. Ver Técnicas de observação de um espaço de lazer na secção Materiais. - Por fim, devemos especificar os pontos inicial e final das observações.
5'	Encerramento da sessão	Concluiremos a sessão, especificando o dia e a hora da observação seguinte.

MATERIAIS	
BLOCO 3 - Detecção e prevenção da violência em contextos de risco	
Sessão 3: Apresentação do exercício prático	
Conteúdo	Material proposto pela ABD
Contra-argumentando a violência estrutural contra as mulheres	<p>Propomos o seguinte vídeo, que mostra a gerência de uma discoteca a explicar porque procura empregadas de mesa atraentes, altas e solteiras.</p> <p><u>Questões para facilitar a análise:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Concordam com as opiniões expressas no vídeo? Porquê? - Conseguem identificar algum estereótipo ou preconceito? Se sim, quais? - Que argumentos utilizariam para contrariar essas opiniões?
	Critérios para a seleção de materiais
	<p>Nesta parte da sessão, devemos fornecer materiais audiovisuais que apoiem a teoria e nos permitam refletir sobre os preconceitos e a violência que podemos encontrar durante a intervenção.</p> <p>O vídeo deve incluir:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Opiniões que consideramos preconceitos ou estereótipos. - As opiniões devem ser consideradas violência contra as mulheres. - Deve existir uma componente estrutural, como o acesso a direitos, serviços, etc.
Apresentação de espaços, técnicas e materiais para os exercícios práticos	Formato online - Material proposto pela ABD
	<p><u>Aviso de conteúdo</u></p> <p>Precisamos de considerar que se utilizarmos o material principal, estamos a mostrar uma situação de violência real. Neste caso, estamos a falar de assédio e tentativa de roubo. Pode haver alguém que ache isso desconfortável e não queira ou não possa participar no exercício. Assim, devemos avisar sobre o conteúdo e alterar o material caso alguém o solicite. Se fornecermos o aviso de conteúdo no mesmo dia, ou estamos a forçar alguém a expor-se ao exercício ou a expressar o seu desconforto em público. Para evitar isto, comunicaremos o conteúdo do vídeo na primeira sessão do bloco para dar às pessoas participantes a oportunidade de expressar desconforto em privado e alterar o material sem dizer nada ao resto do grupo.</p>

Material principal

A pessoa facilitadora compilou anteriormente um vídeo *do YouTuber* Roma Gallardo, mostrando e justificando um assalto na Feira de Málaga, juntamente com um vídeo do *YouTuber* For Fast no botellón de Málaga. Este último fornecerá contexto para a violência específica do primeiro vídeo.

Questões para facilitar a análise (Disclaimer: as questões são formuladas utilizando uma suposição baseada na identidade de género percebida pelas pessoas no vídeo)

- Como descreveriam o contexto apresentado nos vídeos?
- Como descreveriam a situação entre as raparigas menores de idade e os dois homens?
- O que pensam das suas atitudes?
- O que pensam das atitudes das raparigas?
- O que acham da forma como as raparigas usam os seus telemóveis?

Material secundário

Propomo-nos a analisar dois videoclips de reggaeton, um de Nicky Jam e outro de Ivy Queen.

Rainha Hera

https://www.youtube.com/watch?v=3KvJsfBuhlU&ab_channel=IvyQueenLaDivaFC

Nicky Jam

https://www.youtube.com/watch?v=kkx-7fsiWgg&ab_channel=NickyJamTV

Questões para facilitar a análise

- Como descreveriam a atitude de Nicky Jam? E a de Ivy Queen's?
- Acham que os videoclips contam histórias realistas?
- Qual é a diferença na forma como Nicky Jam e Ivy Queen abordam o flirt?
- Conseguem imaginar as circunstâncias que podem surgir de uma forma de flirt e de outra?
- O reggaeton pode ser considerado uma prática sexual?

Formato online - Critérios para a seleção de materiais

Devemos selecionar documentos que consideramos **etnográficos**, no sentido em que evidenciam práticas, situações ou opiniões em ambientes de diversão noturna que queremos trabalhar ou analisar. Neste sentido, devem ser comparáveis ou de alguma forma equivalentes aos ambientes de diversão noturna que pretendemos observar pessoalmente.

Podemos escolher tanto documentos audiovisuais como escritos, mas é fundamental realçar que repetiremos o exercício nas práticas dos três primeiros blocos. Dado que os temas abordados em cada bloco são relacionados mas diferentes, os documentos selecionados podem estar interligados, ou podemos construir uma relação ficcional, garantindo sempre que as realidades retratadas são comparáveis ou equivalentes nalgum sentido.

Aqui estão algumas ideias para diferentes formatos que podem ser úteis, como **documentários, YouTubers ou séries de ficção**. Podem também ser apresentadas diferentes situações a partir da experiência das pessoas formadoras; no entanto, isto apresenta o desafio de conceber um documento suficientemente rico em opiniões e descrições.

Recomenda-se seguir os seguintes critérios ao selecionar ou projetar estes materiais:

- Devem referir-se a um ambiente de diversão noturna semelhante àqueles com os quais normalmente nos envolvemos.
- Deverão permitir a discussão do tema correspondente a cada bloco.
- Devem ser ricos em descrições e/ou opiniões na primeira pessoa.
- Devem retratar uma situação ou prática que desejamos analisar.
- Devem envolver as pessoas participantes na formação.

Formato presencial - Material proposto pela ABD

Técnicas de observação de um espaço de lazer.

- **Observação digital não participante:** Observar as redes sociais dos bares e discotecas ligadas aos espaços observados ou parte da própria observação pode fornecer informações valiosas. Tenha atenção às fotos, opiniões e vídeos. Compare as opiniões dos locais com as das pessoas utilizadoras. Nunca intervenha secretamente em *chats* ou outros espaços.
- **Shazam:** Analisar as músicas tocadas pode fornecer muitas informações numa observação inicial.
- **Fotografia:** Pode ser uma ferramenta que fornece informação para a descrição de espaços ou elementos urbanos considerados relevantes. Nunca mostre rostos ou elementos reconhecíveis, como tatuagens, e evite o uso excessivo desta ferramenta ou para captar pessoas em situações comprometedoras.
- **Dinâmica de avaliação do conhecimento:** “Passa a Palavra”: São colocadas questões sobre diferentes conceitos relacionados com as sexualidades, seguindo a dinâmica do programa televisivo.
- **Alcoolímetros:** Serão utilizados testes de álcool para recolher dados sobre o consumo de álcool e o policonsumo de drogas.
- **Diagrama de prioridades:** Utilizando um alvo como diagrama, as pessoas presentes nos

espaços de diversão noturna serão convidadas a construir a sua festa ideal, colocando os elementos mais importantes no centro e os restantes nas bordas. Recomenda-se fornecer antecipadamente alguns elementos para potenciar o desenvolvimento da dinâmica.

- **Gravações de áudio:** As pessoas participantes serão encorajadas a gravar notas áudio no local com as suas impressões e descrições dos locais, situações, práticas e opiniões. Registrar diretamente as pessoas observadas não é apropriado, uma vez que não se trata de uma entrevista.

Guião de observação:

1. Descrevam um dos grupos observados.

- Como descreveriam a maioria das pessoas neste espaço?
- Alguém vos chamou a atenção? Porquê?
- Que tipo de música estão a ouvir?
- Relativamente ao género, qual a composição dos grupos?

2. Descrevam o espaço.

- É homogéneo?
- Existem espaços diferentes? São usados da mesma maneira? Existem regras diferentes por género para o acesso aos espaços?
- Todas as pessoas utilizam todos os espaços da mesma forma?
- Existem espaços inseguros? Porquê? Para quem?

3. Descrevam as práticas.

- Qual é a substância principal? Detetaram outras substâncias?
- Detetaram estereótipos de género relativamente ao consumo? Quais?
- Detetaram comportamentos de risco? Quais?
- Acham que há ou poderia haver casos de violência? Porquê? Que tipos? Para quem? Por quem?

4. Estão presentes os três elementos necessários para a mudança?

Formato presencial – Critérios para a seleção de espaços de lazer

Critérios para a seleção do grupo:

- O grupo de observação não pode exceder as 5 pessoas, excluindo a pessoa formadora.

- Se necessário por razões logísticas, os grupos podem alternar entre a observação e o trabalho online em exercícios sucessivos.
- Recomenda-se que se considere a composição do grupo, no mínimo, em termos de diversidade de gênero.

Critérios para a seleção do local:

- Deverá ser um local de diversão noturna onde as pessoas formadoras já trabalharam. De preferência, deverá ser o mesmo local onde a intervenção piloto ocorrerá posteriormente
- Se for um local onde ocorre violência, devemos questionar a relevância de uma observação inicial. Neste caso, devemos considerar a experiência anterior tanto das pessoas formadoras como das pessoas participantes neste ou noutros locais. A participação nunca deve ser forçada.

Elementos de segurança:

- Ponderar a chegada e a saída dos espaços de diversão noturna, garantindo a segurança de todas as pessoas participantes. Recomenda-se a chegada e saída conjunta dos pontos seguros avaliados.
- Criar grupos de WhatsApp para comunicação em caso de divisão do grupo ou caso alguém se perca.
- Não fazer observações sozinho/a.
- Ouvir tanto quem nos acompanha como quem acompanhamos: não expor ninguém a situações indesejadas, terminar a observação se alguém do grupo o solicitar e, de um modo geral, demonstrar sensibilidade e camaradagem dentro da equipa.

Critérios para a seleção de ferramentas

Cada parceiro deverá utilizar os elementos que considere mais adequados ao seu contexto. Recomenda-se que sejam dinâmicas ou estratégias que as pessoas formadoras utilizem rotineiramente nas suas intervenções.

BLOCO 3 - Detecção e prevenção da violência em contextos de risco
SESSÃO 3. PRÁTICA 3: Violências em ambientes noturnos e de lazer

Descrição do exercício

Duração: 2 horas

Os exercícios práticos têm dois propósitos: primeiro, observar os conceitos ensinados no terreno, e segundo, simular o processo de uma intervenção hipotética, apresentando, de uma forma muito geral, todas as suas fases: Diagnóstico/Desenho/Implementação/Avaliação. Neste exercício inicial, iremo-nos focar na realização de um diagnóstico de um ambiente de diversão noturna. Para o efeito, devemos abordar a questão de investigação com a ajuda do guião que elaboramos. O objetivo não é que as pessoas participantes forneçam um diagnóstico preciso, mas sim apresentá-las às ferramentas de recolha de dados no local. As pessoas formadoras devem estar familiarizadas com o espaço para contribuir com os dados necessários, daí a importância de selecionar um local que seja familiar ou para o qual já tenhamos um diagnóstico prévio.

Objetivos:

Presencial:

- Realizar duas horas de observação num ambiente de diversão noturna.
- Responder às questões do guião.

Online:

- Analisar um documento considerado etnográfico.
- Responder às perguntas do guião.

Formato presencial

Critérios de inclusão na escolha dos locais de observação	Exercício proposto	Resultado esperado
<p>Critérios para a seleção do grupo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O grupo de observação não pode exceder as 5 pessoas, excluindo a pessoa formadora. - Se necessário por razões logísticas, os grupos podem alternar entre a observação e o trabalho online em exercícios sucessivos. - Recomenda-se que se considere a composição do grupo, no mínimo, em termos de diversidade de género. <p>Critérios para a seleção do local:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Deverá ser um local de diversão noturna onde as pessoas 	<p>Iremos para um local de diversão noturna; a observação com cada grupo terá a duração de 2 horas, devendo estes integrar-se no espaço e interagir quando considerarem adequado para recolher a informação delineada no guião fornecido na sessão anterior. Devemos lembrar que esta prática inicial deve estar relacionada com o conteúdo do Bloco 3 da formação CRISSCROSS (detecção e prevenção da violência em contextos de risco). Por isso, devemos concentrar a observação nesses tópicos.</p> <p>Guião de observação:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Descrevam um dos grupos observados. <ul style="list-style-type: none"> - Como descreveriam a maioria das 	<p>Espera-se que, na próxima sessão, cada grupo tenha respondido, com base na observação realizada, a pelo menos uma questão de cada secção do guião.</p>

<p>formadoras já trabalharam. De preferência, deverá ser o mesmo local onde a intervenção piloto ocorrerá posteriormente</p> <ul style="list-style-type: none"> - Se for um local onde ocorre violência, devemos questionar a relevância de uma observação inicial. Neste caso, devemos considerar a experiência anterior tanto das pessoas formadoras como das pessoas participantes neste ou noutros locais. A participação nunca deve ser forçada. <p>Elementos de segurança:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ponderar a chegada e a saída dos ambientes de diversão noturna, garantindo a segurança de todas as pessoas participantes. Recomenda-se a chegada e saída conjunta dos pontos seguros avaliados. - Criar grupos de WhatsApp para comunicação em caso de divisão do grupo ou caso alguém se perca. - Não fazer observações sozinho/a. - Ouvir tanto quem nos acompanha como quem acompanhamos: não expor ninguém a situações indesejadas, terminar a observação se alguém do grupo o solicitar e, de um modo geral, demonstrar sensibilidade e camaradagem dentro da equipa. <p>Critérios para a seleção de ferramentas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cada parceiro deverá utilizar os elementos que considere mais adequados ao seu contexto. Recomenda-se que sejam dinâmicas ou estratégias que as pessoas formadoras utilizem rotineiramente nas suas intervenções. 	<p>pessoas neste espaço?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Alguém vos chamou a atenção? Porquê? - Que tipo de música estão a ouvir? - Relativamente ao género, qual a composição dos grupos? <p>2. Descrevam o espaço.</p> <ul style="list-style-type: none"> - É homogéneo? - Existem espaços diferentes? São usados da mesma maneira? Existem regras diferentes por género para o acesso aos espaços? - Todas as pessoas utilizam todos os espaços da mesma forma? - Existem espaços inseguros? Porquê? Para quem? <p>3. Descrevam as práticas.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Qual é a substância principal? Detetaram outras substâncias? - Detetaram estereótipos de género relativamente ao consumo? Quais? - Detetaram comportamentos de risco? Quais? - Acham que há ou poderia haver casos de violência? Porquê? Que tipos? Para quem? Por quem? 	
--	---	--

Formato online		
Critérios de inclusão	Exercício proposto	Resultado esperado
<p>Devemos selecionar documentos que consideramos etnográficos, no sentido em que evidenciam práticas, situações ou opiniões em ambientes de diversão noturna que queremos trabalhar ou analisar. Neste sentido, devem ser comparáveis ou de alguma forma equivalentes aos ambientes de diversão noturna que pretendemos observar pessoalmente.</p> <p>Podemos escolher tanto documentos audiovisuais como escritos, mas é fundamental realçar que repetiremos o exercício nas práticas dos três primeiros blocos. Dado que os temas abordados em cada bloco são relacionados mas diferentes, os documentos selecionados podem estar interligados, ou podemos construir uma relação ficcional, garantindo sempre que as realidades retratadas são comparáveis ou equivalentes nalgum sentido.</p> <p>Aqui estão algumas ideias para diferentes formatos que podem ser úteis, como documentários, <i>YouTubers</i> ou séries de ficção. Podem também ser apresentadas diferentes situações a partir da experiência das pessoas formadoras; no entanto, isto apresenta o desafio de conceber um documento suficientemente rico em opiniões e descrições.</p> <p>Recomenda-se seguir os seguintes critérios ao selecionar ou projetar estes materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Devem referir-se a um ambiente de diversão noturna semelhante àqueles com os quais normalmente nos envolvemos. - Deverão permitir a discussão do tema correspondente a cada bloco. 	<p><u>Aviso de conteúdo</u></p> <p>Precisamos de considerar que se utilizarmos o material principal, estamos a mostrar uma situação de violência real. Neste caso, estamos a falar de assédio e tentativa de roubo. Pode haver alguém que ache isso desconfortável e não queira ou não possa participar no exercício. Assim, devemos avisar sobre o conteúdo e alterar o material caso alguém o solicite. Se fornecermos o aviso de conteúdo no mesmo dia, ou estamos a forçar alguém a expor-se ao exercício ou a expressar o seu desconforto em público. Para evitar isto, comunicaremos o conteúdo do vídeo na primeira sessão do bloco para dar às pessoas participantes a oportunidade de expressar desconforto em privado e alterar o material sem dizer nada ao resto do grupo.</p> <p><u>Material principal</u></p> <p>A pessoa facilitadora compilou anteriormente um vídeo do <i>YouTuber</i> Roma Gallardo, mostrando e justificando um assalto na Feira de Málaga, juntamente com um vídeo do <i>YouTuber</i> For Fast no botellón de Málaga. Este último fornecerá contexto para a violência específica do primeiro vídeo.</p> <p><u>Questões para facilitar a análise (Disclaimer: as questões são formuladas utilizando uma suposição baseada na identidade de género percebida pelas pessoas no vídeo)</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Como descreveriam o contexto apresentado nos vídeos? - Como descreveriam a situação entre as raparigas menores de idade e os dois homens? 	<p>Na próxima sessão, espera-se que cada pessoa tenha respondido, com base no documento analisado, a todas as questões do guião.</p>

<ul style="list-style-type: none"> - Devem ser ricos em descrições e/ou opiniões na primeira pessoa. - Devem retratar uma situação ou prática que desejamos analisar. - Devem envolver as pessoas participantes na formação. 	<ul style="list-style-type: none"> - O que pensam das suas atitudes? - O que pensam das atitudes das raparigas? - O que acham da forma como as raparigas usam os seus telemóveis? <p><u>Material secundário</u></p> <p>Propomo-nos a analisar dois videoclips de reggaeton, um de Nicky Jam e outro de Ivy Queen.</p> <p>Rainha Hera</p> <p>https://www.youtube.com/watch?v=3KyJsfBuhlU&ab_channel=IvyQueenLaDivafC</p> <p>Nicky Jam</p> <p>https://www.youtube.com/watch?v=kx-7fsiWgg&ab_channel=NickyJamTV</p> <p>Vídeo alternativo (em inglês):</p> <p>https://www.youtube.com/watch?v=iUj2OHLAG3w</p> <p><u>Questões para facilitar a análise</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Como descreveriam a atitude de Nicky Jam? E a de Ivy Queen's? - Acham que os videoclips contam histórias realistas? - Qual é a diferença na forma como Nicky Jam e Ivy Queen abordam o flirt? - Conseguem imaginar as circunstâncias que podem surgir de uma forma de flirt e de outra? - O reggaeton pode ser considerado uma prática sexual? 	
---	---	--

BLOCO 3 - Detecção e prevenção da violência em contextos de risco

Sessão 4: Aplicação da metodologia da mudança comportamental

Visão geral da sessão

Duração: 2 horas

Para iniciar esta sessão é fundamental que tenhamos concluído o primeiro exercício prático, pois iremos utilizar as observações e análises de documentos etnográficos para responder à questão de investigação. A resposta obtida será correlacionada com o Modelo da Mudança Comportamental, desenhando-se, em última instância, indicadores que permitam averiguar se estão presentes as condições para a mudança desejada.

Objetivos:

- Definir uma mudança específica que queremos promover no espaço selecionado relacionada com o modelo lecionado.
- Elaborar uma lista de indicadores para verificar se as condições para a mudança estão reunidas: oportunidade/capacidade/motivação.

Duração	Conteúdo	Descrição
5'	Apresentação da sessão	Apresente as atividades: a sessão terá como objetivo a discussão dos exercícios práticos
30'	Comente os exercícios práticos realizados	Deixaremos um espaço para quem desejar expor as suas impressões sobre o exercício prático realizado. Dinâmica: Será facilitada uma discussão sobre as observações e os documentos online propostos. As questões dos guiões serão utilizadas para facilitar esta discussão. Consulte as questões do Guião de Observação , no caso da observação presencial, e as Questões para facilitar a análise para o formato online.
25'	Proponha uma mudança	Neste ponto, e na sequência da discussão anterior, devemos decidir quais os elementos que queremos alterar e porquê. Um critério a considerar é que deve existir oportunidade, capacidade e motivação para a mudança. Iremos equiparar o trabalho presencial ao online, uma vez que os documentos foram selecionados para mostrar aspetos que trabalhamos ou que desejamos abordar nos ambientes de diversão noturna e, por isso, consideramo-los comparáveis nalgum sentido.

		<p>Dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - As pessoas participantes serão organizadas em equipas com um mínimo de três e um máximo de seis elementos. - As seguintes questões serão colocadas aos grupos: <ul style="list-style-type: none"> - Que mudança gostariam de incentivar no espaço observado? - Os elementos essenciais para a mudança estão presentes? (oportunidade, capacidade e motivação) - Será atribuído um prazo de 15 a 20 minutos para se chegar a um consenso sobre a resposta. - Serão apresentadas as respostas de cada grupo, sendo selecionado um único elemento de mudança para a abordagem presencial e outro para o formato online.
15'	Saber perder e dar apoio	<p>O objetivo deste exercício é mostrar que nem sempre podemos fazer mudanças, pois muitas vezes o contexto é tão complexo que não o permite. Devemos explicar que nestes casos devemos apenas oferecer apoio.</p> <p>Dinâmica:</p> <p>Será apresentado material audiovisual juntamente com questões para facilitar o debate.</p>
20'	Desenho de indicadores para promover mudanças	<p>Com base na discussão anterior, precisamos de criar indicadores que destaquem as oportunidades, as capacidades e as motivações para a mudança desejada.</p> <p>Dinâmica:</p> <p>Com os mesmos grupos da atividade inicial, as pessoas participantes deverão criar um mínimo de 2 indicadores cada que permitam inferir a existência de motivação (2), oportunidade (2) e capacidade para realizar a mudança proposta (2).</p> <p>Devemos reservar um mínimo de 10 minutos para discussão.</p>
20'	Proposta de intervenção	<p>As pessoas participantes irão sugerir uma atividade inicial para a intervenção. A proposta deverá estar relacionada com a mudança que queremos promover.</p> <p>Dinâmica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mantendo os mesmos grupos, destinaremos cerca de 10 minutos para que apresentem uma proposta de intervenção simples. Pode ser uma dinâmica, uma pergunta, uma ação, etc. - A atividade proposta deve estar relacionada com a oportunidade, a

		<p>capacidade e a motivação para a mudança identificadas anteriormente.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Finalmente, passaremos mais 10 minutos apresentando todas as intervenções e selecionando uma.
5'	Encerramento da sessão	Concluiremos, especificando o dia e a hora da próxima sessão.

MATERIAIS	
BLOCO 3 - Detecção e prevenção da violência em contextos de risco	
Sessão 4: Aplicação da metodologia da mudança comportamental	
Conteúdo	Material proposto pela ABD
Saber perder e dar apoio	<p>Vídeo Requem for a Dream - O monólogo de Ellen Burstyn</p> <p>Questões para discussão:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quais os motivos do consumo de Ellen? - Conseguem identificar as motivações, as oportunidades e as capacidades de consumo de Ellen? - E as motivações, oportunidades e capacidades para não consumir? - Que tipo de intervenção seria necessária para ajudar Ellen?
	Critérios para a seleção de materiais
	<p>Nesta parte da sessão, devemos fornecer materiais audiovisuais que apoiem a teoria e nos permitam refletir sobre a violência estrutural. Temos de ser capazes de identificar os três elementos da mudança inversa: motivação, oportunidade e capacidade de não mudar.</p>

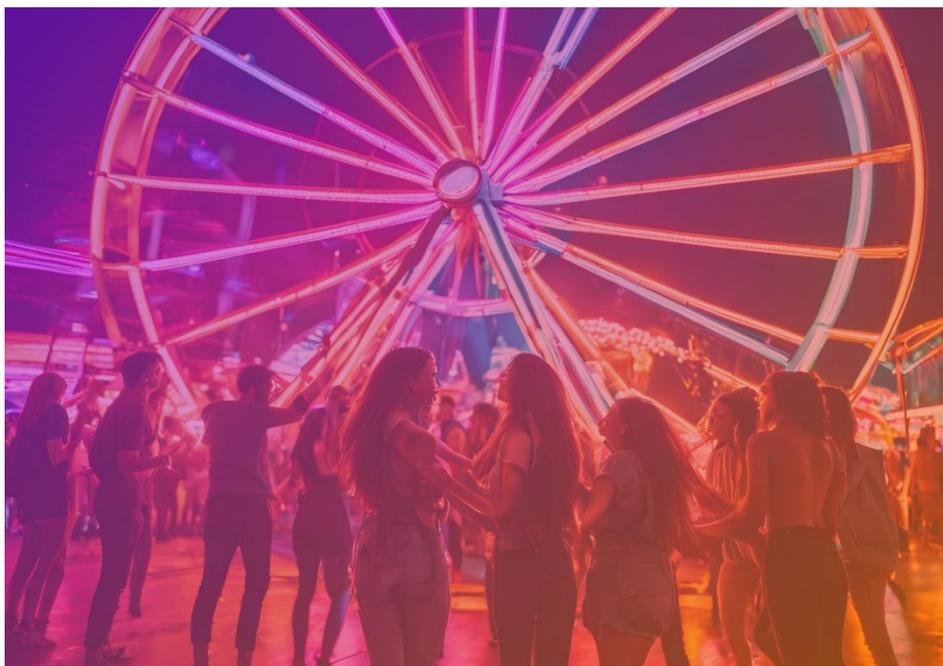
BLOCO 4

-

Como aplicar o Modelo
da Mudança
Comportamental

-

- **Sessão 1: Desenho de uma intervenção**
- **Sessão 2: Prática 4 - Implementar uma intervenção**
- **Sessão 3: Análise e Avaliação**



BLOCO 4 - Como aplicar o Modelo da Mudança Comportamental

Sessão 1: Desenho de uma intervenção

Visão geral da sessão

Duração: 3 horas

O objetivo deste bloco final de formação é pôr em prática os conhecimentos transmitidos em todas as sessões anteriores. Esta primeira sessão de 3 horas irá focar-se no planeamento de uma ação específica que aborde uma das questões de mudança de comportamento geradas ao longo dos exercícios práticos nas sessões metodológicas anteriores. A estrutura de intervenção, os grupos de intervenção e os turnos serão explicados. O resto da sessão orientará os grupos a escolher uma questão de mudança de comportamento de entre as geradas anteriormente e a implementar uma intervenção específica durante a sua prática. No final desta sessão, todos os grupos deverão apresentar as seguintes secções:

- Que mudança querem gerar
- Indicadores de capacidade/oportunidade/motivação
- Ação específica e como se relaciona com os indicadores
- Resultados esperados

Para esta sessão, é um requisito obrigatório a realização da prática presencial dada a importância de se poder implementar uma ação específica que permita colocar em prática os conhecimentos transmitidos, pelo menos uma vez ao longo da formação.

Objetivos:

- Explicar o contexto da intervenção: stand com itinerários
- Estabelecer grupos de trabalho
- Definir horários para a parte prática de cada grupo de trabalho
- Garantir que cada grupo de trabalho tem o seu próprio plano de intervenção para implementar

Duração	Conteúdo	Descrição
10'	Apresentação do último bloco e da sessão	<p>O último bloco será apresentado e o seu funcionamento será explicado. De salientar que neste caso não existe opção online para a parte prática.</p> <p>A maior duração da parte prática e o seu funcionamento serão explicados nesta primeira sessão.</p> <p>A segunda sessão será a parte prática, e a última sessão será o encerramento da intervenção e da formação.</p>

20'	Explicação do funcionamento da última parte prática e do contexto da intervenção.	<p>Será explicado como será realizada a parte prática deste último bloco: os grupos trabalharão, devendo selecionar e trabalhar para responder a 4 aspetos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - 1 questão de mudança trabalhada anteriormente - Os seus indicadores COM (capacidade, oportunidade, motivação) - 1 ação específica - Os resultados esperados e os indicadores para os medir <p>Será explicado o contexto em que a ação específica deve ser incluída.</p> <p>A ação específica deve estar relacionada com um dos 3 blocos de conteúdo anteriores: sexualidade e relações de género, consumo de substâncias ou violência.</p>
10'	Divisão em grupos de trabalho e distribuição de turnos na intervenção.	<p>O grupo será dividido em equipas.</p> <p>Os turnos serão explicados e terão alguns minutos para se organizarem e decidirem.</p> <p>Por fim, serão atribuídos turnos.</p>
120'	Tempo de trabalho	<p>Os grupos terão tempo para trabalhar nos quatro aspetos que precisam de abordar.</p> <p>As dúvidas serão atendidas e respondidas. É aconselhável prestar atenção aos grupos para orientar.</p> <p>Podem ser utilizados materiais considerados relevantes.</p>
5'	Encerramento da sessão	<p>A sessão será encerrada perguntando se há alguma dúvida. Os horários e locais de encontro serão confirmados e a sessão será encerrada.</p>

MATERIAIS	
BLOCO 4 - Como aplicar o Modelo da Mudança Comportamental	
Sessão 1: Desenho de uma intervenção	
Conteúdo	Material proposto pela ABD
Explicação do funcionamento da última parte prática e do contexto da intervenção.	Informação básica sobre o piloto a implementar através do projeto CRISSCROSS e o diagnóstico realizado.
	Critérios para a seleção de materiais
	Os dois primeiros pontos foram trabalhados individualmente ao longo de toda a formação. Caso não estejam disponíveis, podem ser endereçados especificamente para o piloto, descartados, etc. A seleção do local da atividade prática pode ser onde o piloto será implementado ou outros espaços onde já ocorram intervenções semelhantes (como stands de lazer, por exemplo).
Tempo de trabalho	Material proposto pela ABD
	Serão utilizados materiais gerados individualmente durante todo o processo de formação. Durante este processo, serão empregues dados de inquéritos específicos.
	Critérios para a seleção de materiais
	Nos casos em que os grupos não possuam questões de mudança, poderão ser fornecidas algumas questões específicas do piloto (utilizadas ou não), outras a serem testadas, de outros parceiros, etc. Podem ser utilizados dados de investigação individual, nacional ou europeia. Recomenda-se que se considere a composição do grupo, pelo menos no que diz respeito à diversidade de género.

BLOCO 4 - Como aplicar o Modelo da Mudança Comportamental

SESSÃO 2. PRÁTICA 4: Implementar uma intervenção

Descrição do exercício

Duração: 4 horas

Esta prática, obrigatória, consistirá na implementação da intervenção desenhada na sessão anterior. A prática decorrerá no espaço onde será realizado o piloto. As ações específicas a implementar serão realizadas no contexto da intervenção de base que terá lugar no piloto e serão adaptadas a cada parceiro.

Proposta de intervenção da ABD: montar um stand informativo com 3 pessoas e 1 equipa técnica, e 3 pessoas a realizar itinerários com 1 equipa técnica. Os grupos serão organizados em turnos de 2 horas, sendo que a intervenção total terá a duração de 6 horas diárias.

As funções dentro de cada grupo serão divididas em duas: pessoas que implementam a ação específica e pessoas que avaliam o desenvolvimento desta ação. As restantes 2 horas da sessão serão dedicadas ao trabalho de grupo em torno da preparação da atividade, implementação, recolha de dados e avaliação.

Objetivos:

- Implementar uma ação específica para provocar uma mudança concreta no âmbito de uma intervenção social.
- Avaliar a implementação de uma ação específica em relação à mudança proposta no âmbito de uma intervenção social.

Formato presencial

Critérios de inclusão na escolha dos locais de observação	Exercício proposto	Resultado esperado
<p>Critérios para a seleção do grupo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O grupo de observação não pode exceder as 5 pessoas, excluindo a pessoa formadora. - Se necessário por razões logísticas, os grupos podem alternar entre a observação e o trabalho online em exercícios sucessivos. - Recomenda-se que se considere a composição do grupo, no mínimo, em termos de diversidade de 	<p>Concretização de uma ação específica para provocar uma mudança concreta no âmbito de uma intervenção social. O seguinte script da sessão anterior deve ser concluído para tal:</p> <ul style="list-style-type: none"> - 1 questão de mudança trabalhada anteriormente - Os seus indicadores COM (capacidade, oportunidade, motivação) - 1 ação específica 	<p>Espera-se que, na próxima sessão, cada grupo tenha respondido, com base na observação realizada, a pelo menos uma questão de cada secção do guião.</p>

<p>género.</p> <p>Crítérios para a seleção do local:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Deverá ser um local de diversão noturna onde as pessoas formadoras já trabalharam. De preferência, deverá ser o mesmo local onde a intervenção piloto ocorrerá posteriormente - Se for um local onde ocorre violência, devemos questionar a relevância de uma observação inicial. Neste caso, devemos considerar a experiência anterior tanto das pessoas formadoras como das pessoas participantes neste ou noutros locais. A participação nunca deve ser forçada. <p>Elementos de segurança:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ponderar a chegada e a saída dos ambientes de diversão noturna, garantindo a segurança de todas as pessoas participantes. Recomenda-se a chegada e saída conjunta dos pontos seguros avaliados. - Criar grupos de WhatsApp para comunicação em caso de divisão do grupo ou caso alguém se perca. - Não fazer observações sozinho/a. - Ouvir tanto quem nos acompanha como quem acompanhamos: não expor ninguém a situações indesejadas, terminar a observação se alguém do grupo o solicitar e, de um modo geral, demonstrar sensibilidade e camaradagem dentro da equipa. <p>Crítérios para a seleção de ferramentas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cada parceiro deverá utilizar os 	<ul style="list-style-type: none"> - Os resultados esperados e os indicadores para os medir. <p>A ação específica será enquadrada numa intervenção típica que terá lugar durante o piloto.</p> <p>Proposta de intervenção da ABD. A proposta de intervenção tem duas formas principais: atenção estática a partir de um <i>stand</i> informativo, com materiais informativos, cartazes específicos e materiais necessários. A outra forma de contacto com a população utente é através de percursos pelos espaços envolventes da área de intervenção.</p> <p>Para as ações em stands e roteiros serão disponibilizados os seguintes recursos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Alcoolímetros - Jogo trivial sobre drogas - Dispensação responsável de métodos contraceptivos - Passa a palavra (jogo de palavras) - Jogo de pistas sobre violência sexual (Cluedo de violências sexuais) - Jogo IST (infecções sexualmente transmissíveis) <p>Da mesma forma, dentro de cada equipa, existirá uma função para as pessoas que recolhem dados durante a ação com o objetivo de avaliar os seus resultados com base na mudança desejada. Para este efeito, as ferramentas disponibilizadas incluirão:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Observação não participante - Dinâmicas de avaliação do conhecimento (Jogo de palavras, curiosidades sobre drogas e 	
---	---	--

<p>elementos que considere mais adequados ao seu contexto. Recomenda-se que sejam dinâmicas ou estratégias que as pessoas formadoras utilizem rotineiramente nas suas intervenções.</p>	<p>dispensa responsável de contraceptivos)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Shazam (uma aplicação de reconhecimento de música) - Fotografia - Diagrama de prioridades - Gravações de áudio 	
---	--	--

BLOCO 4 - Como aplicar o Modelo da Mudança Comportamental

Sessão 3: Análise e Avaliação

Visão geral da sessão

Duração: 3 horas

Esta última sessão do bloco será baseada na sessão prática obrigatória anterior. Implicará revisitar o trabalho realizado na primeira sessão do último bloco e realizar uma avaliação da ação implementada. Da mesma forma, o foco estará nos resultados obtidos e nos resultados esperados.

Será realizada uma revisão do funcionamento da ação em relação aos objetivos propostos e à questão de mudança selecionada.

Por fim, a sessão abordará os pontos fortes e as propostas de melhoria para a ação implementada.

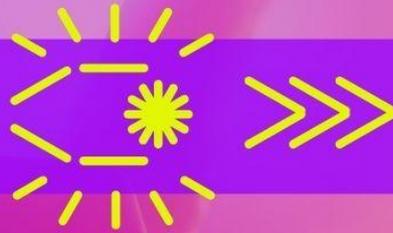
Em última análise, será realizada uma avaliação global da formação utilizando os métodos propostos pela Universidade de Sevilha, centrando-se nos aspetos relevantes.

Duração	Conteúdo	Descrição
5'	Apresentação da sessão	Serão apresentados os temas a abordar no último bloco e o seu conteúdo: discussão sobre as ações implementadas e as suas avaliações, avaliação de ambos os aspetos, avaliação da intervenção e avaliação global de toda a formação.
45'	Discutir o contexto de intervenção e as práticas específicas	<p>Reuniremos as equipas de trabalho e disponibilizaremos um espaço para quem quiser partilhar as suas impressões sobre o exercício prático. Da mesma forma, utilizaremos as questões dos guiões trabalhados nas sessões metodológicas anteriores. Serão utilizadas as questões relativas às Descrições de práticas de cada bloco temático anterior.</p> <p>Para finalizar esta parte da sessão, será exibido um vídeo de um meio de comunicação social retratando as práticas noturnas da população jovem que envolvem o uso de substâncias. Um conjunto de questões será apresentado aos grupos para estimular a discussão:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Existem semelhanças nas práticas? E diferenças? - Acham que há alterações nos indicadores COM? - Que ações implementariam neste contexto? As mesmas? Porquê? Diferentes? Porquê?

<p>80'</p>	<p>Discutir a ação implementada e os seus resultados</p>	<p>Com base no vídeo anterior e na discussão gerada, serão apresentadas as ações específicas que cada grupo implementou. Cada equipa terá tempo para responder a uma série de questões:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Que ação implementaram? Que indicadores COM a vossa ação visava? - A ação enquadra-se no quadro de intervenção? Como? Porquê? Potencialidades e/ou barreiras? - Quais eram os resultados esperados? Quais foram os resultados obtidos? - Atingiram o objetivo proposto? Como? Porquê? - O que resultou com a vossa ação? E o que correu mal? Porquê? - Como melhorariam a vossa ação? Têm alguma ideia para novas ações ou dinâmicas específicas? - Como melhorariam a intervenção (<i>stand</i> + itinerância)? <p>As pessoas formadoras orientarão o processo de trabalho e responderão a quaisquer questões específicas que surjam.</p>
<p>40'</p>	<p>Entrega de materiais, análise, avaliação e encerramento da formação</p>	<p>Serão apresentados e explicados diversos materiais que serão entregues a todas as pessoas participantes da formação. Cada um deles e o seu conteúdo serão explicados.</p> <p>Será esclarecido que parte da avaliação do programa CRISSCROSS passa pela aplicação de um inquérito às pessoas que recebem a formação.</p> <p>Por último, recorde-se que será aplicado um outro questionário sobre a avaliação da formação. A formação será encerrada perguntando-se as suas impressões sobre o conteúdo, as práticas, se faltou ou excedeu nalgum aspeto, aplicabilidade nas suas áreas, etc.</p> <p>Serão facultados contactos, moradas, redes sociais e outras informações relevantes. Agradecer-se-á às pessoas participantes e a formação será oficialmente concluída.</p>

MATERIAIS	
BLOCO 4 - Como aplicar o Modelo da Mudança Comportamental	
Sessão 3: Análise e Avaliação	
Conteúdo	Material proposto pela ABD
<p>Discutir o contexto de intervenção e as práticas específicas</p>	<p><u>Guião de questões relacionadas com as práticas dos blocos anteriores:</u></p> <p>BLOCO 1. Género e Sexualidades. Descrevam as práticas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identificaram estereótipos de género? Quais? - Notaram dinâmicas ou práticas ligadas ao género? Quais? - Perceberam o espaço como equitativo em termos de género e experiências de sexualidade? <p>BLOCO 2. Uso de substâncias. Descrevam as práticas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Qual é a substância principal? Identificaram outras substâncias? - Observaram estereótipos de género relacionados com o uso de substâncias? Quais? - Identificaram comportamentos de risco no uso de substâncias? Quais? - Notaram alguma prática de cuidado? Quais? <p>BLOCO 3. Detecção e Prevenção da Violência em Contextos de Risco. Descrevam as práticas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Detetaram estereótipos de género? Quais? - Notaram dinâmicas ou práticas ligadas ao género? Quais? - Perceberam o espaço como equitativo em termos de género e experiências de sexualidade? - Acham que a violência ocorre ou poderia ocorrer? Porquê? Que tipos? Para quem? Por quem? <p>Para a segunda parte, o vídeo sugerido está relacionado com o fenómeno vulgarmente conhecido por “Tren Botellón”, um fenómeno social recorrente ao longo dos anos. Envolve jovens da zona urbana de Barcelona que se deslocam para zonas mais distantes da área metropolitana para frequentar duas discotecas, iniciando o seu consumo nos comboios que utilizam para transporte.</p> <p>Esta notícia, com vídeo e texto, é de 2023: [Tren del Botellón – El Periódico]</p>

	<p>Critérios para a seleção de materiais</p>
	<p>Para a seleção do material audiovisual os critérios são:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Deve retratar a população-alvo do piloto e as suas práticas de vida noturna. - Deve mostrar as práticas de consumo de substâncias. - As práticas apresentadas devem ser semelhantes, mas com diferenças; por exemplo, diferentes espaços de consumo ou modos de transporte. No caso da ABD, o piloto e este material têm em comum o facto de mostrarem a vida noturna e práticas públicas de consumo de álcool ligadas a espaços formais de lazer, mas no vídeo um dos locais onde ocorre o consumo é diferente de onde o piloto será implementado . <p>O objetivo é apresentar contextos semelhantes para introduzir, na secção seguinte, a adaptação das ações propostas no âmbito do tipo de intervenção e contexto.</p>
<p>Entrega de materiais, avaliação, avaliação e encerramento da formação</p>	<p>Material proposto pela ABD</p>
	<p>Materiais finais a distribuir propostos pela ABD:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Repertório e diretório de recursos compilados - Catálogo de melhores práticas compilado pelo projeto CRISSCROSS - Materiais gerados durante a formação - Materiais preventivos específicos das entidades e gerados pelo projeto CRISSCROSS
	<p>Critérios para a seleção de materiais</p>
	<p>Os materiais gerados através do projeto CRISSCROSS entregues podem ser previamente acordados entre todos os parceiros. Os materiais específicos a entregar poderão ser selecionados com base em critérios de adequação ao contexto de cada parceiro.</p>



cr | s s
cr * s s

Intervention program in nightlife,
leisure and socialization venues to raise awareness
and prevent GBV behaviours – including LGBTIphobia –
linked to sexual violence and substance use

Projecto financiado com o apoio da Comissão Europeia.

A informação contida nesta publicação vincula exclusivamente o autor, não sendo a Comissão responsável pela utilização que dela possa ser feita.

 crisscross_project

 www.crisscrossproject.org